

Relatório de Estágio

Prática regular do instrumento musical: Tabelas de estudo individual para alunos de Trompa desde a Iniciação ao Secundário

João Filipe Dinis Gaspar

Mestrado em Ensino da Música

setembro de 2018

Orientador: Professor Paulo Guerreiro

Coorientador: Professor Joaquim Carmelo Rosa

Relatório de Estágio

Prática regular do instrumento musical: Tabelas de estudo individual para alunos de Trompa desde a Iniciação ao Secundário

João Filipe Dinis Gaspar

Relatório Final do Estágio do Ensino Especializado, apresentado à Escola Superior de Música de Lisboa, do Instituto Politécnico de Lisboa, para cumprimento dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Música, conforme Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio.

setembro de 2018

Orientador: Professor Paulo Guerreiro

Coorientador: Professor Joaquim Carmelo Rosa

Índice de Conteúdos

Índice de Figuras	v
Índice de Gráficos.....	vi
Índice de Quadros	vii
Índice de Tabelas	viii
Lista de Termos e Abreviaturas	ix
Agradecimentos.....	x
Resumo I.....	xi
Abstract I	xii
Resumo II	xiii
Abstract II	xiv
Parte I - Prática Pedagógica	1
1. Introdução.....	2
2. Academia de Música de Óbidos	2
2.1. Contextualização histórica.....	2
2.2. Contextualização Geográfica, Socioeconómica e Cultural	3
2.2.1. Geográfica e Cultural.....	3
2.2.2. Socioeconómica	3
2.2.3. Recursos e Infraestruturas	4
2.3. Ligação à comunidade envolvente.....	5
2.3.1. Relação e Participação das Autarquias e Instituições Locais.....	5
2.3.2. Relação e Participação dos Encarregados de Educação.....	5
2.4. Organização e Funcionamento.....	6
2.4.1. Órgãos de Gestão	6
2.4.2. Direção do CAME.....	7
2.4.3. Direção Pedagógica	7
2.4.4. Conselho Geral de Professores ou Pedagógico	7
2.4.5. Direção de Curso Secundário.....	7
2.4.6. Coordenação Informal de Departamentos	8
2.5. Comunidade Educativa.....	8
2.5.1. Corpo Docente	8
2.5.2. Corpo Não Docente.....	8

2.5.3.	Corpo Discente.....	8
2.6.	Projeto Educativo	12
2.6.1.	Oferta Educativa.....	12
2.6.2.	Avaliação do Projeto Educativo	13
2.7.	Regulamento Interno	14
2.8.	Análise SWOT	14
3.	Conservatório de Artes Performativas de Almada.....	16
3.1.	Contextualização histórica.....	16
3.2.	Contextualização Geográfica, Socioeconómica e Cultural	16
3.2.1.	Geográfica e Cultural.....	16
3.2.2.	Socioeconómica	17
3.2.3.	Recursos e Infraestruturas	17
3.3.	Ligação à comunidade envolvente.....	18
3.3.1.	Relação e Participação das Autarquias e Instituições Locais.....	18
3.3.2.	Relação e Participação dos Encarregados de Educação.....	18
3.4.	Organização e Funcionamento.....	19
3.4.1.	Órgãos de Gestão	19
3.4.2.	Direção Executiva.....	20
3.4.3.	Representante Legal	20
3.4.4.	Direção Pedagógica	20
3.4.5.	Conselho Pedagógico.....	20
3.5.	Comunidade Educativa.....	20
3.5.1.	Corpo Docente	20
3.5.2.	Corpo Não Docente	21
3.5.3.	Corpo Discente.....	21
3.6.	Projeto Educativo	23
3.6.1.	Oferta Educativa.....	23
3.6.2.	Avaliação do Projeto Educativo	23
3.7.	Regulamento Interno	24
3.8.	Análise SWOT	24
4.	Práticas Educativas.....	25
4.1.	Classe de Trompa	26
4.1.1.	Academia de Música de Óbidos	26
4.1.2.	Conservatório de Artes Performativas de Almada	26
4.2.	Os Alunos.....	26

4.2.1.	Aluno A - 7º Grau	26
4.2.2.	Aluno B – 3º Grau.....	28
4.2.3.	Aluno C – Iniciação.....	29
4.2.4.	Aluno D – 2º Grau	30
5.	Reflexão Final	32
	Parte II - Investigação.....	36
6.	Projeto de Investigação.....	37
7.	Revisão da Literatura e Fundamentação Teórica.....	38
7.1.	Practice/ Practicing.....	38
7.2.	Metacognição	39
7.3.	Organização do Estudo	40
7.4.	Literatura específica para Trompa	44
8.	Metodologia de Investigação.....	45
8.1.	Enquadramento Teórico	45
8.2.	Objetivos	49
9.	Metodologia	50
9.1.	Investigação	50
9.2.	Amostra.....	51
9.3.	Instrumentos.....	52
9.3.1.	Tabelas de ocupação semanal	52
9.3.2.	Tabelas de estudo semanal.....	54
9.4.	Aluno A.....	55
9.4.1.	Tabela de Estudo Semanal	56
9.4.2.	Análise da informação obtida.....	57
9.5.	Aluno C.....	64
9.5.1.	Tabelas de Estudo Semanal.....	65
9.5.2.	Análise da informação obtida.....	66
9.6.	Aluno D.....	70
9.6.1.	Tabelas de Estudo Semanal.....	70
9.6.2.	Análise da informação obtida.....	71
9.7.	Discussão dos Resultados.....	73

10. Conclusão.....	76
Bibliografia.....	82
Anexos	84
Anexo 1 – Conteúdos Programáticos da Disciplina de Trompa da Academia de Música de Óbidos e Conservatório de Artes Performativas de Almada.....	85
Anexo 2 – Tabela de Estudo Individual segundo Philip Farkas.....	97
Anexo 3 – Tabela de Estudo Individual segundo Froydis Ree Wekre	98
Anexo 4 – Tabela de Ocupação Semanal, Aluno A	99
Anexo 5 – Tabela de Estudo Semanal, Aluno A	100
Anexo 6 – Tabela de Ocupação Semanal, Aluno C	101
Anexo 7 – Tabela de Estudo Semanal, Semana 1, Aluno C	102
Anexo 8 – Tabela de Estudo Semanal, Semana 2, Aluno C	104
Anexo 9 – Tabela de Estudo Semanal, Semana 3, Aluno C	106
Anexo 10 – Tabela de Ocupação Semanal, Aluno D	108
Anexo 11 – Tabela de Estudo Semanal, Aluno D	109

Índice de Figuras

Figura 1 – Organograma, AMO.....	6
Figura 2 – Organograma, CAPA.....	19
Figura 3 - Tabela de estudo de Phillip Farkas (Farkas, 1956, p. 44)	47
Figura 4 - Tabela de estudo por Froydis Ree Wekre (Wekre, 1994, p. 61).....	48
Figura 5 - Distribuição do tempo dedicado ao estudo individual, em minutos, ao longo das três semanas de investigação, Aluno A.....	61

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição do Corpo Discente por Regimes e Níveis de Ensino, AMO.....	9
Gráfico 2 - Distribuição do corpo discente por anos de escolaridade, AMO.....	11
Gráfico 3 - Distribuição do Corpo Discente por Níveis de Ensino, CAPA.....	21
Gráfico 4 - Distribuição do Corpo Discente por Instrumento (Teclas e Cordas), CAPA.....	22
Gráfico 5 - Distribuição do Corpo Discente por Instrumento (Sopros), CAPA.....	22
Gráfico 6 - Ocupação semanal individual, Aluno A.....	58
Gráfico 7 - Evolução do tempo de estudo semanal, Aluno A.....	61
Gráfico 8 - Dispersão do tempo de estudo da Semana 1, Aluno A.....	62
Gráfico 9 - Dispersão do tempo de estudo da Semana 2, Aluno A.....	63
Gráfico 10 - Dispersão do tempo de estudo da Semana 3, Aluno A.....	63
Gráfico 11 - Ocupação semanal individual, Aluno C.....	66
Gráfico 12 - Confirmação da realização das tarefas propostas, Aluno C.....	68
Gráfico 13 - Ocupação Semanal Individual, Aluno D.....	72

Índice de Quadros

Quadro 1 - Análise SWOT, AMO	14
Quadro 2 - Análise SWOT, CAPA.....	24

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Número de alunos por classe, AMO	10
---	----

Lista de Termos e Abreviaturas

AMO – Academia de Música de Óbidos

CAME – Centro de Arte, Música e Educação de Óbidos

CAPA – Conservatório de Artes Performativas de Almada

CCF – Colégio Campo de Flores

CMA – Câmara Municipal de Almada

CML – Câmara Municipal da Lourinhã

CMO – Câmara Municipal de Óbidos

DRSELVT – Direção Regional de Serviços de Educação de Lisboa e Vale do Tejo

EAE – Ensino Artístico Especializado

ESML – Escola Superior de Música de Lisboa

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPL – Instituto Politécnico de Lisboa

PE – Projeto Educativo

PES – Prática de Ensino Supervisionada

POPH – Programa Operacional de Potencial Humano

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

SIPO – Semana Internacional de Piano de Óbidos

Agradecimentos

A concretização deste trabalho que marca o fim de mais um período de estudos foi possível graças ao apoio e contato com um leque vasto de personalidades que atravessaram o meu percurso acadêmico, as minhas experiências musicais e de ensino, facultando ferramentas, conhecimentos e fomentando o meu espírito crítico, num rumo ao desconhecido, impelindo a minha curiosidade e satisfação das questões que vão surgindo.

Devo agradecer a todos os colegas professores, encarregados de educação, alunos e exímias direções pedagógicas das instituições de ensino de acolhimento, a disponibilidade e confiança no meu trabalho como docente e investigador, na busca de respostas às necessidades levantadas, melhorando e desenvolvendo ferramentas de otimização e eficácia no processo de aprendizagem.

Um enorme agradecimento aos meus professores orientador e coorientador que aceitaram partilhar o terreno a meu lado e debater as minhas vontades e desejos de deixar feito, de construir e contribuir para o ensino da música, sem condição.

Um agradecimento especial aos meus amigos que, lealmente, contribuíram para as melhores decisões, compreendendo a minha dedicação e devoção à música, sobretudo através do ensino.

À minha família e ao meu avô Gaspar dedico este trabalho, honrando os seus princípios num gesto de profunda gratidão ao seu incondicional apoio e crença no meu trabalho e competências, cientes dos desafios, motivando cegamente a minha sede de saber.

Resumo I

A Prática Pedagógica deste documento apresenta o relatório do estágio realizado ao longo do ano letivo 2017/18 nas instituições de acolhimento Academia de Música de Óbidos e Conservatório de Artes Performativas de Almada, nas quais o mestrando teve a oportunidade de experienciar a sua ação docente, supervisionado pelo professor orientador.

Ao longo desta primeira parte são descritas as contextualizações geoeconómicas, sociais e culturais de cada instituição, bem como o seu funcionamento interno, atividade, corpos docentes e discentes. Uma análise SWOT reflete, para cada uma, as perspetivas da observação dos seus pontos fortes e fracos, potencialidades e ameaças, no Ensino Artístico Especializado.

Posteriormente, é feita uma descrição detalhada da constituição das diferentes classes de trompa para cada instituição de ensino e dos alunos que participaram no estágio como elementos de experiência e aplicação das novas estratégias desenvolvidas ao longo do ano letivo.

Para concluir, uma reflexão final encerra a primeira parte do Relatório de Estágio, numa profunda análise da atividade docente do mestrando, as fragilidades encontradas, os desafios ultrapassados e perspetivas futuras, tomando como referência os erros cometidos e os conceitos apreendidos, caminhando num novo rumo a uma docência mais conhecedora, informada e experiente.

Abstract I

The first chapter, Pedagogical Practice, included in this document presents the report of the teaching internship realized over the academic year of 2017/18 in the music schools Academia de Música de Óbidos and Conservatório de Artes Performativas de Almada, in which the master student had the opportunity to experience his teaching performance, under the control of his supervisor.

Through this first part of the full document are described the geoeconomic, social and cultural contexts of each music school as well as their internal procedures and structures, activities, and board of teachers and students. A SWOT analysis reflects the perspectives of observation for both, each strengths, weaknesses, opportunities and threats on Music Education.

Afterwards, it is described the detailed constitution of horn classes of each music school and also takes place the description of each participant student on the internship whom have been under new experiences and application of new strategies developed during the year.

Concluding, a final reflection ends this first part of the internship report with a deep analysis of the teaching action of the master student, the weaknesses found, challenges overtopped and perspectives for the future, taking all mistakes and new concepts as references, walking through a new way to a more knowledgeable, informed and experienced behaviour.

Resumo II/ Palavras-chave

O grande objetivo da investigação levada a cabo ao longo do ano letivo respetivo ao estágio docente realizado pelo mestrando, é entender a adesão dos alunos e agentes parentais a ferramentas de apoio ao estudo regular, como as tabelas de prática individual propostas, criadas pelo professor.

Numa primeira fase é feita uma abordagem à literatura existente que se refere à importância do estudo regular e, sobretudo, da sua organização e planeamento. Numa revisão mais profunda, as fontes apresentadas são aquelas nas quais o mestrando sustentou a sua ideia de elaboração de tabelas, a partir dos exemplos práticos sugeridos pelos respetivos autores, numa especialização prevista para a Trompa, instrumento de execução da amostra em investigação.

A metodologia é apresentada sustentando a escolha de uma Investigação-ação, ao longo da qual o mestrando, na qualidade de docente, adapta os instrumentos de estudo, as próprias tabelas de estudo individual, em função das necessidades, identificando as fragilidades ocorrentes.

Não pretendendo, objetivamente, entender a utilidade destes instrumentos e resultados na performance do aluno, reconhecendo a enorme dificuldade na obtenção dessa informação, o mestrando foca a sua investigação no processo de aplicação, analisando os entraves e benefícios identificados.

Com esta investigação pretende-se abrir a discussão sobre o recurso a ferramentas de ensino que apoiem os momentos de prática individual que o docente não pode supervisionar, que implica uma maior dedicação do professor no planeamento de tarefas regulares para os seus alunos, incitando-os à organização e hábitos de estudo.

Palavras Chave: Ensino da Música, Prática Individual, Tabelas de Estudo

Abstract II/ Keywords

The main purpose of the investigation taken during the master student internship is to understand the acceptance of students and parents to new helping tools for the regular practice, like individual tables created by the teacher himself.

In a first moment this part take look over the existing literature with reference to the regular practice and, overall, its planning and organization. In a deeper revision, references presented are those in which masters student sustained his idea of creation of tables, taking as example the suggestions of each author, regarding to the French Horn, the instrument played by the investigation sample.

The method presented sustains the choice of an action-investigation, in which the master student, in the quality of teacher, adapts the practice tools, the developed individual practice tables, to each student needs, identifying the occurring weaknesses.

Not pretending, objectively, to understand the utility of these tables and results on the student performance, recognizing the enormous difficulty to obtain that information, the master student attempts to the application process, analysing the identified barriers and benefits.

With this investigation it is pretended to open the discussion about the use of music education tools that may support the moments of individual practice which the teacher cannot supervise, that implies more dedication of the teacher on planning regular tasks for their students, taking them to self-organization and practice habits.

Keywords: Music Education, Individual Practice, Practice Tables

Parte I - Prática Pedagógica

1. Introdução

O Relatório da Prática Pedagógica enquadra-se no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada previsto na alínea b) do nº1 do artigo 17º do Decreto-Lei nº43/2007 de 22 de fevereiro. O mestrando desempenha atividade docente com cerca de 9 anos de experiência e são as lacunas nas suas metodologias de ensino ou a presença maioritária de resultados inesperados, bem como desmotivação intrínseca sentida em alguns alunos que o impelem a aprofundar conhecimentos, desenvolver competências e adquirir novas valências, na busca de novas ferramentas, razões para ingressar no Mestrado em Ensino da Música, variante Trompa, no ano letivo de 2015/16.

A Prática Pedagógica, designada estágio, foi realizada ao longo do ano letivo de 2017/2018, em dois estabelecimentos do Ensino Especializado da Música, mediante o protocolo celebrado entre o IPL – ESML e a Academia de Música de Óbidos, onde o autor deste relatório é docente, com o acompanhamento do professor cooperante, Pedro Filipe, e no Conservatório de Artes Performativas de Almada, com o acompanhamento da professora cooperante, Susana Janeiro, sob a orientação do mestre Paulo Guerreiro. O estágio compreendeu a prática de docência a quatro alunos de trompa de níveis de ensino diferentes: Iniciação (CAPA), 3º grau do ensino básico em regime articulado (AMO) e 7º grau do ensino secundário em regime articulado (AMO). A desistência da frequência do ensino da música por parte do aluno de 3º grau (AMO), por motivos alheios à disciplina de trompa, levou o mestrando a integrar no seu estágio um quarto aluno a frequentar o 2º grau do ensino básico em regime de curso livre (CAPA), dando continuidade à supervisão da sua prática pedagógica com um aluno de nível equiparado ao anterior. De entre a duração do estágio de cerca de 1296 horas, destacam-se as cerca de 90 horas que constituíram aulas sob supervisão e cerca de 20 horas de atividades performativas como acompanhamento a masterclasses, audições, ensaios com piano de acompanhamento.

2. Academia de Música de Óbidos

2.1. Contextualização histórica

A Academia de Música de Óbidos foi fundada em 2007 pelo seu atual Diretor Pedagógico, Professor Pedro Filipe, com o objetivo de ampliar a oferta do ensino da música na região, fazendo face à crescente procura sentida.

Em outubro de 2004, foi solicitado ao fundador o desenvolvimento de um projeto coral infantil a integrar a programação cultural do Festival do Chocolate de Óbidos, pela Câmara Municipal de Óbidos, organizadora e promotora do evento. O forte acolhimento da ideia por parte da comunidade da Vila impeliu o Professor Pedro Filipe a expandir o projeto ao ensino de aulas de canto e piano em instalações facultadas pela autarquia. Na busca de satisfazer a exponencial procura são criadas condições num espaço próprio e, em 29 de junho de 2007, é inaugurada oficialmente a Academia de Música de Óbidos – CAME (Sociedade Centro de Arte, Música e Educação), com sede na Estrada Nacional 8, n.º 4, freguesia de São Pedro, Santa Maria e Sobral da Lagoa, concelho de Óbidos e distrito de Leiria. A AMO é uma escola do Ensino Artístico Especializado da Música, com paralelismo pedagógico, com autorização definitiva de funcionamento da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, integrada na rede territorial da DRSELVT, contando com contrato patrocínio do Ministério da Educação e Ciência, de acordo com a legislação aplicável e com o financiamento do POPH.

2.2. Contextualização Geográfica, Socioeconómica e Cultural

2.2.1. Geográfica e Cultural

O Conselho de Óbidos, distrito de Leiria, integra o conjunto dos treze municípios da região Oeste e é território de residência de cerca de 11,772 habitantes, ao longo dos seus 141,56km² (INE 2011), registando um ligeiro crescimento demográfico desde o anterior recenseamento. O município dispõe de um acervo histórico riquíssimo espelhado no seu património que consta de mais de cerca de seis dezenas de monumentos, com destaque para o Castelo e o Núcleo Urbano da Vila Medieval de Óbidos, principais pontos de interesse (SIPA). Enquadram-se no seu panorama cultural e humano cerca de cinquenta associações, 3 das quais bandas filarmónicas e respetivas escolas de música, complexos culturais para artes performativas e uma academia de ensino oficial da música, a AMO.

2.2.2. Socioeconómica

A oferta da AMO constitui uma abrangência territorial que excede os limites concelhios, levando o ensino da música a toda a população de Óbidos e, ainda, aos concelhos de Caldas da Rainha, Peniche e Lourinhã. Estabelece parceria de

colaboração com cinco agrupamentos escolares de ensino regular, o que justifica a esmagadora maioria de matrículas de alunos em regime de ensino articulado, aos quais não é exigida nenhuma propina. O seu panorama socioeconómico consta fundamentalmente de uma população académica em regime protocolar, oriundos de famílias e comunidades heterogéneas, cujas principais características comuns identificadas dizem respeito aos hábitos culturais, sobretudo no que diz respeito aos padrões artísticos ligados à música erudita, menos privilegiados no meio envolvente. Contudo, é de notar as parcerias de alguns municípios limítrofes onde a AMO atua, com formações ou instituições das artes performativas que fecundam novos hábitos, proporcionando uma oferta mais diversificada (exemplo: Município da Lourinhã e Orquestra Metropolitana de Lisboa), ou a existência de infraestruturas e respetivas programações que estabelecem o mesmo paradigma (exemplo: Centro Cultural das Caldas da Rainha).

Os concelhos de ação da AMO são servidos por duas autoestradas (A8 e A15) e uma linha ferroviária obsoleta (Linha do Oeste) mas que evidenciam a sua posição de charneira na ligação ao Oceano Atlântico e pontos de passagem entre a área metropolitana de Lisboa e a região Norte. Não obstante as acessibilidades que potenciam a região, o nível do poder de compra face ao referencial nacional destes municípios encontra-se abaixo dos 100% (INE 2011), com taxas de desemprego acima da média da região Oeste -12,8% (INE 2011). Respeitante a emprego, o setor terciário representa apenas cerca de 7% da atividade, abaixo da média nacional de 13%, tendência oposta à taxa de analfabetismo que é superior em todos os concelhos da região (INE 2011).

2.2.3. Recursos e Infraestruturas

A AMO dispõe de instalações próprias, certificadas, edificadas sobre a estrutura de uma vivenda de dois andares, cujos fogos deram origem a várias divisões que dão lugar a 13 salas de aula de instrumento, 2 salas de aula teórica e um pequeno auditório com cerca de 30 lugares de lotação. Todas as salas são climatizadas, a maioria com sistemas novos de ar condicionado que propiciam maior conforto para a prática individual e períodos letivos. Compõem, ainda, as infraestruturas, instalações sanitárias com capacidade para pessoas de mobilidade reduzida, arrumações, receção e sala de apoio com copa. Além dos recursos físicos, é disponibilizado aos alunos uma série de materiais didáticos e pedagógicos com vista à obtenção de melhores resultados e

minimização dos encargos académicos familiares, contando-se livros temáticos nas áreas da História da Música, Análise Musical, Formação e Teoria Musical, ou partituras e recursos audiovisuais. Destaque para a oferta de transporte certificado entre escolas (de ensino regular e a AMO) que proporciona aos alunos do regime articulado maior acessibilidade.

2.3. Ligação à comunidade envolvente

2.3.1. Relação e Participação das Autarquias e Instituições Locais

As parcerias institucionais desempenham um papel significativo na ação educativa capacitando os diversos agentes para uma atuação mais eficaz e abrangente. As autarquias, pela sua razão de poder local e estabelecimento de elos institucionais, assumem uma importância mais significativa, criando sinergias entre associações, grupos económicos ou comunidades, que potenciam os seus recursos e potencialidades.

A Câmara Municipal de Óbidos tem assumido um papel determinante neste contexto, contribuindo de forma positiva para o projeto de desenvolvimento da AMO. A sua relação merece destaque, nomeadamente ao nível do apoio logístico, com a disponibilização do auditório municipal Casa da Música e de outros 8 espaços para performances públicas, e facultando rede de transportes; a nível artístico, na promoção de projetos de música no 1.º ciclo do ensino básico e de várias atividades culturais em conjunto com a AMO, como o Festival do Cravo, Maior Barroco, SIPO, entre outros.

De relevar, uma vez mais, as parcerias institucionais que a AMO estabelece com os estabelecimentos de ensino regular nos concelhos limítrofes, onde atua como agente educativo da música e difusor da cultura – Agrupamento de Escolas Josefa d'Óbidos (Óbidos), Agrupamento de Escolas de Santo Onofre e Secundária Raúl Proença e Colégio Rainha D. Leonor (Caldas da Rainha), Agrupamento de Escolas de Autoguia da Baleia (Peniche) e Agrupamento de Escolas D. Lourenço Vicente (Lourinhã).

2.3.2. Relação e Participação dos Encarregados de Educação

As comunidades escolares beneficiam da estreita relação entre as instituições de ensino e os agentes parentais que mediam a ligação dos educandos aos respetivos

professores, recursos académicos e atividades educativas, sobretudo atendendo à faixa etária da esmagadora maioria da população estudantil. Neste contexto, foi criada a Comissão de Pais que estabelece mecanismos de interação e regulação da oferta educativa, participando de forma ativa, nomeadamente em: reuniões de informação, desenvolvimento da Caderneta Escolar como veículo de correspondência, performances públicas dos educandos, colaboração e organização de festas e convívios ou outros eventos e comunicação direta com o professor de Instrumento.

2.4. Organização e Funcionamento

2.4.1. Órgãos de Gestão

Os órgãos de gestão da AMO são:

- Direção do CAME;
- Direção Pedagógica da AMO;
- Serviços Administrativos.

Cada órgão assume a gestão de diferentes departamentos, de acordo com o seguinte organograma ilustra de forma clara a estrutura organizacional da AMO:

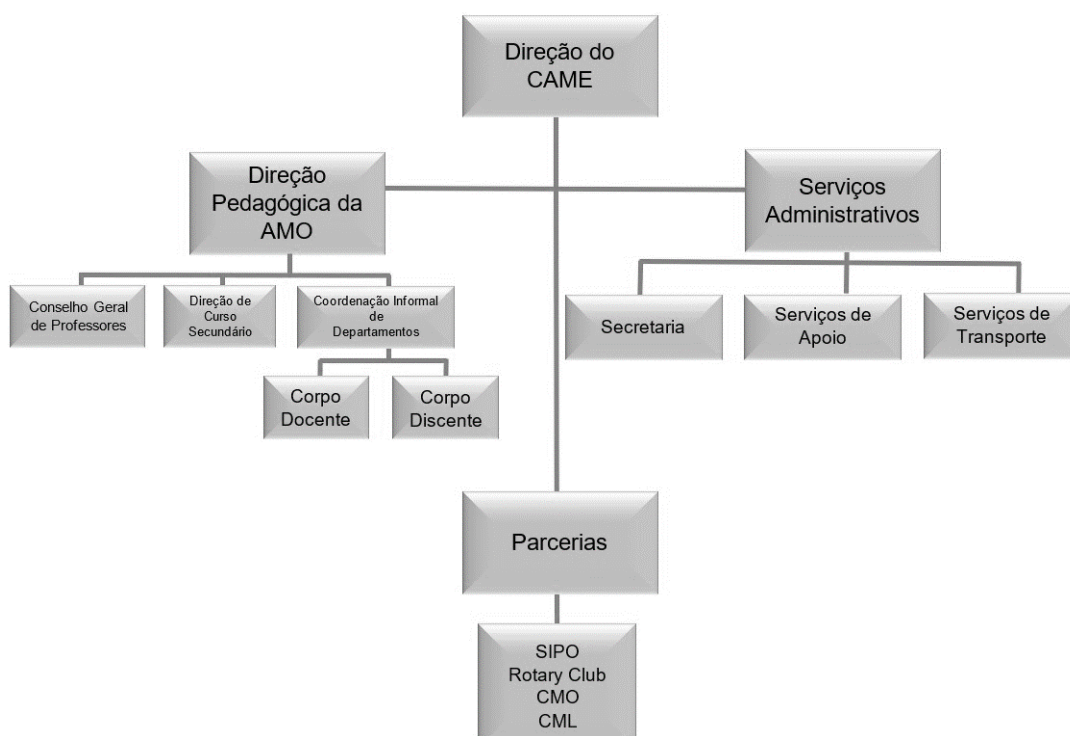


Figura 1 – Organograma, AMO

2.4.2. Direção do CAME

O CAME é a Associação que tutela a Academia de Música de Óbidos. A função da sua Direção é garantir os meios de gestão da AMO, administrativos, logísticos e financeiros.

2.4.3. Direção Pedagógica

A Direção Pedagógica da AMO é designada pela Direção do CAME e é sua responsabilidade a elaboração do Projeto Educativo e sua aplicação, nos termos estabelecidos, bem como fazer representar a instituição académica junto das entidades competentes como o Ministério da Educação e Ciência.

2.4.4. Conselho Geral de Professores ou Pedagógico

Este é o órgão consultivo da Academia de Música de Óbidos, que reúne a Direção Pedagógica, a Direção de Curso e representantes das Coordenações de Grupos, tendo como principal função dar apoio à Direção Pedagógica na orientação e acompanhamento do corpo docente, avaliações trimestrais, análise de desafios e soluções educativas para a instituição académica.

São feitos representar pelas respetivas coordenações os grupos de Sopros – Madeiras e Metais, de Percussão, de Cordas e Teclas, de Canto e de Teoria Musical – História da Música, Análise Musical e Formação Musical.

2.4.5. Direção de Curso Secundário

A este órgão estão atribuídas as funções de coordenar, orientar e intermediar o contato entre as instituições que recebem os alunos do ensino secundário em regime articulado.

2.4.6. Coordenação Informal de Departamentos

Este órgão agiliza o processo de contato entre a Direção Pedagógica e o Corpo Docente, bem como as relações entre este e o Corpo Discente, atribuindo competências a um Professor responsável por cada departamento, para transmitir e recolher informação dos seus pares e garantir o bom funcionamento da atividade pedagógica. Os departamentos são: Piano, Cordas, Formação Musical, Teóricas Musicais, Sopros e Percussão.

2.5. Comunidade Educativa

2.5.1. Corpo Docente

No ano letivo de 2017/18, a Academia de Música de Óbidos dispõe de um corpo docente formado por 32 professores, profissionalizados ou com os graus de Licenciado ou Mestre.

2.5.2. Corpo Não Docente

O corpo não docente é constituído por três funcionárias nos serviços administrativos, devidamente qualificadas, e dois funcionários que asseguram os serviços de apoio, bem como dos transportes de alunos, sendo habilitados para esta função.

2.5.3. Corpo Discente

A AMO comporta, à data de redação deste relatório, um corpo discente complexo de cerca de 300 alunos, cuja maioria frequenta o regime de ensino articulado e que é abrangida pelo contrato patrocínio do Ministério da Educação e Ciência, o próprio que dita os limites de admissão de alunos a este regime. Relevar que a adesão ao regime supletivo é condicionada, segundo a Direção Pedagógica, pela intensa carga horária e pelo maior encargo financeiro que representa, uma vez que não é abrangido pelo contrato patrocínio.

O gráfico seguinte ilustra a distribuição dos alunos por regimes e níveis de ensino.

Distribuição do Corpo Discente por Regimes e Níveis de Ensino

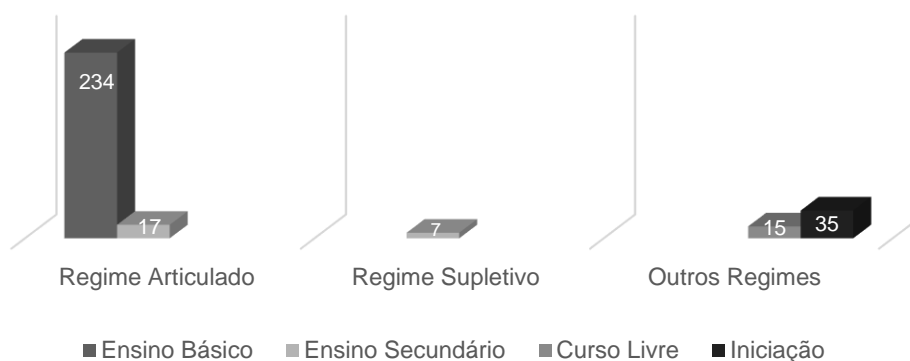


Gráfico 1 - Distribuição do Corpo Discente por Regimes e Níveis de Ensino, AMO

No regime articulado estão inscritos 234 alunos do ensino básico e 17 no secundário. No regime supletivo apenas estão inscritos alunos do ensino secundário, num total de 7. E, nos regimes de curso livre estão 15 alunos, a par dos 35 alunos em curso de iniciação.

É de salientar que poucos são os alunos que seguem os estudos musicais para o ensino secundário, e a maioria fá-lo em regime articulado, financiado. Contudo, a Direção Pedagógica afirma que o regime supletivo é o tem uma oferta formativa mais completa, muito embora pesem os fatores enunciados anteriormente. Os cursos livres são maioritariamente frequentados por alunos que procuram as disciplinas opcionais de segundo instrumento ou complementar conhecimentos com a frequência em disciplinas teóricas adicionais. Os cursos de Iniciação são, na realidade, cursos livres, muito embora devam ser destacados por se destinarem aos alunos em idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos, num objetivo pedagógico de preparação para o ingresso no curso básico.

No que diz respeito às classes, os instrumentos mais procurados são o Piano, Guitarra e Violino, por ordem de preferência, sendo a Flauta Transversal o instrumento de sopro mais escolhido pelos alunos que ingressam o ensino básico, como é possível observar na tabela abaixo:

Número de alunos por classe

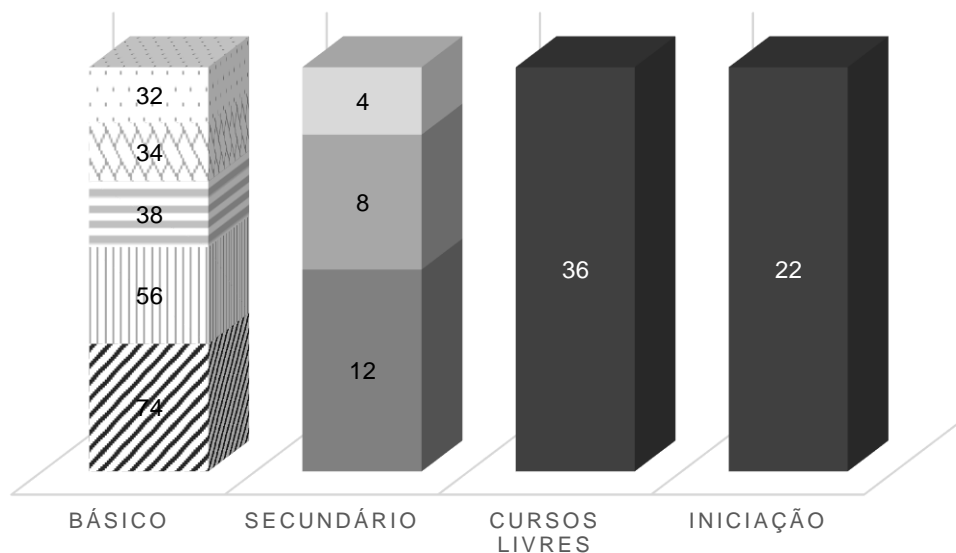
Instrumento	Número de alunos
<i>Piano</i>	61
<i>Guitarra</i>	54
<i>Violino</i>	47
<i>Flauta</i>	28
<i>Violoncelo</i>	17
<i>Percussão</i>	14
<i>Clarinete</i>	13
<i>Trompete</i>	10
<i>Oboé</i>	8
<i>Saxofone</i>	8
<i>Acordeão</i>	6
<i>Canto</i>	5
<i>Fagote</i>	5
<i>Viola d'arco</i>	4
<i>Contrabaixo</i>	4
<i>Tuba e Eufónio</i>	4
<i>Trompa</i>	2
<i>Trombone</i>	2
<i>Guitarra Portuguesa</i>	1

Tabela 1 - Número de alunos por classe, AMO

O gráfico seguinte ilustra a distribuição de alunos por ano de escolaridade, do qual se pode perceber o forte abandono escolar em dois grandes momentos: no término do 2º Ciclo (6º ano) e do 3º (9º ano), ainda mais acentuado. Note-se que o abandono é progressivo e diretamente proporcional ao avanço de grau académico. De destacar, ainda, que o número de alunos a ingressar no ensino secundário é crescente, com mais alunos a frequentar o 10º ano que no 12º, assumindo que estes 4 alunos no último ano foram os únicos inscritos no seu primeiro ano do ensino secundário, triplicando em número de inscrições até à atualidade.

Esta leitura é possível a partir dos dados facultados: no ensino básico a AMO conta com 74 alunos no 5º ano, 56 no 6º ano, 38 no 7º ano, 34 no 8º ano e 32 no 9º ano de escolaridade; no ensino secundário conta com 12 alunos a frequentar o 10º ano, 8 o 11º ano e 4 o 12º ano; nos cursos livres estão inscritos 36 alunos (alguns a frequentar outros regimes mas com cadeiras extra só contempladas no curso livre); e, por fim, 22 alunos frequentam o nível de iniciação.

Distribuição do corpo discente por anos de escolaridade



▨ 5º ano ▨ 6º ano ▨ 7º ano ▨ 8º ano ▨ 9º ano ■ 10º ano ■ 11º ano ■ 12º ano ■ Total

Gráfico 2 - Distribuição do corpo discente por anos de escolaridade, AMO

2.6. Projeto Educativo

O Projeto Educativo de uma instituição académica pretende traçar as linhas estratégicas fundamentais para atingir os objetivos propostos para um dado período de tempo, enquadrados num determinado contexto sociocultural, económico e político que é variável, procurando satisfazer as necessidades da sua comunidade, educativa e envolvente, tal como evidencia o Diretor Pedagógico no preâmbulo do PE proposto em 2015/16: “A Escola não é apenas um lugar de transmissão de informação, mas de educação, em que o ato educativo é o exercício concreto da educação (que) deve incorporar princípios flexíveis capazes de contemplar as diferenças de cada indivíduo e de cada grupo, nos seus múltiplos aspetos”.

2.6.1. Oferta Educativa

Os cursos artísticos especializados da música são destinados aos níveis de escolaridade básico e secundário, tendendo cada vez mais as instituições de ensino para a oferta de iniciações, um ensino preparatório para matriculados com idades inferiores a 10 anos. Este Ensino Artístico Especializado procura desenvolver aptidões artísticas e musicais através de uma formação de excelência por forma a atingir um nível de domínio que permita o desempenho futuro da profissão na área da música. Não obstante esta premissa fundamental, o PE da AMO demarca a sua diferença e um rumo que foca a componente da “Estética Humana”, num ensino que, através da música, se orienta para a formação cívica do aluno enquanto agente integrante e participante numa comunidade e sociedade pluralista, impelindo à sua sensibilidade para os princípios e valores fundamentais de uma convivência sustentável com o outro:

“Neste contexto, e porque se trata da Educação pela Música... e para a Música, os valores estéticos assumem um papel de destaque, porque são da maior importância para a educação. A educação estética inclui três componentes devidamente articuladas: a fruição, a criação e a reflexão, tentando preparar o educando para a totalidade da experiência humana estética.”

Na AMO podem ser frequentados os regimes:

- Regime Articulado, os alunos frequentam as disciplinas do ensino artístico especializado numa escola especializada para o efeito, e as restantes disciplinas numa escola de ensino geral.

- Regime Supletivo, os alunos frequentam as disciplinas do ensino artístico de música num estabelecimento de ensino artístico especializado da música, independentemente das habilitações que possuem.

De referir que a AMO não tem capacidade para oferecer o Regime Integrado que implicaria a frequência de todo os curricula dos cursos no mesmo estabelecimento de Ensino, como é exemplo a Academia de Música de Santa Cecília, em Lisboa.

É o Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de junho, que estabelece os princípios orientadores da organização e gestão dos conteúdos do ensino básico e secundário, da avaliação dos conhecimentos a adquirir e das competências a desenvolver pelos alunos e do processo de desenvolvimento dos curricula nos ensinos Básico (Portaria n.º 225/2012, de 30 de julho) e Secundário (Portaria n.º 243-B/2012, de 13 de agosto), contemplando a oferta formativa referente ao Ensino Artístico Especializado de Música em ambos os níveis de ensino.

2.6.2. Avaliação do Projeto Educativo

O PE tem uma duração indefinida e é passível de ser alterado, documento flexível recetivo a mudanças sugeridas por avaliações periódicas, procurando responder de forma eficaz às necessidades da comunidade educativa. A articulação constante entre coordenadores de grupo e a Direção Pedagógica e os resultados dos Conselhos Gerais de Professores, fomentam novas ideias e soluções para os desafios emergentes. Este documento é, ainda, suportado por um Plano Anual de Atividades que garante a sua operacionalidade, através de eventos que representam metas regulares, que impõe ritmo na realização de tarefas e concretização dos objetivos propostos

2.7. Regulamento Interno

O Regulamento Interno, anexo ao PE, define as competências, direitos e deveres dos vários órgãos de gestão, pessoal docente, discente e não docente, sujeito a propostas de alteração pelos anteriores por forma a tornar mais eficiente a orgânica da AMO.

2.8. Análise SWOT

O acrónimo SWOT – *Strenghts* (forças, pontos fortes), *Weaknesses* (fraquezas, pontos fracos), *Opportunities* (oportunidades) e *Threats* (ameaças), designa o tipo de análise, desenvolvida na Universidade de Stanford (Estados Unidos da América) nas décadas de 1960/70, que pretende identificar fatores internos e externos que favorecem ou dificultam a obtenção dos resultados pretendidos na realização ou concretização de um produto, orgânica ou mesmo no desempenho pessoal.

A tabela seguinte esboça a análise SWOT à AMO. Os parâmetros foram divididos em três áreas de análise, sendo inexorável a sua interligação e comum denominador, a AMO e o seu PE.

	Instituição, Objetivos e Recursos	Oferta Educativa	Comunidade Educativa
Pontos Fortes	<ul style="list-style-type: none">- Grande rácio de qualificação do corpo docente;- Infraestruturas dotadas de muitos espaços para aulas e estudo;- Oferta organizada de Transportes.	<ul style="list-style-type: none">- Foco no aluno enquanto cidadão, parte da sociedade, futuro ouvinte e apreciador de música	<ul style="list-style-type: none">- Atenção virada para os professores e suas necessidades enquanto intérpretes- Bem-estar geral entre professores, órgãos de gestão

Pontos Fracos	<ul style="list-style-type: none"> - Deficiente isolamento acústico; - Descentralização da atividade educativa por dispersão em quatro concelhos. 	<ul style="list-style-type: none"> -Impossibilidade de suportar Regime Integrado; - Incapacidade de garantir formações de câmara <i>standard</i> e orquestra de câmara ou e orquestra de sopros, para disciplinas de conjunto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa taxa de ingresso no ensino secundário;
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> - Parcerias com instituições de ensino e poderes locais; - Festivais e eventos ligados à música; - Atração turística da Vila de Óbidos; - Assistência regular acompanhada a concertos em Lisboa (Fundação Gulbenkian, CCB). 	<ul style="list-style-type: none"> - Oferta variada de instrumentos musicais; - Organização de eventos de formação com intérpretes e professores conceituados (SIPO, Masterclasses) 	<ul style="list-style-type: none"> - Favorável situação contratual para o corpo docente - Horários de funcionamento favoráveis à prática individual; - Comunidade Educativa interessada.
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> - Distância a grandes centros urbanos; -Inexistência de orquestras ou outras formações com atividade profissional regular ligada à música. 	<ul style="list-style-type: none"> - Limite de vagas no acesso ao regime articulado do ensino artístico especializado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Inércia dos Encarregados de Educação à participação nas atividades propostas, por distância geográfica ou falta de interesse

Quadro 1 - Análise SWOT, AMO

3. Conservatório de Artes Performativas de Almada

3.1. Contextualização histórica

O Conservatório de Artes Performativas de Almada, tutelado pela Associação Cultural Império dos Sons, foi fundado em abril de 2017, no seguimento de um projeto de ensino da música transitório anterior, com cerca de um ano de atividade, que incorreu num processo de dissolução, com saída em massa dos quadros docentes e discentes, após bloqueio de financiamento e destituição dos órgãos diretivos pedagógicos em plena decorrência do ano letivo de 2016/17, por parte da associação titular nesse momento. Sob o decreto-lei n.º 75/2008, de 22 de abril, que aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, o CAPA, em protocolo com a Universidade Sénior de Almada (USALMA), ocupa as instalações desta instituição e inicia a sua atividade com aulas a 1 de abril de 2017, na Rua da Cerca, nº21, 2800-050 Almada. Este início assegurou continuidade ao planeamento iniciado no projeto anterior do qual resultam os mesmos docentes e o mesmo corpo discente. Contudo, só no ano letivo de 2017/18 foi possível, oficialmente, dar creditação aos níveis de ensino e às habilitações dos alunos, mediante provas de acesso aos respetivos graus de formação.

3.2. Contextualização Geográfica, Socioeconómica e Cultural

3.2.1. Geográfica e Cultural

O concelho de Almada, distrito e península de Setúbal, com mais de 800 de história, é habitado por cerca de 174030 habitantes, dos quais 95000 com residência na cidade de Almada (INE 2011). A sua área integra a região metropolitana de Lisboa, assumindo uma posição de cidade dormitório à semelhança das restantes expandidas em torno da capital portuguesa. Além dos mais de 40 anos de atividade política sobre as ideologias do Partido Comunista Português, voto maioritário da população almadense desde o início da democracia, Almada é também conhecida como a cidade do Teatro, “apostando na capacidade criativa da sociedade civil, na construção de uma rede de equipamentos culturais e na implementação de propostas inovadoras que contribuíram para o crescimento e qualidade da oferta cultural” (website do Município de Almada), além do apoio ao forte associativismo patente na existência de mais de 400 instituições, muitas das quais centenárias.

3.2.2. Socioeconómica

O raio de atividade do CAPA está virado para colmatar uma lacuna de oferta educativa do EAE na margem sul do rio Tejo, sobretudo para o concelho de Almada, cujo paradigma já encontrou a Escola Profissional de Almada nos anos 90 e 2000 e consta da Academia de Música de Almada. Este contexto socioeconómico comporta uma população académica muito heterogénea, muitos oriundos do ensino regular privado, outros a frequentar o público e ainda alguns que procuraram uma alternativa a problemas identificados na outra instituição em atividade. O concelho de Almada reflete a tendência comum da maioria dos municípios portugueses de envelhecimento populacional e redução da população jovem, acompanha os índices nacionais de emprego com baixa qualificação dos recursos humanos e precariedade, salientando o aumento das taxas de desemprego desde o início do novo milénio. Contudo, a uma população almadense com 3,27% de analfabetismo, onde mais de doze mil pessoas não têm qualquer nível de escolaridade, mais de trinta e duas mil frequentam o Ensino Superior; a maioria da população empregada ocupa o sector terciário, por contra de outrem, registando um equilíbrio no emprego por sexo, num cenário de desemprego com uma taxa de 14,33%, onde os homens ocupam a maior fatia. Almada enfrenta ainda uma realidade demográfica com uma população de nacionalidade portuguesa de 158100 habitantes e mais de dez mil estrangeiros (Diagnóstico Social de Almada 2013).

3.2.3. Recursos e Infraestruturas

Como referido anteriormente, o CAPA tem atividade nas instalações da USALMA que lhe disponibiliza parte das suas infraestruturas num horário disponível, evitando o conflito com o seu planeamento. O edifício comporta condições de isolamento acústico, iluminação, climatização, espaços amplos e multifuncionais necessários à atividade educativa do CAPA, disponibilizando cerca de 8 salas para disciplinas teóricas, classes de conjunto e disciplinas de instrumento, uma secretaria, um auditório e sala para encarregados de educação, sala de direção, sala de professores e alunos. A estrutura do edifício conta ainda com bar e espaço de recreio. De entre os recursos materiais móveis e instrumentos destacam-se estantes, num número suficiente para uma orquestra com mais de 20 alunos; quadros pautados; projetores; um aparelho de leitor de CD e amplificador; e 3 pianos verticais.

3.3. Ligação à comunidade envolvente

3.3.1. Relação e Participação das Autarquias e Instituições Locais

O CAPA tem investido numa forte comunicação institucional que divulga a sua oferta educativa junto das populações alvo, as comunidades almadenses e envolventes do município. Importa também relevar o seu foco na procura de parcerias protocolares em que se estabelece uma cooperação pedagógica e de incentivo à aprendizagem de música junto de um público mais jovem, desde o 1º ciclo. Desta forma podem destacar-se algumas parcerias desde a sua fundação, entre as quais: com a autarquia, que viabilizou a instalação do CAPA nas infraestruturas da USALMA, instituição com a qual se estabelece um protocolo de coordenação e organização do espaço físico; e com o Colégio Campo de Flores, protocolo institucional que tem promovido o CAPA junto da sua comunidade educativa e do qual resulta a maioria de matrículas no conservatório, numa relação de responsabilidade cívica e ética sobre a qual os professores fazem apresentações públicas para os alunos do colégio. De salientar que os apoios da autarquia têm incidido na ótica de colaboração mútua, contando o CAPA já com algumas apresentações dos docentes e discentes para eventos municipais e concertos públicos. O CAPA está a desenvolver, ainda, protocolos com o Agrupamento de Escolas Daniel Sampaio, o Agrupamento de Escolas Emídio Navarro e o Agrupamento de Escolas Vale de Milhaços, estabelecimentos de ensino regular das zonas envolventes.

3.3.2. Relação e Participação dos Encarregados de Educação

O CAPA mantém uma relação saudável e muito próxima dos Encarregados de Educação, dos quais dependeu a sua constituição, exemplo da importância desta relação. No momento em que o projeto antecedente ao CAPA colapsou internamente, a direção executiva que tutelava a instituição de EAE dessa altura, organizou reuniões com os agentes parentais, sem conhecimento da direção pedagógica em funções, para os informar das ocorrências e procurar justificar as suas medidas de destituição, encontros que emergiram rasgos antagonismos entre os Encarregados de Educação e os executivos. Num comportamento, dir-se-ia, heroico, os pais mobilizaram esforços de apoio à direção pedagógica cessante no sentido de se acelerar o processo de constituição de um novo projeto que salvaguardasse uma estável e impercetível mudança para o corpo discente que, em nada, deveria ser perturbado. Esta ação conjunta, patente dos mais altos valores humanos e éticos, aprofundou as relações entre os vários agentes da comunidade educativa, com vista à sustentabilidade do

ensino da música e do projeto embrionário que viria a dar origem ao CAPA. Atualmente os Encarregados de Educação fazem-se representar por intermédio de uma Associação de Pais, mantendo uma assídua participação em todas as atividades propostas, de salutar.

3.4. Organização e Funcionamento

3.4.1. Órgãos de Gestão

Os órgãos de gestão do CAPA são:

- Direção Executiva;
- Representante Legal;
- Direção Pedagógica;
- Conselho Pedagógico.

As suas funções são interdependentes e relacionam-se de acordo com o seguinte organograma:

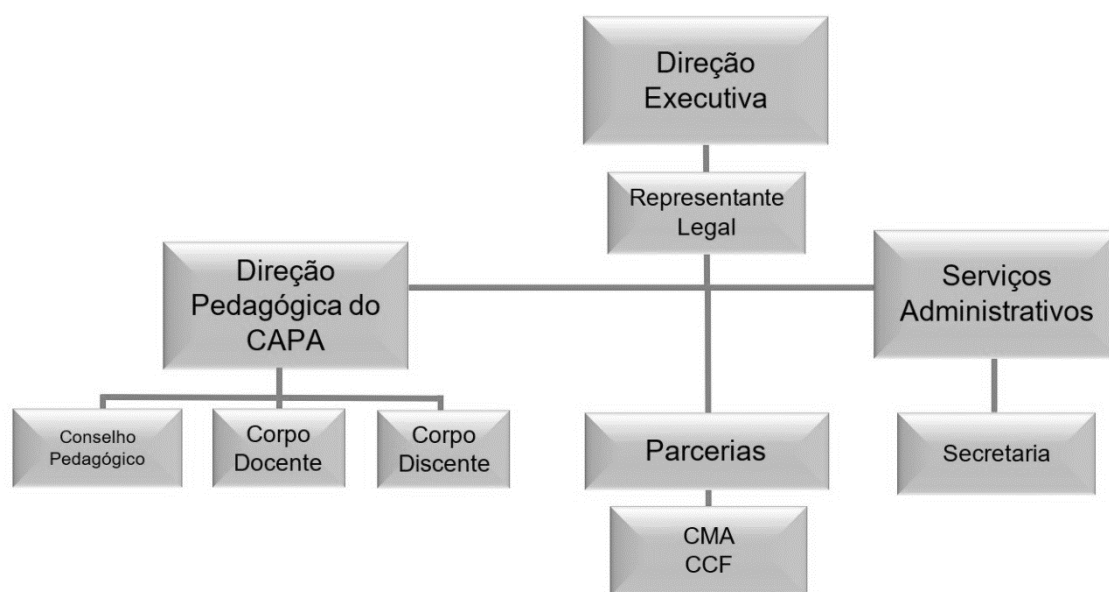


Figura 2 – Organograma, CAPA

3.4.2. Direção Executiva

Este é o órgão soberano de gestão do CAPA, assumindo todas as pastas que asseguram o seu funcionamento, entre a administração e tesouraria.

3.4.3. Representante Legal

Este é o órgão responsável por fazer representar a instituição académica junto das entidades competentes como o Ministério da Educação e Ciência entre assuntos protocolares.

3.4.4. Direção Pedagógica

A Direção Pedagógica do CAPA é designada pela Direção Executiva instituindo-lhe a responsabilidade de elaboração do Projeto Educativo e sua aplicação, nos termos estabelecidos.

3.4.5. Conselho Pedagógico

Este é o órgão consultivo do Conservatório de Artes Performativas de Almada, que reúne a Direção Pedagógica e o Corpo Docente, tendo como principal função dar apoio à Direção Pedagógica na orientação e acompanhamento do corpo discente, avaliações trimestrais, análise de desafios e soluções educativas para a instituição académica.

3.5. Comunidade Educativa

3.5.1. Corpo Docente

No ano letivo de 2017/18, o CAPA comporta um Corpo Docente de 14 professores distribuídos pelas classes de instrumento, classe de conjunto, disciplinas teóricas e coro. De relevar as classes de Violino e Piano com dois professores, cada. Alguns professores lecionam duas disciplinas, por exemplo: Coro e Formação Musical, Flauta e Formação Musical, Contrabaixo e Orquestra de Cordas ou Oboé e Classe de Conjunto.

3.5.2. Corpo Não Docente

O Corpo Não Docente é formado, no mesmo ano letivo, por um funcionário de secretaria creditado para o efeito e um técnico auxiliar de manutenção empregado na USALMA. Há ainda um serviço de bar que conta com dois funcionários, proprietários da concessão do espaço.

3.5.3. Corpo Discente

No ano letivo de 2017/18, o CAPA registava cerca de 66 matrículas, desde os quatro anos de idade. No seguinte gráfico é possível observar a distribuição de alunos por curso ou nível de ensino, destacando-se a grande massa em nível de Iniciação, na maioria os primeiros inscritos neste conservatório. 13 alunos frequentam os ateliês musicais, 26 as iniciações, 8 frequentam o 1º grau, a par do 2º grau com a mesma frequência, e 11 no curso livre.

Distribuição do Corpo Discente por Níveis de Ensino

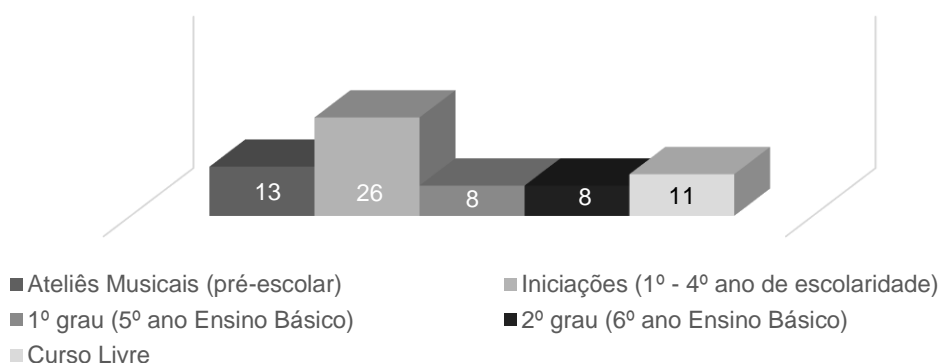


Gráfico 3 - Distribuição do Corpo Discente por Níveis de Ensino, CAPA

Nos gráficos seguintes pode observar-se a distribuição dos alunos por instrumento, por famílias, Teclas e Cordas e Sopros.

Distribuição do Corpo Discente por Instrumento (Teclas e Cordas)

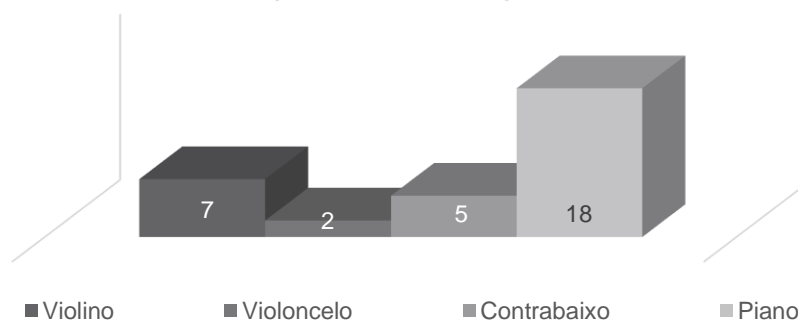


Gráfico 4 - Distribuição do Corpo Discente por Instrumento (Teclas e Cordas), CAPA

No gráfico acima pode ler-se que, nas cordas, 7 alunos aprendem violino, 2 aprendem violoncelo e 5 estão a aprender contrabaixo, a par de uma classe de piano de 18 alunos. Destaque-se a dimensão da classe de contrabaixo, instrumento que, por norma, tem dificuldade em afirmar-se nesta proporção.

No gráfico abaixo leia-se que as classes de sopros com mais alunos são as de flauta, trompa e trompete (4 alunos), seguidas das de oboé, saxofone e trombone (2 alunos) e, por fim, as de clarinete e fagote (1 aluno). Destaque-se, ainda, o equilíbrio entre classes de metais que apresentam tantos ou mais inscritos que nos mais populares instrumentos de madeira, como a Flauta ou Saxofone.

Distribuição do Corpo Discente por Instrumento (Sopros)

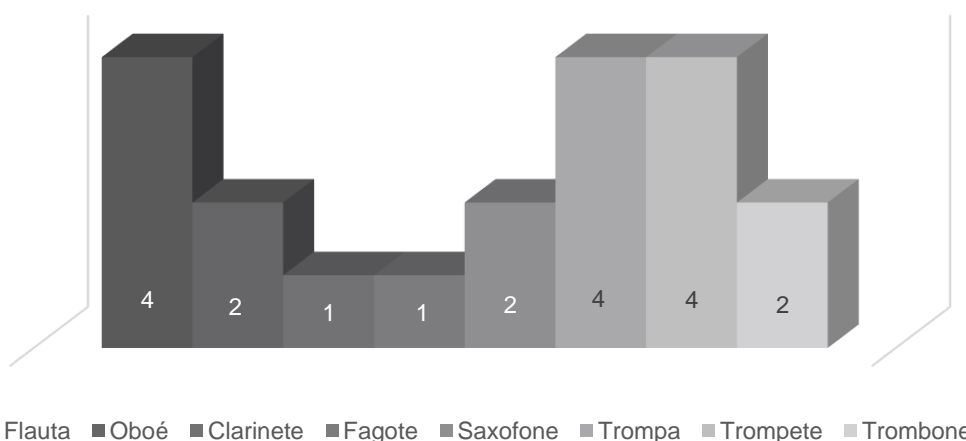


Gráfico 5 - Distribuição do Corpo Discente por Instrumento (Sopros), CAPA

3.6. Projeto Educativo

O PE do CAPA expõe o seu enquadramento legal e os principais objetivos para o triénio 2017-20, evidenciando as metas de “conquista e criação de parcerias e acordos, dinamização do conservatório, (...) valorização pedagógica e cultural, bem como a sua promoção enquanto estabelecimento ensino vocacional de música”.

3.6.1. Oferta Educativa

Os cursos em funcionamento no CAPA são: Ateliês Musicais, Curso de Iniciação Musical, Curso Básico e Secundário de Música e Curso Livre, oferta à qual se espera aprofundar o currículo.

Esta oferta educativa desenvolve-se no âmbito dos diplomas legislativos “Portaria n.º 243-B/2012 de 13 de agosto, que define o regime de organização e funcionamento, avaliação e certificação dos cursos secundários artísticos especializados de Dança, de Música, de Canto e de Canto Gregoriano e aprova os respetivos planos de estudos ministrados em estabelecimentos de ensino público, particular e cooperativo”; e da “Portaria n.º 225/2012 de 30 de julho, cria os Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e estabelece o regime relativo à organização, funcionamento, avaliação e certificação dos cursos, bem como o regime de organização das iniciações em Dança e em Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

3.6.2. Avaliação do Projeto Educativo

Este PE apresenta uma grande sensibilidade no contexto inicial em que o CAPA desenvolve a sua atividade. Isto é, dada a fase embrionária do projeto, o PE reflete a necessidade de alargar a sua rede de contactos viabilizando novas relações que potenciam o aumento do número de alunos e, por conseguinte, a expansão do conservatório e sua oferta educativa. De uma forma sensata, as metas foram traçadas para um triénio que acompanha, da mesma forma, o percurso do efetivo autárquico com o qual esta relação protocolar se pode aprofundar no fomento de novas atividades e projetos associados. Ao PE é ainda anexado um regulamento interno e um plano de atividades anual que materializa as metas em tarefas e eventos.

3.7. Regulamento Interno

Da mesma forma que na instituição anteriormente descrita, o Regulamento Interno define as competências, direitos e deveres dos vários órgãos de gestão, pessoal docente, discente e não docente, sujeito a alterações de lacunas decorrentes.

3.8. Análise SWOT

A tabela seguinte, esboça a análise SWOT ao CAPA. Os parâmetros foram divididos em três áreas de análise, de igual forma à instituição anterior, identificando as principais características para cada um.

	Instituição, Objetivos e Recursos	Oferta Educativa	Comunidade Educativa
Pontos Fortes	<ul style="list-style-type: none">- Maioria do corpo docente com profissionalização ou habilitação idêntica;- Aquisição de pianos verticais acústicos.	<ul style="list-style-type: none">- Foco no aluno enquanto cidadão, parte da sociedade, futuro ouvinte e apreciador de música.- Oferta de instrumentos apenas de orquestra, que viabiliza a existência de mais classes.	<ul style="list-style-type: none">- Atenção virada para os professores e suas necessidades enquanto intérpretes;- Bem-estar geral entre professores e órgãos de gestão.
Pontos Fracos	<ul style="list-style-type: none">- Deficiente isolamento acústico de algumas salas;- Infraestruturas com poucos espaços para aulas e estudo;- Auditório com lotação insuficiente para a comunidade educativa.	<ul style="list-style-type: none">- Sem regime articulado ao abrigo de contrato patrocínio;- Não há oferta de instrumentos como percussão.	<ul style="list-style-type: none">- Existência de propinas, ao contrário dos estabelecimentos de EAE ao abrigo do contrato patrocínio com o Ministério da Educação e Ciência

Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> - Protocolos com instituições de ensino e autarquia; - Grande atividade cultural envolvente; - Integrado num grande centro urbano e próximo da capital. 	<ul style="list-style-type: none"> - Oferta de Ateliês musicais para alunos em idade pré-escolar que dão continuidade a Iniciações; - Apresentações públicas no Mosteiro dos Jerónimos e teatros da cidade de Almada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Comunidade Educativa muito participativa e interessada.
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> - Concorrência de instituição de ensino com oferta de regime articulado e supletivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Limitação do espaço para aumento das classes e introdução de novas classes como percussão (sem espaço de armazenamento de instrumentos e com condições acústicas). 	<ul style="list-style-type: none"> - Desfavorável situação contratual para o corpo docente, em sistema de contratação de serviços; - Espaço limitado para o crescimento da comunidade educativa - Horários de funcionamento muito limitados.

Quadro 2 - Análise SWOT, CAPA

4. Práticas Educativas

No início do ano letivo 2017/18, correspondente à frequência da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, foram selecionados três alunos de graus diferentes de ensino que serviram o propósito da avaliação do mestrando na prática de docência. Aos encarregados de educação foi solicitada a assinatura de um termo que autorizou a gravação e utilização dos dados de cada educando para servir o propósito desta unidade curricular. Não obstante a permissão para utilização dos dados, preferiu o mestrando manter o anonimato dos intervenientes neste relatório.

É de salientar que no final do primeiro trimestre o aluno B, abaixo caracterizado, incorreu na desistência à frequência do curso de música na instituição respetiva, o que levou o mestrando a incluir um quarto aluno, aluno D, na sua PES que, embora noutra grau e diferente instituição de acolhimento, frequenta o mesmo nível de ensino – Básico.

4.1. Classe de Trompa

O estágio foi realizado em duas instituições, o que permitiu uma maior heterogeneidade dos intervenientes.

4.1.1. Academia de Música de Óbidos

Na AMO a classe de trompas do início do ano letivo compreendia três alunos a frequentar o 3º grau do ensino básico em regime articulado, oriundos Agrupamento de Escolas D. Lourenço Vicente da Lourinhã e um aluno a frequentar o 7º grau do ensino secundário, também em regime articulado, do Agrupamento de Escolas Josefa d'Óbidos, Óbidos. Divergências, dificuldades de gestão de tempo e maus resultados escolares, bem como motivações familiares justificaram a desistência dos três alunos do ensino básico ao fim do primeiro trimestre, apesar da intervenção cooperativa da AMO. Todavia, a matrícula de um novo aluno no início do segundo trimestre, para o nível de iniciação, garantiu uma classe de trompas com dois alunos até ao fim do ano letivo. O aluno que integrou a PES é abaixo identificado por aluno A.

4.1.2. Conservatório de Artes Performativas de Almada

A classe de trompas do CAPA apresenta uma faixa etária e níveis de ensino mais baixo, compreendendo quatro alunos, um de 2º grau e três a iniciação. Destes três alunos, as idades percorrem os 6, os 8 e os 9 anos, sendo que o primeiro frequentou o primeiro ano de iniciação e os restantes o segundo ano. Os alunos que integraram a PES foram o aluno de 9 anos de idade, a frequentar o segundo ano de iniciação, e o aluno de 2º grau, para suprimir a lacuna avaliativa causada pela desistência na AMO.

4.2. Os Alunos

4.2.1. Aluno A - 7º Grau

O Aluno A, 17 anos de idade, a frequentar o 11º ano do ensino secundário no curso de Música, em regime articulado. O seu percurso académico na AMO é notoriamente marcado por uma instabilidade causada por mudanças de professor, muito embora tenha constituído bases para frequentar o 7º grau.

Na primeira aula o aluno foi abordado sobre as suas aspirações, assunto sobre o qual demonstrou interesse em prosseguir estudos superiores na vertente de trompa por forma a aprofundar conhecimentos e aptidões que lhe permitam concretizar o sonho de ser músico intérprete de profissão.

Com o objetivo de ser admitido, ao fim do 8º grau, no ensino superior de música, o aluno enfrentou ao longo deste ano letivo uma exigência à qual não estava acostumado, nomeadamente na quantidade de material a apresentar regularmente, número de apresentações públicas, metodologias de estudo e prática individual, tolerância ao erro e, sobretudo, nas atitudes e valores. Foram realizadas cerca de duas audições por período no âmbito da disciplina de trompa; por semana, foi exigido ao aluno a preparação de pelo menos um estudo, indicado pelo professor, o mestrando; por período o aluno foi levado a preparar pelo menos duas obras do repertório existente para trompa, sendo que uma dessas constituía repertório para trompa solo, sem acompanhamento, nomeadamente obras do século XX; foram facultadas mais de duas dezenas de referências bibliográficas sobre exercícios técnicos e história e organologia, desconhecidos do aluno; o aluno, ao abrigo da investigação decorrente apresentada na parte II do presente documento, foi incentivado ao estudo e prática individual, por intermédio de uma tabela de organização e planificação pessoal da prática individual; o aluno foi sujeito à realização de trabalhos de casa teóricos sobre o instrumento e o repertório, obras e compositores, que trabalhou ao longo ano, devidamente corrigidos e avaliados pelo docente, numa tentativa de incrementar o espírito de pesquisa e envolvimento mais completo possível na interpretação; o aluno foi acompanhado a masterclasses externas e foi proposto para aulas com professores convidados, bem como estágios de orquestra e concertos.

Ao longo do ano podem destacar-se alguns comportamentos que o aluno manifestou de forma cíclica. Uma motivação intrínseca, no início do ano, era demonstrada pela realização das tarefas propostas, da maior prática, com resultados em aula de mais resistência e maior domínio técnico do repertório. Quando a exigência aumentou, criando novos desafios quer através de trabalhos de casa ou através de repertório mais exigente, tecendo o docente mais vezes críticas em proporção com os elogios ao trabalho realizado, na busca de um ideal mais próximo dos objetivos académicos, o aluno cedeu, refletindo menos empenho nas tarefas. Contudo, a componente técnica e interpretativa não foi abalada, sendo o próprio aluno levado a reconhecer ao fim de cada trimestre os pontos fortes da sua evolução que, suportado pelas opiniões alheias de outros professores e colegas, traçaram linhas muito positivas.

Mais que responder aos desafios colocados pelo docente, o aluno expôs comportamentos que levaram o mestrando a vários momentos de reflexão, tornando-se o aluno o grande desafio. Após conversas com o Encarregado de Educação, foi possível verificar algumas perturbações no seio familiar, de estrutura não convencional, causadas por mudanças frequentes de residência e respetivos ambientes sociais, alteração de contatos, variações no apoio ao educando, e uma lacuna de comunicação entre os dois membros do agregado familiar.

Crê o mestrando, numa análise global final, distanciada das emoções decorrentes da atividade pedagógica, que o aluno mudou radicalmente as suas metodologias, criando novas perspetivas e abrindo novos horizontes, o que constituiu um choque, além da introdução de novos materiais e ferramentas de apoio, para os quais teve de desenvolver novos hábitos. Este foi um estágio do seu percurso, solidificando conceitos, técnicas, métodos, ideias, que regista o início de um novo rumo.

4.2.2. Aluno B – 3º Grau

O Aluno B, do sexo feminino, com 14 anos de idade, a frequentar o 7º ano de escolaridade do ensino básico no Agrupamento de Escolas D. Lourenço Vicente, Lourinhã, demonstrou desde início uma motivação intrínseca acima dos colegas para a aprendizagem da trompa.

O seu percurso académico fora instável, marcado pela reprovação num dos anos de escolaridade, desagregação familiar com separação dos pais e partilha desdobrada da atenção às suas necessidades por parte destes agentes educadores. No que diz respeito à trompa, o aluno demonstrou, à semelhança dos colegas de turma, uma profunda falta de preparação para frequentar o terceiro grau, não conseguindo executar o repertório definido para o segundo grau, sequer. Segundo o aluno e encarregados de educação, uma grande desmotivação extrínseca provocada pelo anterior docente, com faltas constantes e um ambiente desconfortável na sala de aula, sintomas descritos por todos os restantes alunos da AMO, levaram o aluno ao descrédito na disciplina. De salientar, da mesma forma, que quando o mestrando assumiu as funções de docente nesta instituição, os conteúdos programáticos da disciplina de trompa não estavam elaborados, nem constava do portefólio qualquer documento que se aproximasse de outros programas de outras instituições de referência, o que sustenta uma parte da desorientação feita sentir pelo aluno.

Depois de elaborados os conteúdos programáticos, pelo mestrando, e aprovados pela Direção Pedagógica, o desafio recaiu sobre a busca de levar o aluno a cumprir os requisitos para frequentar o terceiro grau, com recurso a ferramentas pedagógicas e repertório mais acessível que, em primeira instância, solidificasse competências básicas. São exemplo de objetivos o domínio das posições para cada nota; domínio de exercícios em harmónicos numa oitava, que se revelou mais desafiante que as expectativas, tendo o aluno imensa dificuldade em subir além do sexto harmónico na trompa em Fá; domínio das articulações ligado e separado (por intermédio do ataque de cada som por recurso à língua); domínio de tonalidades até duas alterações (Dó Maior, Sol Maior, Ré Maior, Fá Maior e Si bemol Maior), com grande dificuldade para a execução da tonalidade de Ré Maior pelo âmbito do registo; execução de som sustentado sobre cromatismos.

Todavia, os planos não foram seguidos integralmente nem os objetivos alcançados com sucesso, no seu global. A primeira grande razão foi a interrupção deste caminho com a desistência do aluno; a segunda grande razão foi uma certa apatia registada perante os desafios propostos, muito embora na reta final se tenha observado uma melhoria significativa em alguns aspetos – melhoria do registo, emissão do ar, domínio das tonalidades. Foram adquiridos recursos com suporte de CD de acompanhamento para que, através de simples melodias, o aluno pudesse atingir determinados objetivos e, conseqüentemente, renovar o seu espírito participativo e ativo por sentimento de concretização.

Exposto pelos Encarregados de Educação e pelo próprio aluno, apenas motivos alheios à disciplina de trompa determinaram o seu abandono escolar do ensino da música. Com largos elogios e agradecimentos ao docente de instrumento que se procurou envolver nas problemáticas pessoais que o aluno partilhava, pela confiança e sentido de apoio que ambos agentes conquistaram ao fim de poucas semanas e subida dos índices de motivação intrínseca para a aprendizagem da trompa, por consequência da melhoria de alguns aspetos técnicos, o aluno demonstrou vontade em desistir do ensino da música, lamentando a próspera relação professor-aluno que se tinha fundado ao longo do primeiro trimestre e do gosto incrementado pelo próprio docente.

4.2.3. Aluno C – Iniciação

O aluno C, também de sexo feminino, tem apenas 9 anos de idade e frequenta o segundo ano do nível de Iniciação, começado com o atual docente, o mestrando. A

escola de ensino regular de origem é o Colégio Campo de Flores, com protocolo com o CAPA, fruto do qual uma esmagadora maioria dos alunos, à semelhança deste, iniciaram os seus estudos musicais. O aluno frequenta ainda aulas particulares de Guitarra.

O seu percurso académico musical regista uma evolução positiva, à qual o presente ano letivo deu continuidade. O aluno cumpriu sempre as tarefas a que foi proposto, salvas semanas excecionais em que o trabalho de casa não correspondeu ao pretendido. Todavia, o aluno é dotado de capacidades e valências que lhe facultam uma rápida apreensão, excelente capacidade auditiva, excelente memorização e execução refletida no domínio técnico do instrumento, dentro dos parâmetros exigidos. De salientar que todos os resultados escolares do aluno, quer ensino regular, quer especializado, são acima da média e os seus encarregados de educação têm uma participação ativa na sua vida académica, assistindo a aulas e com grande assiduidade nas atividades propostas pela escola.

No presente ano letivo o aluno cumpriu parte da componente técnica exigida nos conteúdos programáticos do 2º grau – tonalidades maiores até duas alterações e com diferentes articulações. Contudo, o repertório não acompanhou esta tendência pela necessidade de se manter um equilíbrio entre o que é exigido ao aluno e, pela experiência do docente, manter os níveis de motivação intrínseca.

4.2.4. Aluno D – 2º Grau

Como referido anteriormente, o aluno D integrou o plano da PES como elemento de avaliação no nível básico de ensino, ocupando o lugar da experiência com o aluno B, que incorreu no processo de abandono escolar ao fim do primeiro trimestre de aulas. Este aluno frequenta o curso básico no CAPA, sem protocolo de regime articulado com o ensino regular.

O seu percurso académico é marcado, fundamentalmente, por dois momentos, em paralelo com a atividade musical que tem num grupo de percussões e numa banda filarmónica no concelho de Lisboa, entre outras atividades. O primeiro momento é passado noutra instituição de ensino da música, no concelho de Loures, onde iniciou o estudo da trompa com outro docente. O segundo momento é marcado pelo acesso ao ensino básico no CAPA, no ano letivo de 2016/17, com o atual docente. No início deste momento foram identificados alguns desafios, nomeadamente na embocadura (posição

do bocal nos lábios), postura corporal e na componente técnica e conceitos relacionados (articulação, registo, posições das chaves para cada nota, conhecimento de exercícios técnicos de base da trompa), não obstante o avanço que já se registava em relação aos conteúdos programáticos a lecionar o primeiro grau deste ensino. De salientar que o aluno demonstrava conhecimentos acima da média, o que explica o foco em desafios mais avançados para um primeiro grau e, ainda, o aproveitamento das valências já adquiridas para potenciar o seu percurso.

Neste segundo grau, o programa traçado deu continuidade ao ano letivo anterior, com uma exigência acima do expectável para o nível de frequência. Ao aluno foi exigido que praticasse todas as tonalidades maiores e menores (apenas exigido nos conteúdos do sexto grau), com foco nas tonalidades até duas alterações, no último trimestre, como preparação para a prova de conclusão do segundo grau; exercícios técnicos de base da trompa, nomeadamente sobre harmónicos, também numa extensão maior que a mínima requerida neste grau (o âmbito requerido percorre os harmónicos compreendidos entre as 3ª e 10ª notas da série e o exigido compreendeu as 2ª e 12ª notas da série); os estudos a apresentar seguiram o plano dos conteúdos, mesmo que, alguns, sendo mais acessíveis, acabaram por servir para solidificar alguns parâmetros (várias articulações, dinâmicas, noção de frase, noção de afinação e respetivo domínio, apenas exigido no grau seguinte); o repertório percorreu obras requeridas no terceiro grau, ao longo dos primeiro e segundo trimestres, optando o docente por atribuir uma obra, no último trimestre, requerida no grau de frequência, como motivador e prova demonstrante dos conhecimentos e aptidões adquiridos ao longo do ano letivo, de execução mais acessível que as anteriores trabalhadas, compensando o esforço de preparação para a prova global de segundo grau.

O aluno D tem pais músicos e o avô foi trompista profissional, que lhe deixou o seu instrumento. O envolvimento e perceção do trabalho em casa foi muito influenciado por esta relação do agregado familiar com o mundo da música. Por um lado, o aluno revelou ter um acompanhamento mais frequente e conhecedor, acima da média e, dir-se-ia, excepcional para o panorama global dos alunos. Por outro lado, não obstante a qualidade do acompanhamento e motivação extrínseca, o aluno também demonstrou alguns processos de trabalho individual influenciados por outras metodologias dos seus encarregados de educação, sem qualquer experiência ou conhecimento de causa sobre o instrumento em estudo (por exemplo, conceitos de respiração, de postura, de fraseado musical ou articulação que não contribuiram da forma mais positiva para a execução técnica do instrumento). O progresso do aluno é notável e a assimilação dos conteúdos

foi bem sucedida, tendo sido o aluno aprovado com distinção na prova global, assumindo o docente, o mestrando, que o envolvimento parental, em comparação com os restantes alunos e análise de tantos outros docentes, tem sido fundamental para conduzir o aluno a um maior foco na aprendizagem e prática regular, tendo em conta, sobretudo, a sua intensa carga horária extracurricular.

5. Reflexão Final

É ideia do mestrando que um indivíduo que decide estudar, fazer um percurso académico superior e aprender, ultrapassou a importante fasquia que o impele, assim, de poder contribuir de forma mais informada e técnica para a atividade profissional que vai desempenhar. É uma decisão, ainda, que fará dele um agente social mais completo, ponderado e tolerante, pelos horizontes alcançados que lhe fornecem ferramentas para solucionar os desafios do quotidiano, em ambos âmbitos, pessoal e profissional. Doravante, o indivíduo que finaliza os seus estudos, ou vai terminando as suas etapas, não acatará apenas a ordem imposta pelos demais cânones e reguladores sociais, não servirá cegamente propósitos, será, ou seria, uma instituição reflexiva, crítica e que respeita os parâmetros de convivência social e de gestão, pelo reconhecimento da sua necessidade como controlo de legitimidade de ação. Se o indivíduo termina os seus vários estágios de aprendizagem da mesma forma que os começou, então o tempo ter-se-á revelado inútil e desaproveitado, os intervenientes não foram bem sucedidos e potenciou-se mais um apático membro social, sujeito a manipulação e motivações extrínsecas. Este indivíduo confirmará apenas a tendência irrefletida da inércia à intelectualização e à crítica e, por conseguinte, juntar-se-á no palco de marionetes dos que, ao contrário de si, almejam o poder e a impressão pública dos seus princípios e valores, heterogêneas idiosincrasias que se virão difundidas em homogeneidade. E, o Homem, ser pensante, errante, num (meio) mundo da informação, merece reatar contato com o seu passado, analisar o seu presente e projetar um futuro, num ato de profunda reflexão constante. E os cursos de áreas artísticas fomentam este espírito e investem nesta postura individual de demarcação da diferença espelhada em cada ideia e personalidade dos novos humanistas.

O Mestrado em Ensino da Música fornece exatamente um conjunto de ferramentas que permitem o indivíduo falhar, refletir e projetar a solução em tempo real de ação. O estágio de ensino especializado serve o propósito de se experienciar e observar a atividade docente em campo, complementando a análise com recurso a

outros exemplos e bibliografia que permite ao mestrando estagiário corrigir-se, aperfeiçoar-se, construir-se e fundar bases sólidas para um promissor futuro, repleto de tantos outros erros e inesperados desafios, mas mais forte e dotado de soluções.

O mestrando desempenha atividade docente já com 9 anos de experiência, em diferentes terrenos de ação e tipos de ensino, numa miscelânea paleta de realidades. Contudo, o estágio de ensino especializado transportou o mestrando para um novo patamar do conhecimento e, reconhece, embora apenas tenha aberto ainda a janela, observa já um horizonte de constante aprendizagem e muitos campos a explorar.

Este estágio foi realizado em instituições de EAE em que o mestrando assume as funções de docente de instrumento, Trompa, e abordou alunos de níveis de ensino diferentes que requerem atenções e *modus operandis* diferentes, em função do seu nível de execução, conhecimento, apreensão e das necessidades para o grau de frequência. Poderia afirmar-se que os 9 anos de experiência se desvaneceram em menos de 9 dias quando o mestrando foi levado, por força da própria orgânica do Mestrado, a questionar as suas metodologias e interpretação das demais situações ocorrentes a cada período letivo. Procurando aplicar as ferramentas adquiridas ao longo de todo o curso, o estagiário não foi eficaz sempre e acabou por assistir ao abandono escolar de alunos seus em investigação, não conseguindo manter uma motivação suficientemente forte que ultrapassasse as dificuldades sentidas pelo pupilo, embora o aluno e agentes parentais tenham reconhecido mérito ao docente, uma grande paixão pelo instrumento e demonstrado motivos alheios à disciplina prática para a anulação de matrícula.

É possível identificar de forma muito global algumas lacunas que o mestrando foi suprimindo ao longo do estágio. Em primeira instância, o conhecimento de repertório e sua adequação ao aluno: o mestrando foi levado ao longo do curso a desenvolver conteúdos programáticos para cada nível de ensino, levando-o à pesquisa e descoberta de novo material que acabou por adquirir e fazer recurso adequado a cada nível de ensino, especialmente Iniciação e 2º grau; por outro lado, a percepção do positivo efeito da aplicação de material lúdico nos níveis, sobretudo, de iniciação e primeiros dois graus do ensino básico, como motor impulsionador de motivação intrínseca no aluno, que se diverte a aprender (temas acompanhados por CD com vários géneros e estilos musicais ou arranjos de temas populares, como bandas sonoras, como objeto de prática individual); o equilíbrio na escolha do repertório interpretativo e técnico e tempo despendido em aula para cada campo (embora fundamental para solidificar as bases técnicas de domínio do instrumento, procurar usar o repertório e métodos de prática da

obra como via de aperfeiçoar a componente técnica, ao invés de recorrer insistentemente a exercícios). Por outro lado, o comportamento a ter com cada agente no triângulo inter-relacional Aluno, Professor e Encarregado de Educação: o mestrando acabou por participar numa ação formativa e explicativa orientada pela Professora Doutora Clarissa Foletto (Universidade de Aveiro) que abordava o método Suzuki e, mais que a aplicação da teoria de componente prática, os grandes seis paradigmas da relação entre os vários intervenientes, que lhe deu ferramentas para entender alguns desafios e procurar superá-los (pais desinteressados, não participativos, e que nunca contactaram com o professor, comprovou-se num caso único, acabaram por facilitar a desmotivação do seu educando, levando ao abandono escolar); a exigência incidente em cada desafio e agente deve ser flutuante e sensível aos contextos diários, semanais, enfim periódicos, de cada um (muitas vezes foi necessário contactar com os pais para procurar perceber a falta de prática individual em casa do aluno e, inclusivamente, com este, permitindo a sua interação ativa e relevando a sua importância no processo triangular); reinterpretar as condições sociais de cada um e desfazer as preconcepções de que filhos de pais com maiores habilitações e profissões de quadros superiores técnicos não terão, necessariamente, melhor desempenho que os do cenário oposto (verificou-se que cada aluno é uma personalidade e a sua condição social, ambiente familiar, embora lhes faculte diferentes ferramentas e níveis de conforto, não induz diretamente na eficácia do processo de aprendizagem). Por fim, as metodologias: apesar dos largos anos de experiência como estudante e, por conseguinte, de prática individual diária orientada para metas definidas, o mestrando apercebeu-se de uma enorme gralha na sua organização e metodologia de estudo, procurando atingir objetivos muito ambiciosos, percorrendo um processo mais sinuoso, pouco estruturado que, de alguma forma, se aproxime do pretendido (o mestrando, após contato com outros professores de vários níveis de ensino, sobretudo o Mestre Nuno Silva – Professor de clarinete na Academia Nacional Superior de Orquestra, viu toda a sua experiência reduzida a uma simples metodologia que se reflete mais eficaz, através da definição sóbria de objetivos de curto alcance que constroem os pilares para atingir a grande meta e mantendo os níveis de atenção e motivação do aluno, que progressivamente e com maior frequência confirma os resultados do seu empenho); o recurso a trabalhos teóricos foi outra experiência do mestrando que, a início, pretendia satisfazer a falta de conhecimentos do aluno acerca do contexto estilístico musical da produção de uma dada obra e se revelou importante no complemento à disciplina de História da Música, bem como aprofundou a análise interpretativa do aluno sobre cada género e corrente estética de cada obra e compositor e uso da componente organológica (ao aluno do 7º grau foi requerida a redação de trabalhos teóricos sobre a

história e evolução organológica da Trompa, vida e obra dos compositores do repertório em estudo e contextos sociopolíticos da estreia de algumas obras, levando-o à tradução de referências em idiomas estrangeiros e à pesquisa de nova bibliografia a acrescentar ao seu acervo); o recurso da audição de exemplos levou os alunos a procurarem noutros intérpretes uma referência para a sua interpretação e contatarem com outras realidades, opções musicais, formas de fazer; a exigência da gravação esporádica do repertório é outra metodologia que aproveita as novas tecnologias em proveito, não da informação neste caso, mas da reflexão e análise crítica do processo de aprendizagem e da interpretação (em algumas situações em que os alunos não compareceram aos tempos letivos, o docente solicitava a gravação do trabalho de casa como objeto de avaliação daquela semana, levando os agentes ativos a empenhar-se para fazer chegar o melhor resultado possível e corrigir as gralhas ou erros decorrentes da interpretação no processo de gravação, estimulando a sua atitude crítica).

No fim desta jornada o objetivo primordial e referido em epígrafe nesta reflexão, foi atingido. O mestrando pôde, uma vez mais, testar os seus conhecimentos e experienciar outros, enriquecendo a sua perspetiva pedagógica e renovando o seu profundo gosto pela docência. Contudo, está ainda consciente que este ano letivo, refletido na análise crítica ao estágio, deverá ver repetidos os seus comportamentos de busca incessante, de absoluta reflexão e atitude constantemente questionável face aos desafios e dificuldades sentidas, numa indelével devoção à arte de aprender e ensinar.

Enfim, num ano de grande exigência intelectual para o mestrando que, além da sua atividade como militar músico, docente em duas instituições de EAE, publicou um livro infantil de sua autoria (Vila Compasso), compôs um espetáculo musical, viu duas obras para Orquestra de Sopros serem estreadas, uma pela Banda de Música da Força Aérea Portuguesa, escreveu quase uma dezena de arranjos musicais para diferentes formações, colaborou com orquestras e formações (Ensemble MPMP, Coral Sinfónico de Portugal) e orientou masterclasses na Polónia (Państwowa Szkoła Muzyczna II stopnia im. W. Żeleńskiego), crê-se que a dedicação, ainda, ao Mestrado e ao estágio foi contínua e de grande empenho, tendo atingido um novo estágio da sua perspetiva de ação docente.

Parte II - Investigação

6. Projeto de Investigação

O projeto de investigação apresentado, muito embora constitua um capítulo segundo separado na organização desta dissertação final, em muito se interliga com o primeiro que reporta o estágio supervisionado em epígrafe. A temática escolhida, de entre muitas elegíveis e que interessavam ao autor, resulta de uma problemática identificada na sua experiência de cerca de nove anos de ensino, que carecia de atenção e destaque e foi explorada no decorrer do ano letivo deste trabalho podendo, por natureza do estágio, experimentá-la e testá-la dentro dos limites éticos e deontológicos consagrados. Importa referir que desde o início do curso de Mestrado em Ensino da Música, frequência sobretudo motivada pela necessidade de satisfação e enriquecimento acerca deste assunto, o mestrando procurou respostas a um leque variado de questões levantadas no âmbito da relação parental e dos comportamentos regulares do aluno no ensino da música e hábitos de estudo inerentes. Neste sentido, a primeira temática suscitada procurava determinar em que medida o agregado familiar influenciaria o sucesso do aluno de música, numa investigação que, depois de refletida, recorreria a um maior tempo no campo e necessitaria de mais recursos que neste contexto não seriam viáveis.

Atentando nos prazos definidos e volvidos cerca de 4 meses do início do ano letivo, já no decurso da Prática de Ensino Supervisionada, o mestrando viu-se na contingência de renunciar ao primeiro tema e traçar um rumo mais sólido, abraçando a busca de respostas para uma outra problemática que o levava a questionar-se ao longo dos últimos anos de atividade docente, debruçando-se sobre a temática da “Prática Individual: tabelas para hábitos de estudo supervisionados nos alunos de trompa”, instrumento em especialização.

De acordo com a sua experiência e contato com outros docentes de demais instituições de ensino da música, o mestrando reuniu preocupações generalizadas dos professores no que diz respeito ao complemento semanal do trabalho realizado em aula e que se traduz no estudo regular em casa. A uma aula de apenas 45min., para a maioria dos casos, corresponde uma semana heterogénea de responsabilidades, atividades e tempo de descanso que se desenrolam no quotidiano dos alunos. Embora pouco se saiba com precisão, ou comprovadamente, acerca da distribuição diária da miscelânea de ocupações dos alunos, os professores conseguem perceber aula após aula se há um trabalho em casa complementar à aula ou se, efetivamente, a prática individual do instrumento não tem lugar na paleta ocupacional dos pupilos. Afinal, porque não

estudam os alunos? Porque não têm tempo disponível? Porque não estão motivados? Porque não o sabem fazer?

Esta investigação debruça-se, fundamentalmente, sobre o tempo disponível e sobre como estudar, o que revelam os agentes parentais acerca da distribuição diária das ocupações dos seus educandos e o desenvolvimento de uma ferramenta de estudo que estrutura a prática individual regular.

Importa referir que de entre a vasta bibliografia considerada, para as fontes em língua estrangeira as traduções propostas são da inteira responsabilidade do autor.

7. Revisão da Literatura e Fundamentação Teórica

«Defendemos que as diferenças entre os grandes músicos e adultos normais reflete um longo período de vida dedicado a um esforço deliberado em melhorar o seu desempenho num dado domínio.»

(Ericsson, Krampe, & Tesch-Römer, 1993, p. 400)

Antes de explorar as fontes que serviram de base à investigação e que, em parte, motivaram a abordagem desta temática, importa clarificar o conceito anglo-saxónico *Practicing* (ou *Practice*) que surge como central, associado praticamente a todas as referências bibliográficas, sugerindo a tradução para português. Ainda num primeiro enquadramento teórico, será explicado o conceito de metacognição.

7.1. Practice/ Practicing

Os termos são explicitados numa vasta literatura que os definem de variadas formas. Austin e Berg (2006) sugerem que *Practicing* é o ato de aprendizagem através de exercícios e experiências sistemáticos, já descrito por Cayne como «repetida performance ou exercício sistemático para o propósito de aprender ou adquirir proficiência» (citado por Barry, Hallam, 2002, p. 151) numa dada tarefa, descrição que Lehmann e Gruber aprofundam afirmando que essa atividade sistemática acarreta a previsão de estágios e atividades (citado por Zhukov, 2009, p. 3). Huanhuan (2009) distingue duas fases no processo de aprendizagem, a aula e o estudo («practice»), sendo que esta segunda se refere ao momento em que os alunos «consolidam o que é

lecionado, se treinam a si mesmos no domínio do instrumento e aprimoram a sua perspicácia musical no sentido de melhorar a performance, através de uma prática repetitiva («repetitive practising»), sempre de forma autónoma» (Huanhuan, 2009, p. 3). Klickstein define que é «o processo criativo, deliberado, de melhorar a aptidão musical e aperfeiçoar a música para a performance» ou o momento de execução (Klickstein, 2009, p. 4).

O mestrando propõe a tradução deste termo ao longo do trabalho para «prática individual», fazendo uso de outras expressões sinónimas como «prática regular» ou «prática diária», associando a «prática», do grego *praktiké* que significa «maneira habitual de proceder, costume, uso» (Dicionário Priberam, 2008-13). Será também referenciado como «estudo individual», «estudo regular» ou «estudo diário», de «estudo» que significa «fazer o possível para aprender, conhecer ou compreender» (Dicionário Priberam, 2008-13).

7.2. Metacognição

Apesar da maioria da bibliografia acerca da eficiência da prática individual se restringir a investigações realizadas apenas em níveis superiores de ensino, os resultados das pesquisas sugerem que os grandes profissionais têm um domínio extenso sobre a sua área de trabalho que lhes permite compreender e identificar problemas mais rapidamente, «em suma, sabem fazer o que está correto no momento certo», isto é, um «músico requer capacidades metacognitivas consideráveis que lhe permitam reconhecer a natureza e exigências de cada tarefa» (Hallam, 2001, p. 3).

Segundo a maioria das fontes, metacognição é o processo de «aprender a aprender» (Hallam, 2001, p. 21). De acordo com Ribeiro (2003), até à década de 70, as pesquisas acerca dos processos de aprendizagem abordavam apenas dois paradigmas, o das capacidades cognitivas individuais e a motivação, altura a partir da qual surgem referências que integram uma terceira área de investigação, a metacognição. Segundo a autora portuguesa, «etimologicamente, a palavra metacognição significa para além da cognição, isto é, a faculdade de conhecer o próprio ato de conhecer, ou, por outras palavras, consciencializar, analisar e avaliar como se conhece» (ibid., p. 109), citando Pressley (1986) e Flavell (1981), que a definem como «conhecimento sobre quando e como utilizá-las (estratégias), sobre a sua utilidade, eficácia e oportunidade (...), bem como a faculdade de planificar, de dirigir a compreensão e de avaliar o que foi aprendido» (Ribeiro (2003), p. 109).

O processo metacognitivo traduz-se, na prática, pelo desenvolvimento de um leque de soluções para diversos problemas de variadas naturezas, «modificando estratégias para atingir objetivos frequentemente reavaliados enquanto a aprendizagem progride» (Galvão, 2006, p. 172)).

Neste sentido, consciente do seu processo de aprendizagem contínuo, o mestrando considera que o docente é responsável por facultar ferramentas de organização de estudo aos seus alunos, sobretudo nos primeiros anos, níveis de ensino nos quais os pupilos não desenvolveram esse rol de respostas aos desafios emergentes.

7.3. Organização do Estudo

Em Saber estudar e aprender a autora refere que «ao fazermos o balanço do nosso tempo, parece que perdemos tempo quando, no fim do dia, verificamos que não realizámos os nossos desígnios, mas nos enchemos de tédio, limitando-nos a contemplar as atividades dos outros, ou então, que passámos de uma atividade a outra sem ter atingido qualquer resultado tangível» (Serafini, 1990, p. 20), evidenciando a grande dificuldade exposta pelos alunos na gestão do tempo livre, cujos encarregados de educação confirmam. Nesta obra destinada a professores e estudantes do ensino regular, a autora dedica a sua atenção aos segundos no capítulo “Como organizar o tempo”, com uma abordagem aos «erros típicos de quem perde tempo e conselhos práticos para evitar estes erros» (ibid., p. 20), enunciando passos como: análise das atividades diárias (todas as que preenchem um dia), para «uma semana típica, sem acontecimentos extraordinários» (ibid., p. 21), elaborando «uma tabela onde figurem todos os dias da semana e as horas do dia» (ibid., p. 22); contagem das horas dedicadas a cada atividade; integrar o tempo para estudo. Tem lugar uma distinção entre níveis de ensino que separa por “escola média inferior” (ensino básico) e “escola superior e universidade” (ensino secundário e superior) grupos para os quais considera necessidades diferentes. Em exemplo, no campo das atividades para a “escola média” são contempladas as que define como inalteráveis: «escola, o sono, a alimentação, a higiene e cuidados pessoais, assim como tempo passado nos transportes», para as quais avalia uma dedicação de um total de cerca de 17h; nas restantes horas sugere «duas dedicadas ao estudo, duas a atividades domésticas relaxantes (como ver televisão) ou obrigatórias» (ajuda em casa), «uma às atividades desportivas, uma aos amigos e aos divertimentos» (ibid., p. 24). Por fim, neste capítulo que, considera o

mestrando, é o mais abrangente, deixa seis «conselhos para aprender a dedicar mais tempo ao estudo», a alguns dos quais o mestrando deu maior foco e importância na sua investigação - «1. Programar as atividades, quer diárias quer semanais», «2. Separar claramente o estudo do divertimento» e «4. Aproveitar os momentos perdidos» (ibid., p.30).

Não obstante a importância da ideia de organização do tempo, sobretudo para a investigação que o mestrando desenvolveu, mais que o parâmetro quantitativo do tempo empregue no estudo, a esmagadora maioria da bibliografia consultada distingue a qualidade do tempo empregue, como é o caso do artigo publicado no *Australian Journal of Music Education*, em 2009, pela Doutora Katie Zhukov. Neste estado da arte em que são recolhidos os resultados e conclusões de inúmeras fontes relacionadas com o estudo individual, a autora australiana resume a crescente importância dada a essa atividade em casa e ao esforço levado a cabo por um número, também crescente, de professores em facultar ferramentas fundamentais para que os seus alunos, de forma mais autónoma, possam atingir os seus objetivos. Por um lado, cita fontes que vinculam a quantidade de horas necessárias, «média de quatro horas de prática diárias» (Ericsson, citado por Zhukov, 2009, p. 4) sendo que «depende do instrumento tocado» (Zhukov, 2009, p. 4), uma vez que os «pianistas e violinistas são os que mais estudam, seguidos dos instrumentistas de madeiras, metais e cantores» (Jorgensen, citado por Zhukov, 2009, p. 4). Segundo a professora da Universidade de Queensland, incidindo na temática da qualidade de tempo investido, «os professores necessitam de elaborar procedimentos de prática individual para cada aluno e reafirmar a estrutura de estudo como a aprendizagem de um processo de trabalho particular» (ibid., p. 10), enfatizando que «instruções claras sobre o que e como praticar podem poupar tempo e minimizar a frustração» (ibid.). Zhukov menciona ainda, na sua conclusão, que as demais técnicas de estudo que demonstram resultados positivos merecem ser empregues na íntegra, mesmo que não resultem em todos os alunos, numa perspetiva de estímulo ao desenvolvimento de «aptidões cognitivas e autorregulação» que «conduzem a uma maior autonomia e confiança em aprender» (ibid.).

Também Austin e Berg (2006), exploram a relação qualidade versus quantidade, num estudo que «descreve a motivação para a prática e a regulação nos alunos de sexto ano (11-12 anos)» (ibid., p. 535), entre alunos de orquestra e banda, demonstrando que uma maior motivação não influi diretamente na quantidade ou melhor organização do tempo de estudo, sendo estes maioritariamente influenciados por fatores mais sociais como o ambiente em casa e escola ou o acompanhamento parental

e do professor. «Algumas respostas aos questionários sugeriram que os instrumentistas seguiam certas diretrizes (para a prática individual) dos seus tutores (...), estruturavam o seu tempo de estudo até determinado ponto (por exemplo, dedicação de algum tempo a coisas que não conseguem fazer bem), e evitavam muitas das distrações que tinham impacto negativo na qualidade do estudo» (ibid., p. 550). Contudo, as respostas demonstraram, da mesma forma, que os alunos não estudam diariamente, tendendo a estarem motivados para estudar menos frequentemente, e não recorrem comumente a instrumentos acessórios como o metrónomo ou gravador. Ainda assim, embora uma fatia menor da amostra, de entre os que se demonstraram mais motivados e organizados, revelou recorrer a várias estratégias de estudo, como a «repetição, simplificação, ensaio mental, anotações, consulta de referências, autoavaliação» (ibid., p. 551), confirmando as fontes anteriores que afirmam que apesar de os alunos, no geral, não fazerem uso de estratégias de prática, «alguns indivíduos começam a fazê-lo depois de apenas um curto tempo de estudo» (ibid., p. 551). Entendem ainda os autores destacar que «a correlação entre organização de estudo, frequência e quantidade (...) indicam que um estudo estratégico pode levar a uma maior prática e mais rápido desenvolvimento de aptidões» (ibid., pp. 551-552). Por fim, numa conclusão alargada, Austin e Berg afirmam, sustentando a escolha da temática para a investigação que o mestrando realizou, que, de acordo com os resultados, «é crucial os professores da escola pública ensinarem explicitamente os seus alunos como se envolver num estudo mais estratégico e como fazerem recurso de várias estratégias de prática individual» (ibid., p. 553).

Sabahat Ozmentes refere que, no seguimento de testemunhos de alunos que dizem que estudam durante horas mas não atingem as metas definidas, «a atividade que o aluno desenvolve com o instrumento durante horas não pode ser considerada estudo; (antes) pode designar-se tocar (...)» (Ozmentes (2012), p. 3141) e conclui, exibindo os resultados, que «os alunos necessitam de maior conhecimento sobre técnicas de estudo mais eficientes», cuja apreensão deveria ser mais enfatizada pelos educadores, os professores, principais agentes responsáveis (ibid., p. 3144).

Muito embora o seu estudo incida sobre a prática do violino, Huanhuan (2009) vai mais longe e sugere uma solução objetiva por intermédio de recurso a ferramentas práticas designadas por CAMIT (Computer Assisted Music Instrument Tutoring – ensino do instrumento musical com assistência computadorizada), isto é, tecnologias aplicadas ao ensino e aprendizagem do instrumento musical. A motivação para o estudo de um sistema CAMIT desenvolvido pelo autor da Universidade Nacional de Singapura, o iDVT

(interactive Digital Violin Tutor) – Tutor Digital de Violino interativo, prende-se com o fato de, explicita, «os profissionais serem dispendiosos e não estarem sempre disponíveis» (ibid., p. 4), pelo que, a par dos tempos de aula semanais, os alunos passam outro tempo em performance ou estudo sem supervisão, o que o autor designa de “prática não supervisionada” (ibid. p. 4), carecendo de um apoio tutorial que extravasa o horário letivo. O autor insiste que «os professores providenciam aos alunos um ambiente de aprendizagem informativo, interativo e supervisionado (...) mas com a ausência dos tutores no estudo, os alunos não podem gozar de nenhum desses benefícios» (ibid., p. 4). Na realidade, os alunos acabam por não ter acompanhamento e, conseqüentemente, o tempo despendido a estudar pode não ter, na generalidade, os resultados pretendidos.

Por fim, quanto à organização do estudo, malgrado a investigação do mestrando enfatize a questão do tempo, exclusivamente como demonstração aos alunos e agentes parentais da possibilidade da execução de um plano de prática diária, é importante relevar a ideia, uma vez mais, de que não é a duração da prática individual que induz o nível performativo, mas a eficiência do estudo. Hallam diz que «o tempo de estudo, que começa com algo entre 20 minutos e uma hora por dia nos primeiros anos, aumenta para 25 horas semanais durante a adolescência e para até 35 durante o período de conservatório superior» (Hallam, citado por Galvão, 2006, p. 170). Contudo, como referem Duke, Simmons e Cash, «não é estudarem (os alunos) 30 minutos por dia, mas identificarem sistemática e habilmente os seus erros que é uma parte inevitável da aprendizagem» (Duke, Simmons e Cash (2009), p. 319). E Barry e Hallam vão ao encontro da base desta ideia, concluindo numa extensa revisão da bibliografia acerca do estudo individual, sua duração e organização, que «os professores têm um papel crucial não apenas levando os seus alunos à aquisição de um nível musical profissional, mas também no desenvolvimento e aprendizagem de conhecimentos e estratégias sobre uma prática regular sustentável, ajudando-os a serem autónomos e independentes» (Barry & Hallam (2002), p. 160). É sobre esta premissa que o mestrando debruça a sua investigação, na criação de ferramentas que conduzam o aluno à sua independência, atendendo que «quanto mais novos, mais supervisão necessitam» (ibid., p. 160). De realçar, ainda, que na conclusão à sua investigação estes autores enumeram uma lista de sugestões que levam a um estudo mais eficiente, de entre as quais «não atabalhoar a prática, (esta) é mais eficiente é estruturada e orientada por objetivos» (ibid., pp. 160-161).

7.4. Literatura específica para Trompa

O interesse em concluir o mestrado com sucesso e procurar absorver o máximo que o curriculum deste curso lhe oferece, saindo enriquecido com toda a atividade inerente às demais cadeiras teóricas e práticas, impeliram o autor a maturar várias ideias para uma possível investigação. Naturalmente, foram os âmbitos de ação docente, a bibliografia com que contactou ao longo da sua formação académica, circunstâncias e contextos de aprendizagem e experiências, que construíram a curiosidade sobre a envolvência parental e, sobretudo, o trabalho em casa como fatores importantes no progresso escolar no ensino da música.

Ao longo da sua atividade como docente, contato com as demais direções pedagógicas e problemáticas de cada instituição do ensino artístico especializado, bem como partilha de experiências com outros docentes, o mestrando foi reunindo preocupações generalizadas quanto aos alunos e o insucesso escolar. Em muitas instituições foram apuradas responsabilidades, sendo atribuída uma grande quota aos professores, noutras foram focadas possíveis soluções, muito embora não se tenha concluído com precisão que ferramentas ou instrumentos poderiam ser aplicados objetivamente. De entre a promoção de mais atividades performativas e momentos de avaliação intercalar que motivassem o aluno ao estudo individual, daquilo que constitui o conhecimento empírico do autor, sempre se discutiu que uma grande lacuna é, realmente, a prática do instrumento musical em casa. Por outro lado, tem sido recorrente a manifestação por parte dos encarregados de educação do desconhecimento em relação a toda a componente prática do instrumento, desde a organologia, execução, aos próprios métodos de estudo individual. Destaque-se o insistente pedido de material de referência, que o autor tem registado, como gravações de exercícios ou repertório a trabalhar em casa sobretudo para os níveis de ensino e que, ainda mais, o motivaram a debruçar-se sobre esta problemática da prática instrumental em casa.

A primeira ideia de concretização de uma investigação relacionada com este tema adveio do uso recorrente de bibliografia que preconiza planos de estudo individual para músicos executantes de trompa, malgrado o seu foco ora apenas no instrumento em questão, ora num nível de performance avançado, referências base para alunos do ensino secundário, superior e níveis de ensino posterior, que tendem a procurar seguir carreira profissional como músicos. Em *The Art of French Horn Playing*, Philip Farkas esboça uma proposta de tabela de estudo individual que percorre uma variada série de parâmetros técnicos e interpretativos, desde os exercícios aos estudos e repertório solista, de orquestra e música de câmara, e com sugestões de abordagem como recurso

a dinâmicas e uso do metrônomo para definir tempos de prática. Acaba ainda por abordar a quantidade de tempo empregue na prática individual. Além disso, é uma referência do domínio completo do instrumento, divagando ao longo de vinte e dois capítulos acerca das questões organológicas e manutenção, postura, dedilhações, embocadura e respiração, o que praticar e como fazê-lo (Farkas, 1956). Froydis Ree Wekre também nos deixa um capítulo com uma sugestão de tabela de estudo individual, depois de uma extensa e clara apresentação de ideias e sugestões para o efeito, no seu *Thoughts on playing the Horn well* (Wekre, 1994).

Uma outra referência com relevância para a investigação propõe, integralmente, um plano de trabalho diário com exercícios técnicos, estudos e excertos orquestrais, numa premissa de conduzir o trompista a trabalhar objetivamente. Todavia, este manual, o *Semanal del Trompista*, de Miguel Torres Castellano, direciona-se a alunos do ensino secundário a superior, ou mesmo aos trompistas que fazem carreira profissional, tal é a exigência do contemplado ao longo dos sete dias da semana, num misto de exercícios de flexibilidade, coordenação, registo, dinâmicas, articulação, som e prática de repertório, ora estudos, ora excertos de orquestra (Castellano, 2002).

Outros autores debruçaram as suas publicações literárias sobre rotinas diárias que constituem uma sugestão de exercícios a executar sobre diversos parâmetros, organizados coerentemente. De entre os mais comungados pelas instituições académicas, destaquem-se, como referência para o mestrando e a título de exemplo, *Compendio de Exercícios para Trompa* (Silva, 2011), *Dufresne Routine* (ed. Bacon, 2005) ou *Daily Practice Routine* (Johnson, 2010).

As referências acima enunciadas influenciaram em muito a necessidade do autor se debruçar sobre esta temática, procurando adaptar o conceito aos níveis académicos mais elementares que não se revêm exatamente nestas estruturas sugeridas, pela complexidade e exigência, bem como pelos parâmetros nelas preconizados.

8. Metodologia de Investigação

8.1. Enquadramento Teórico

Como referido em epígrafe, o mestrando sustentou a sua metodologia numa bibliografia específica que é comumente acolhida pela comunidade científica e de ensino da música, especialização em Trompa, como referências de planeamento,

estrutura e motivação do estudo individual, focando-se nas propostas práticas sugeridas quanto aos assuntos da organização regular.

Farkas (1956), no seu capítulo sete, *Practice*, incide sobre a importância de se praticar e que, não obstante a importância do exercício mental e apreensão dos conceitos, «a capacidade técnica é desenvolvida a partir do uso do conhecimento coordenando-o com muitos atos físicos» (ibid., p. 30). Segundo o autor, a prática pode ser, então, dividida em três partes fundamentais: «o que estudar, como estudar e quanto tempo estudar» (ibid., p. 30). Farkas sugere que o dia deve começar com um aquecimento, entre cerca de dez a trinta minutos, «tão importante para um instrumentista de metal como para um atleta» (ibid., p. 31), seguido de trabalho sobre problemas técnicos a resolver, finalizando o que considera ser a primeira parte do estudo diário. A esta primeira hora, sobretudo para os que «podem estudar cerca de três horas diariamente», deve seguir-se cerca de uma hora para a prática de Estudos para Trompa que incidam sobre desafios técnicos no domínio do instrumento (ibid., p. 31-44). A última hora, dessas três propostas, deve ser usada para trabalhar excertos orquestrais e repertório para o instrumento (p. 44).

Wekre (1994) apresenta uma teoria mais liberal quanto à organização de algumas seções do estudo regular, evidenciando que é necessária disciplina e uma grande flexibilidade na abordagem às mesmas (ibid., p. 2). Em concordância com Farkas, o aquecimento não deve tomar mais que cerca de trinta minutos ou já se estará a entrar na parte de «exercícios (técnicos) diários» (ibid., p. 2), embora, ao invés de uma rotina diária, sugira um leque de exercícios de referência a ser escolhidos para esta primeira parte do estudo. Ao longo de cerca de dez capítulos a autora enumera uma série de ideias acerca de cada especificidade técnica, bem como estratégias de organização e motivação pessoal, inclusivamente com a sugestão de vocabulário a recorrer na apreciação crítica ao trabalho realizado (ibid., pp. 55-60).

Ambos os autores, no que é particularmente relevante para este enquadramento teórico à investigação, dedicam uma seção dos seus livros à organização estrutural objetiva da prática regular por recurso a tabelas muito idênticas.

Observem-se as sugestões de cada autor e percebam-se as principais características:

	SUN.	MON.	TUE.	WED.	THU.	FRI.	SAT.
WARM - UP	20 min.	20 min.					
MISCELLANEOUS:							
pp attacks	5 "	5 "					
lip trills	5 "						
scales	15 "	15 "					
stopped notes	5 "						
transposition	5 "						
KOPPRASCH No. 15	15 "	20 "					
GALLAY, opus 27 No. 23	20 "	10 "					
MAXIME-ALPHONSE ^{Bk. 4} No. 17	25 "	30 "					
ORCHESTRAL EXCERPTS	20 "	20 "					
MOZART, Concerto No. 3	30 "	10 "					
SCHUBERT, Octet	10 "	20 "					
TOTAL	2 hr. 55 min.	2 hr. 30 min.					

Figura 3 - Tabela de estudo de Phillip Farkas (Farkas, 1956, p. 44)

A Figura 3 dispõe a tabela proposta por Farkas. Na coluna lateral esquerda estão enumerados os parâmetros a praticar ao longo dos dias da semana, dispostos na linha superior. Nos espaços em branco, resultantes da interseção das referidas coluna e linha, pretende-se que o usuário da tabela preencha a informação quanto à duração da prática do respectivo parâmetro. (Ver Anexo 2 a tradução da tabela para língua portuguesa)

Farkas sugere que, antes da elaboração desta tabela de validação, o trompista deve elaborar um plano idêntico semanal que contemple os parâmetros a trabalhar e o tempo disponível para o estudo diário. Após esse plano deve esboçar, então, uma tabela idêntica à Figura 3 e registrar, à medida da respectiva concretização, a duração de tempo despendido para cada exercício, aquecimento, estudo ou repertório. No início do estudo do dia seguinte, o trompista deverá analisar o que já foi realizado, procurar seguir o plano definido e, nos casos em que se justifique, compensar os parâmetros negligenciados no dia ou dias anteriores por incompatibilidade na gestão do tempo (Farkas, 1956, pp. 44-45).

Na Figura 2, abaixo, está disposta a proposta de Wekre. Da mesma forma, na coluna lateral esquerda estão enumerados os parâmetros a trabalhar e na linha superior os dias da semana. Nos espaços interseccionais o usuário deverá, tal como Farkas sugere, preencher a duração de prática de cada parâmetro, nos casos em que se verifique. (Ver Anexo 3 a tradução da tabela para língua portuguesa)

	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday	Saturday	Sunday
Buzzing on lips							
Mouthpiece playing							
Legato warm up							
Legato scales & intervals							
Staccato scales & intervals							
Trills							
Flexibility							
Long tones							
Fortissimo							
Natural Horn playing							
Studies							
Orchestral excerpts							
Personal "list"							
Solo literature							
Transposing							
Stopped horn							
Sight reading							
Bass Clef Reading							
Mental training							
Breathing exercises							
Etc.							
TOTAL							

Figura 4 - Tabela de estudo por Froydis Ree Wekre (Wekre, 1994, p. 61)

Wekre expõe a mesma ideia numa extensão detalhada do conceito de Farkas. A sua tabela serve, da mesma forma, de validação e controlo dos parâmetros trabalhados e a trabalhar. Ambos focam que devem ser trabalhadas, essencialmente, as dificuldades observadas, procurando exercícios para as solucionar. Segundo Wekre, esta é apenas uma sugestão e o trompista deverá, acima de tudo, enquadrar o seu estudo, tal como com Farkas, mediante a dinâmica do seu dia. Entre as rotinas quotidianas e de acordo com as atividades musicais, debruçando um olhar atento sobre o esforço empenhado não prejudicando os compromissos, entre os quais performances, o trompista deve gerir o trabalho sobre os desafios a ultrapassar.

8.2. Objetivos

O mestrando tem como objetivo fundamental socorrer a incapacidade de gestão de tempo dos seus alunos. A contínua e insistente justificação da diminuição ou ausência de estudo regular por alegada falta de tempo invade o início de cada aula após a pergunta do professor acerca da realização dos trabalhos de casa ou da prática do repertório. Mais ainda, é observável, em muitos casos, a falta de dedicação à prática regular do instrumento, detetável quando o aluno interpreta em aula o repertório e apresenta as mesmas dificuldades nas mesmas seções, ou falta de resistência muscular.

E esta falta de estudo tem, sobretudo por conhecimento empírico e contato com os encarregados de educação, origem em dois fatores essenciais: a falta de motivação ou a ingerência do tempo livre diário para a prática do instrumento. Por um lado, a motivação para o estudo, que os alunos menos manifestam explicitamente, advém de inúmeras razões: pouca empatia com o professor, pouco apoio dos agentes parentais, mais interesse por outras atividades, demasiada exigência, demora na obtenção de resultados mais visíveis, entre outros, como a própria falta de estudo individual. Por outro, a incapacidade de gestão do tempo livre ou a própria falta de tempo são as mais apontadas pelos encarregados de educação e pelos alunos. É galopante o número de alunos com mais de uma atividade extracurricular, veja-se, a título de exemplo, os casos em estudo. A um horário escolar diário intenso, somam-se as atividades extracurriculares e pouco tempo livre para o lazer ou ócio, descanso e para o que o mestrando considera de orgânica familiar (refeições, lazer, atividades domésticas). A maior preocupação dos encarregados de educação, sobretudo dos alunos de faixas etárias sobre as quais recai o foco do mestrando, é o suporte aos seus educandos: durante quanto tempo devem estudar e o que estudar – questões fundamentais sobre as quais, se bem se recorda o leitor, Farkas (1956) se debruça.

O objetivo principal desta investigação é testar a aplicação destes instrumentos (as tabelas de estudo individual) e a sua exequibilidade. Não se pretende particularizar os sucessos e fracassos resultantes do estudo diário, objetivo primeiro renunciado pelo mestrando por notar a incapacidade de reunir e estudar uma amostra em dimensão suficiente que conferisse maior credibilidade aos resultados. Procura-se perceber as reações à utilização diária ou regular das tabelas, se contribuem para a melhor organização do estudo, que fragilidades têm (se há conteúdos que não se deveriam aplicar ou se é identificado pelos agentes parentais e aluno algum parâmetro mais difícil

de concretizar sem o apoio do professor ou por recurso a alguma ferramenta) e como torna-las mais eficientes do ponto de vista funcional.

A par dos objetivos explícitos, o mestrando procura, implicitamente, demonstrar aos agentes parentais que é possível uma prática regular, ainda que interrompida por atividades da orgânica familiar inesperadas e tentar perceber, deles, que ferramentas mais lhes são necessárias à compreensão e acompanhamento dos educandos. Naturalmente, este objetivo implícito não é declarado aos encarregados de educação no momento de requerimento de autorizações para gravação e análise dos comportamentos e recolha de informações, o que poderia influir nos resultados observados.

9. Metodologia

9.1. Investigação

O modelo de investigação ao qual o mestrando recorreu previu a análise e observação dos resultados em tempo de decurso da aplicação dos instrumentos desenvolvidos. Neste modelo, à medida que o processo de investigação se desenrola, o investigador vai alterando as variáveis e aprimorando os instrumentos criados.

A investigação incidiu sobre três alunos das instituições de acolhimento sobre os quais o mestrando tem a tutela de formação da disciplina de trompa, os quais pode controlar constantemente pela relação intrínseca professor – aluno, e pela regularidade de observação do desempenho dos pupilos.

Numa primeira fase, foram recolhidas informações aos encarregados de educação acerca da ocupação semanal dos seus educandos, via email, entre: horário de aulas de ensino regular e ensino artístico especializado, horários com atividades extracurriculares, e referências horárias da orgânica familiar, como explicitado mais adiante em “Tabelas de ocupação semanal”, o primeiro instrumento de estudo. Posteriormente, foram elaboradas tabelas de estudo semanal, segundo instrumento de estudo, para cada um dos participantes da amostra, particularmente desenhadas em função da distribuição do tempo livre demonstrado nas respostas dos encarregados de educação.

Durante três semanas foi aplicado o segundo instrumento de estudo, após uma semana de teste sobre a qual o mestrando refletiu, recolhendo as impressões

necessárias dos agentes externos, os encarregados de educação e alunos, e, conseqüentemente, foram aperfeiçoadas cada tabela por forma a aproximar a dinâmica da prática diária do quotidiano e maior conforto possível de cada interveniente.

Porque a cada aluno se exigia uma resposta diferente aos instrumentos, ao fim das três semanas: do Aluno A e C recolheram-se as tabelas preenchidas pelos próprios e do Aluno D registaram-se as impressões deixadas pelo aluno, uma vez tratar-se de uma tabela fixa cujos elementos variáveis se prendiam apenas com o material a estudar e com a mudança, de semana para semana, do processo de prática, como clarificado no ponto 9.6.

Da análise dos resultados resulta o presente trabalho que, no que diz respeito à investigação, se divide nas seguintes seções: justificação da escolha da amostra; caracterização dos instrumentos de estudo (Tabelas de ocupação semanal e de estudo semanal); disposição do processo observado com cada aluno (A, C e D); a discussão dos resultados e identificação das limitações decorrentes.

9.2. Amostra

Este modelo de investigação foi aplicado no processo de observação de três alunos caracterizados na Parte I – Parte Pedagógica e que, no intuito de manter o anonimato e preservar as questões éticas e deontológicas, assumem doravante as mesmas designações enumeradas alfabeticamente de A, C e D. Importa, ainda, notar que o início da investigação sofreu vários adiamentos provocados pela identificação de entraves que condicionariam a veracidade e verosimilhança dos resultados. Como já referido, pretendia-se alargar a amostra malgrado o receio da não participação ativa de alguns agentes, como os professores, que poderiam não empenhar o esforço necessário na trabalhosa responsabilidade que se lhes imputaria na realização semanal de tabelas de estudo, segundo o modelo definido pelo mestrando, para cada aluno. Por outro lado, outros modelos de investigação foram postos em causa pelo desconhecimento do comportamento dos agentes parentais na aplicação ou realização de tarefas propostas, nomeadamente no acompanhamento assíduo do momento de estudo individual. Ainda acerca desta última condicionante, o mestrando procurou não se debruçar sobre estes agentes, tendo-os apenas integrado no processo com recurso a tarefas mais simples e que lhes atribuíssem menos responsabilidades, garantindo a sua participação.

O processo de investigação iniciou-se, naturalmente, com a identificação da amostra que deveria garantir que os resultados fossem obtidos (i. e. um aluno pouco interessado, cujos agentes parentais não se envolvem, apresenta maior risco de não aplicar as tabelas de estudo, ao invés de um aluno assíduo, participativo e interessado, que apresenta mais condições de garantir um envolvimento dedicado, fazendo uso, mais provavelmente, do instrumento de investigação). Desta forma, e procurando ultrapassar os desafios que se atravessaram, foi opção do mestrando restringir o seu plano de ação e focar-se em três alunos de níveis de ensino diferentes. Posteriormente, os encarregados de educação foram contactados e questionados sobre a permissão à participação dos seus educandos que implicaria o seu envolvimento enquanto grupo de supervisão e garantia da execução do pressuposto. Depois da obtenção das autorizações dos encarregados de educação e direções pedagógicas das instituições de ensino envolvidas, com a clarificação dos objetivos e procedimentos da investigação, partiu-se para o segundo passo, a identificação do tempo livre diário de cada aluno.

A seleção da amostra obedeceu, então, ao critério de enquadrar níveis de ensino diferentes (Iniciação, Básico e Secundário) e respetivos estádios etários aos quais são exigidos tempo de dedicação e parâmetros diferentes. Atendendo às limitações temporais de investigação e à reduzida capacidade de gerir diretamente poucos intervenientes, o mestrando optou por integrar na sua investigação apenas os três que a compõe. Um número maior seria desejável, mas implicaria a participação ativa de outros docentes, provavelmente em contextos educativos diferentes, dos quais se teria de esperar a mesma entrega que o mestrando teve. Não querendo assumir o risco de não recolher os dados pretendidos por dependência desses agentes externos, o mestrando restringiu o seu terreno aos seus alunos, com os quais pode contactar semanalmente, moldando as estratégias e adaptando a ferramenta em estudo como se poderá tomar conta doravante.

9.3. Instrumentos

9.3.1. Tabelas de ocupação semanal

As tabelas de ocupação semanal constituíram a primeira materialização do conhecimento acerca dos hábitos diários dos alunos. Consciente das sensibilidades em invadir as vidas privadas das famílias dos alunos envolvidos, o mestrando procurou apurar apenas dados simples diários: horário da escola de ensino regular, horário de atividades extracurriculares, hábitos inerentes à vida doméstica (apenas recolha de

informação acerca do horário comum para a última refeição do dia, considerada o jantar pelos intervenientes). Os dados recolhidos foram organizados devidamente numa tabela para cada aluno, respetivamente, sobre uma formatação base idêntica, onde foram expostos os períodos de tempo destinados aos diversos hábitos. De destacar que os encarregados de educação foram questionados, ainda, sobre os hábitos de descanso e dormida dos educandos, procurando respeitar essa disciplina sem abalar a orgânica familiar. Da mesma forma, o investigador procurou, diante dos agentes parentais, compreender em que momentos de cada dia o aluno dispunha, salvo esporádicas exceções, de disponibilidade para o estudo do instrumento (atendendo às condições de espaço físico, ausência de atividades, maior flexibilidade de gestão nesses períodos).

No decorrer da exposição da investigação serão discriminadas as tabelas para cada aluno, fazendo uma ponte para a sugestão do mestrando, o docente da amostra em estudo, de tabelas de estudo semanal respetivas. É importante referir que tanto as tabelas de ocupação semanal como as de estudo semanal foram facultadas aos Encarregados de Educação, ao invés dos gráficos de análise da informação recolhida que serviram apenas o propósito de concretizar os resultados para o investigador.

É comum a todos os alunos a definição de tempo limite diário ativo, considerado na tabela e que, para os alunos C e D, se compreende entre as 8h e as 20h e, para o aluno A, entre as 8h30 e as 20h30, correspondendo ao início do período letivo do ensino regular de cada um.

Este modelo de recolha de informação distribui os hábitos dos alunos em vários parâmetros que, para efeitos de pragmatismo na leitura dos gráficos de análise dos resultados, assumem designações mais breves, doravante entre aspas: Períodos de tempo curriculares preenchidos de aulas (Ensino Regular e EAE), corresponde a designação de “Tempos Curriculares”; Períodos de tempo curriculares preenchidos pela aula de Instrumento (Trompa), “Aulas de Trompa”; Períodos de tempo com atividades extracurriculares – “AEC”; Períodos de tempo não curriculares que constituem tempo útil de estudo e, nos quais, o aluno deverá procurar completar as tarefas propostas na tabela de estudo individual, “Tempo útil de estudo”; Períodos de tempo não curriculares em que é dada maior liberdade ao aluno para optar constituir tempo útil ou não de estudo, por estarem suscetíveis a necessidades pessoais (Refeições) ou atividades extracurriculares, “Tempo livre”; e Períodos de tempo necessários a deslocações, higiene pessoal após aula de E. Física, encerramento da Academia de Música ou por se encontrar na escola de ensino regular na qual não pode praticar instrumento, “Necessidades”.

Deve destacar-se que os fins de semana foram considerados na recolha de informação, de acordo com o horário estabelecido para os restantes dias úteis, muito embora o investigador esteja consciente que, maioritariamente, por indicação dos encarregados de educação, estes dias estejam destinados à dinâmica familiar. Por tal, foram considerados “Períodos de tempo não curriculares em que é dada maior liberdade ao aluno para optar constituir tempo útil ou não de estudo, por estarem suscetíveis a dinâmica familiar, necessidades pessoais (Refeições) ou atividades extracurriculares”, adiante nos gráficos denominado de “Tempo livre”.

9.3.2. Tabelas de estudo semanal

Assumindo a disparidade das características individuais de cada aluno, desde a faixa etária ao nível de ensino em ambos os ensinos, regular e artístico especializado, a apresentação de cada caso e a análise primária dos dados recolhidos é feita separadamente.

É importante relevar o aspeto da quantidade de tempo de estudo implicada para cada aluno. Em primeiro lugar, a cada indivíduo corresponde um nível de ensino com exigências diferentes, assim como as necessidades dos alunos, cujo número de tarefas e tempo de execução influi na duração do estudo. Por outro lado, a duração de tempo limite sugerida é meramente indicativa, sendo que, em primeira instância, importa concretizar bem as tarefas propostas. Por fim, esta duração parte da análise das impressões dos alunos e encarregados de educação ao hábito de estudo diário, tendo o mestrando procurado distribuir o tipo de trabalho a realizar diariamente por forma a aproximar-se dos hábitos transmitidos pelos demais agentes. Por exemplo, o aluno D, cujos pais são músicos, tem hábitos de estudo regular com maior frequência que os restantes e, inclusivamente, que outros alunos do mesmo nível de ensino que não foram cotados para a investigação. Neste sentido, atendendo à motivação intrínseca do aluno, o investigador procurou organizar uma tabela que exigisse a realização de tarefas diárias necessárias ao seu progresso, tendo estimado um tempo máximo útil para a sua concretização, sem constrangimentos quanto à sua extensão, baseado na informação recolhida acerca da sua dedicação diária de cerca de 30min à prática do instrumento. O aluno não tinha demonstrado falta de vontade para estudar ou de tempo, apenas o desconhecimento de como organizar o seu estudo regular, o que fazer, durante quanto tempo e como.

Ao invés, por exemplo, os encarregados de educação do aluno C expuseram, antes da investigação, uma constante dificuldade na gestão do tempo livre do educando, dos hábitos de estudo, ora o que fazer, ora sem tempo para fazer. O mestrando procurou combater esta adversidade, organizando uma tabela simples com a proposta de execução de tarefas práticas e que consumissem menos tempo ao aluno, levando-o a praticar mais vezes por semana, durante menos tempo.

9.4. Aluno A

A tabela ocupacional do aluno A (ver anexo), reúne, exclusivamente, o cálculo diário total de horas de tempo considerado livre (período de tempo em que não foi levantada nenhuma atividade, embora sujeito à dinâmica familiar e ocupação esporádica não prevista). A razão pela qual foi dado destaque ao somatório em horas do tempo livre a este indivíduo, deve-se à constante manifestação da sua parte de dificuldade de gestão do pouco tempo disponível. Sensível a este comportamento regular, o mestrando procurou, desta forma pedagógica, demonstrar ao aluno o tempo que dispunha diariamente para o estudo individual do instrumento, naturalmente sujeito a perturbações cuja responsabilidade não lhe pode ser imputada (dinâmica familiar, ensaios extra, aulas extra, estudo para testes, entre outros considerados imprevistos).

Após uma semana de teste, foram identificadas algumas deficiências na tabela que dizem respeito a fatores não mensurados anteriormente, e que o aluno expôs. É o caso do tempo necessário para transportes, horário de encerramento da instituição de ensino vocacional (Academia de música) e necessidades básicas relacionadas com atividades curriculares como a disciplina de educação física que implica a higiene pessoal após o período letivo. Desta forma, a tabela aparece alterada com um cromatismo que identifica estes períodos não estimados anteriormente.

Ainda antes da apresentação da tabela proposta de estudo semanal, é importante reportar outras dificuldades sentidas pelo aluno e atitudes menos responsáveis que este assumiu: dificuldade de concentração e foco no momento de prática; distração com aparelhos eletrónicos; perturbação com o meio envolvente (ruídos, movimento de pessoas); fadiga; encontrar-se na escola de ensino regular onde não pode praticar instrumento.

Crê-se que a habitual falta de disciplina de estudo e a novidade de um estudo organizado possam influir nalgumas destas dificuldades. Por exemplo, a fadiga resulta

da falta de prática regular e consequente falta de resistência muscular e mental; a dificuldade de concentração resulta da falta de disciplina de estudo; a distração constante com aparelhos eletrônicos pode resultar da falta de experiência de gestão de tempo e desconhecimento da duração da execução de cada exercício ou tarefa proposta.

Algumas soluções foram sugeridas ao aluno: que faça recurso dos aparelhos eletrônicos como equipamento assistente da prática (relógio, metrônomo, afinador, áudio de referências, armazenamento portátil de recursos literários e material de estudo); leitura e áudio de referências (repertório de trompa, repertório orquestral, masterclasses online, pesquisa de informação) ou realização de trabalhos de casa e estudo para disciplinas do ensino regular e vocacional nos períodos livres em que não pode estudar instrumento, como forma de rentabilizar o tempo.

Note-se que em momento algum é sugerido ao aluno que faça uso do tempo após as 20h30, por considerar que este, embora o encarregado de educação não o tenha manifestado objetivamente, deverá ter tempo de retiro e descanso que englobe família, entretenimento, outras distrações, ou responsabilidades como estudo para testes, provas ou exames.

9.4.1. Tabela de Estudo Semanal

Esta proposta de tabela de estudo semanal esboça um plano diário a validar pelo aluno e sintetiza as propostas de Froydis Ree Wekre em *Thoughts on Playing the Horn Well* e, mais antiga, de Philip Farkas em *The Art of French Horn Playing*.

Mediante as sugestões do professor, assentes no repertório de trabalho técnico facultado e disposto nos conteúdos programáticos da disciplina de Trompa, o aluno A é levado a registar diariamente a que métodos ou livros recorre, podendo, posteriormente, observar a sua evolução. Assim, o registo do material utilizado concretiza teoricamente a experiência de estudo que este analisa em conjunto com o seu docente, retirando, consequentemente, conclusões e adaptando semanalmente o plano em função das necessidades e desafios.

Atente-se nos conteúdos a praticar, parâmetros sugeridos pelas referências acima enunciadas. Para o “Aquecimento” é disposta uma pequena lista de livros de exercícios para o efeito que contemplam sequências organizadas que poderão ser seguidas pelo

aluno. “Outros” é um parâmetro mais vasto para o qual não é proposta na tabela uma lista de referências, mas cujos exercícios necessários à prática desses conteúdos podem ser encontrados nas fontes sugeridas em “Aquecimento”, de entre outras tantas que constam dos conteúdos programáticos da disciplina de trompa na respetiva instituição de ensino. Deste parâmetro fazem parte conteúdos, à semelhança do sugerido pelas referências bibliográficas que inspiraram este modelo, como: ataques (pp – ff); trilos labiais; sons bouché; tonalidades (escalas maiores, menores e cromáticas e arpejos); transposição; som sustentado; flexibilidade; registo (grave – agudo); e respiração. “Estudos” e “Obras” são parâmetros idênticos que indicam a prática do que designam, sendo, por natureza da sua complexidade e exigência performativa, alvo de um foco de maior duração, considerando, ainda, que a sua prática e execução reúnem o trabalho da grande parte dos conteúdos contemplados em “Outros”.

A duração de tempo dedicado a cada parâmetro a praticar constitui apenas sugestão do docente, da sua experiência no terreno e resultante da revisão bibliográfica, embora sujeita, naturalmente, à manipulação do aluno em função das necessidades diárias e semanais. A tabela não indica o que deverá o aluno praticar por forma a não reduzir o seu trabalho individual a um autómato gerido por um agente externo que não vive a sua experiência, o professor. Desta forma, o aluno poderá adaptar diariamente o plano em função de inúmeras condicionantes (fadiga muscular e cansaço mental, lesões, indisponibilidade, entre outras). Pretende-se, além disso, dar autonomia ao aluno, estimular o sentimento de pertença ao seu próprio percurso participando tão ativamente quanto o seu docente e, ainda, responsabilizá-lo, promovendo a autocrítica, autodisciplina e realização própria.

Como referido em epígrafe, pretende-se que aluno e professor discutam as potencialidades e fragilidades do plano, discutindo pontos de vista e perceções, melhorando o processo e tirando conclusões da experiência, ao fim de cada período semanal. O professor deverá escutar o aluno e procurar perceber, além da sua astúcia, os desafios que surgem, estimulando o pupilo a enfrentá-los através de soluções propostas, sempre valorizando os bons resultados obtidos. Pequenos passos, poderão conduzir o aluno a grandes metas.

9.4.2. Análise da informação obtida

A análise da informação obtida com o aluno A contempla três secções fundamentais, das quais a segunda lhe é exigida apenas a si: análise da ocupação

semanal individual; preenchimento e recurso às tabelas de estudo; e, embora não seja o foco do estudo, a evolução do tempo diário despendido para estudo.

O gráfico abaixo evidencia a distribuição semanal do tempo do aluno, a partir da informação facultada em conjunto pelo aluno e seu encarregado de educação. Repare-se que, comparando os gráficos correspondentes dos restantes alunos, este é o aluno que dispõe de menos tempo na escola, quer do ensino regular ou vocacional. As suas apenas cerca de 27h semanais despendidas em aulas permitem-lhe dispor do mesmo tempo útil para estudo (ao contrário dos restantes alunos com cargas horárias curriculares maiores). Além disso, note-se que mais de metade do tempo semanal constitui tempo livre ou útil de estudo, isto dentro das barreiras delimitadas. Em realidade, este é o aluno que requer maior dedicação e tempo de prática individual, pela natureza dos seus objetivos académicos e exigência do nível de ensino e, de fato, é o que dispõe de mais tempo para o efeito. Todavia, à semelhança da restante amostra, manifesta insistentemente falta de tempo para o estudo individual.

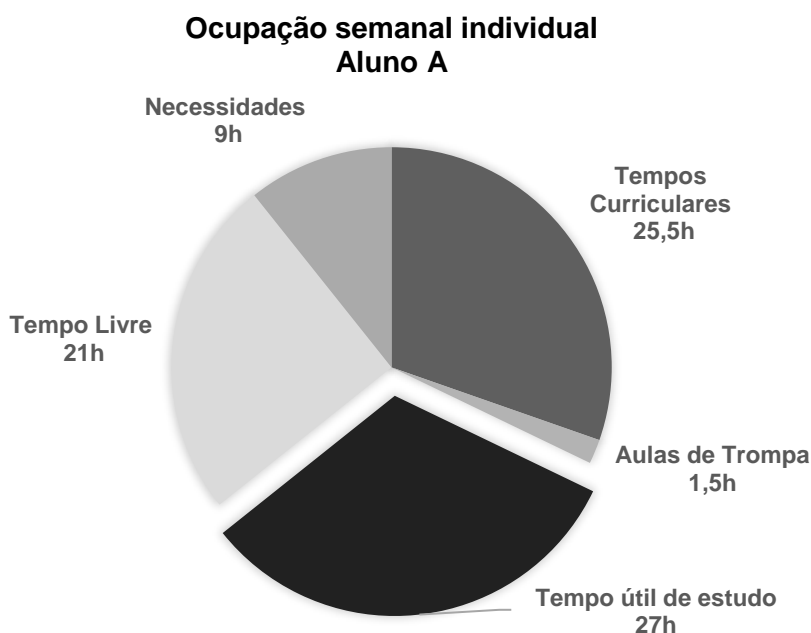


Gráfico 6 - Ocupação semanal individual, Aluno A

Importa referir, ainda, que o aluno se ocupa semanalmente com uma atividade relacionada com a música, como executante de uma Banda Filarmónica local, e que não foi cotada por já se compreender fora dos limites definidos como tempo diário abrangido pelo estudo. É, contudo, uma atividade a destacar que preconiza cerca de 3h horas semanais, pelo menos, de contato com o instrumento musical e constituição de experiências performativas, complementares à formação académica.

Numa segunda abordagem, procure-se entender o comportamento de preenchimento das tabelas e o recurso a estas por parte do aluno. Em primeira instância, o aluno reconheceu ao fim de cada período semanal a utilidade deste instrumento, notando a facilidade de gestão dos conteúdos a praticar e na constatação do tempo empregue no estudo individual; apoio na gestão do esforço e percepção de maior produtividade por foco e concentração nos conteúdos. Todavia, em contradição e malgrado a facilidade reconhecida na gestão do estudo, manifestou sentir pouca disciplina no preenchimento e recurso às tabelas por se tratar de um processo pouco imediato e que lhe exige algum tempo de reflexão. Foi esclarecido ao aluno que essa autoavaliação, crítica própria e análise diária são métodos que lhe permitem racionar o esforço, potenciando o tempo despendido, discussão à qual o participante reagiu de forma positiva, renovando os padrões anímicos e níveis de entusiasmo para a continuação de um trabalho organizado.

Por outro lado, podem tirar-se algumas ilações das informações preenchidas ao longo das tabelas. O período de tempo útil de estudo diário está fragmentado em alguns dias da semana o que leva o aluno a intervalar a prática por obrigações curriculares e este sintoma é evidente no recurso ao aquecimento duas vezes no dia (na primeira vez em que inicia a prática do instrumento e na segunda vez, após ter interrompido o estudo por ter aulas). Acerca do aquecimento, podem ainda destacar-se dois cenários: em primeiro lugar, o recurso a material bibliográfico sugerido pelo professor, inclusivamente para períodos de aquecimento mais curtos que precedem performances (indicadas pelo próprio aluno na tabela como “Concerto”); em segundo lugar, a regularidade de recurso às referências, denotando variedade de dia para dia, no intuito de desenvolver parâmetros diversos e evitar reduzir o trabalho apenas a um leque pequeno de exercícios, observando-se uma maior consistência no recurso ao “Semanal del Trompista” (Castellano, 2002), livro que já contempla essa variedade; por fim, foi o único parâmetro praticado ao domingo, salvo exceção na semana 3, no qual praticou cerca de 15 minutos de “Outros”.

No seguimento desta miscelânea de exercícios, o aluno expõe essa coerência de variação diária no trabalho dos parâmetros “Outros”, estudando, maioritariamente, “Escalas”, “Flexibilidade”, “Respiração” e “Som sustentado”. Contou para análise a identificação do tempo despendido para esta área que engloba um trabalho mais completo de dificuldades sentidas pelo aluno e, não obstante o positivo referido acima, o mestrando entende que o aluno deveria dedicar mais tempo do seu estudo individual a esta área. A exemplo, “Trilos” é uma das dificuldades mais sentidas pelo aluno e que,

nem por isso, mereceu tanta atenção da sua parte, à semelhança de “Sons Bouché” que, contudo, acabou por ser ultrapassada (considerando também, para este caso, um esclarecimento meticoloso da técnica por parte do docente).

Relativamente a “Estudos” e “Obras”, o aluno demonstrou regularidade na sua prática, embora seja evidente a menor importância que atribui à prática de “Estudos”, nunca ultrapassando a dedicação de cerca de 15 minutos. Para “Obras” o aluno assumiu o mesmo comportamento de raramente exceder metade do tempo mínimo sugerido pelo mestrando, fato confrontado entre ambos. A esta discussão o aluno manifestou, uma vez mais, pouco tempo disponível para a prática. Crê o mestrando que destas três semanas resulta um processo de choque e adaptação que se traduz na assimilação rápida de parte da metodologia de organização embora pese uma notória resistência à introdução de outra parte destes novos padrões comportamentais mais sustentáveis sugeridos.

Por fim, outros dados possíveis de recolher dizem respeito ao tempo registado para a prática individual. Na tabela abaixo é disposto o tempo de duração (em minutos) de cada parâmetro para cada dia da semana, ao longo das três semanas de estudo, conforme preenchido pelo aluno. Refira-se que estes tempos de duração indicados pelo interveniente são sempre aproximados e que ao zero corresponde a nula prática.

A semana 2 foi aquela a que, maioritariamente, o aluno dedicou mais tempo de estudo, destacando-se como a semana à qual mais se dedicou a “Estudos”. Ainda, na esmagadora maioria dos dias, despendeu mais de metade do tempo de estudo diário a “Aquecimento” e “Outros”, isto é, trabalho de exercícios técnicos. Por outro lado, a semana 1 foi a semana na qual o aluno mais se dedicou à prática de “Obras”, notando-se um decrescendo do seu foco. De evidenciar que ao longo da semana 3 o aluno esteve doente, o que perturbou a possibilidade de se dedicar mais tempo.

Parâmetro	Semana	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado	domingo
Aquecimento	1	50	30	15	30	35	25	30
	2	60	30	30	50	30	35	15
	3	30	25	20	0	40	30	15
Outros	1	20	10	10	15	20	10	0
	2	15	25	10	15	20	10	0
	3	5	35	10	0	25	0	15
Estudos	1	10	0	0	10	0	15	0
	2	15	15	10	10	20	20	0
	3	0	0	0	0	0	0	0
Obras	1	40	30	30	40	50	30	0
	2	30	30	20	30	0	20	0
	3	35	20	10	0	65	35	0

Figura 5 - Distribuição do tempo dedicado ao estudo individual, em minutos, ao longo das três semanas de investigação, Aluno A

De outra perspectiva, observe-se o gráfico abaixo que concretiza visualmente a tabela acima quanto ao tempo total de estudo diário ao longo das três semanas de investigação. Nele destaque-se o evidente dia de domingo ao qual o aluno dedicou menos tempo de estudo individual, essencialmente praticando o “Aquecimento” (de acordo com a tabela acima). Note-se, por oposição, que a segunda-feira e a sexta-feira são os dias aos quais o aluno mais dedicou tempo de prática, coincidente com a maior disponibilidade demonstrada na tabela de ocupação semanal.

Evolução do tempo de estudo

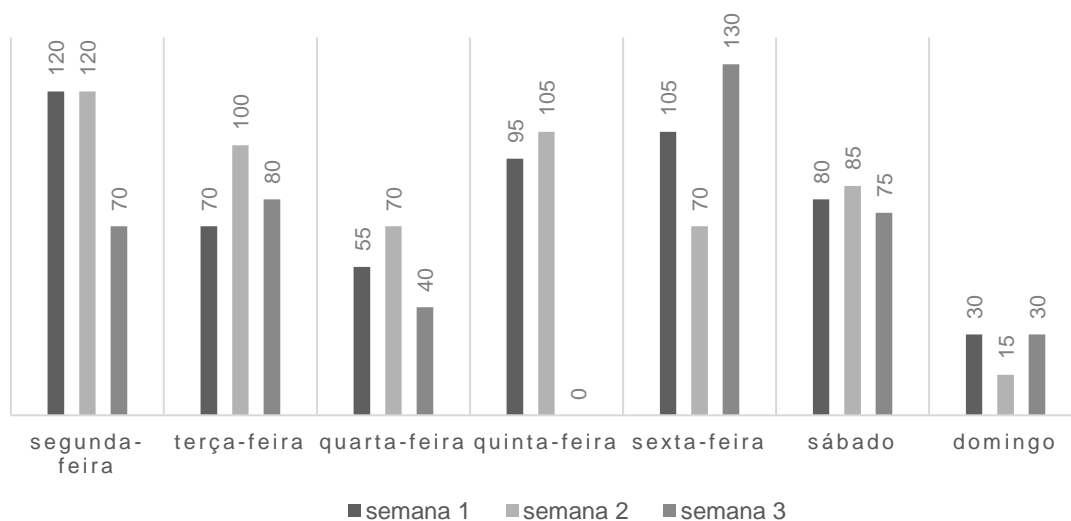


Gráfico 7 - Evolução do tempo de estudo semanal, Aluno A

Terminando, tomando como ponto de referência a tabela de ocupação semanal que reproduz os dados recolhidos do aluno e encarregado de educação, entenda-se, por leitura dos gráficos abaixo, a comparação entre o tempo útil de estudo indicado e o tempo efetivo de prática individual, calculando o desvio padrão dos seus valores médios. Para sábado e domingo foram consideradas apenas 4h de tempo útil de estudo.

Os próximos gráficos traçam duas linhas: de “Tempo útil de estudo” e de “Duração da Prática Individual” e indicam-nos a dispersão entre o tempo médio que o aluno indicou que dispunha para estudar e o tempo que realmente despendeu para o efeito. A unidade de medida dos valores apresentados é em minutos e os resultados dos cálculos arredondados às unidades. Quanto mais próximas estão as duas linhas, maior é a correspondência entre o tempo médio útil para estudo, indicado pelo aluno, e a duração da sua prática individual. Quanto maior a distância entre as linhas, mais gritante é a dispersão entre o tempo que o aluno indicou que teria para estudar e o que realmente utilizou.

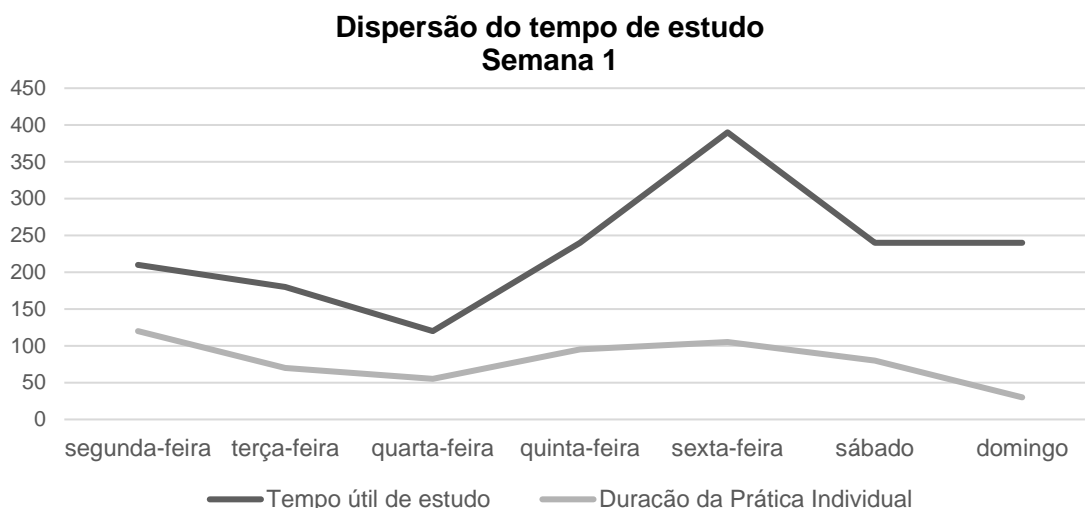


Gráfico 8 - Dispersão do tempo de estudo da Semana 1, Aluno A

Repare-se no gráfico acima correspondente à semana 1. A segunda, terça e quarta-feira foram os dias em que o tempo de estudo registado pelo aluno mais se aproximou do tempo disponível por si indicado para o efeito. A uma média de tempo útil de estudo de 231 minutos corresponde uma dedicação de uma média de apenas 79 minutos, sendo a quinta-feira, a sexta-feira e o domingo os dias em que há maior discrepância entre o tempo esperado e o de prática efetiva. O desvio padrão calculado é igual a 108, dispersão alta observável no afastamento das linhas do gráfico.

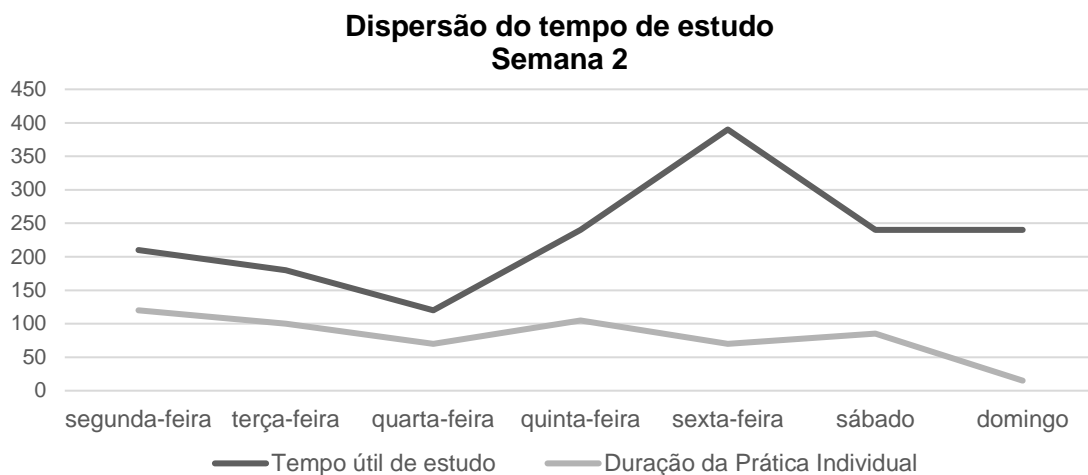


Gráfico 9 - Dispersão do tempo de estudo da Semana 2, Aluno A

A semana 2 registou a maior aproximação, matemática, ao tempo despendido pelo aluno, com um desvio padrão calculado de 107 para uma média de tempo de prática individual de cerca de 81 minutos. Destaque, uma vez mais, para os dias de quinta-feira a domingo, com maior dispersão entre o tempo que o aluno indicou ter disponível para o estudo e o que realmente usou.

Já a semana a semana 3 foi a que correspondeu menos às expetativas projetadas sobre o tempo útil de estudo demonstrado. Com uma média de tempo de estudo de cerca de 61 minutos, a dispersão em relação aos 231 minutos diários disponíveis, em média, subiu nesta semana para um desvio padrão de 121. Esta foi a semana na qual o aluno dedicou menos tempo, destacando uma quinta-feira nula de prática individual por alegados motivos de saúde.

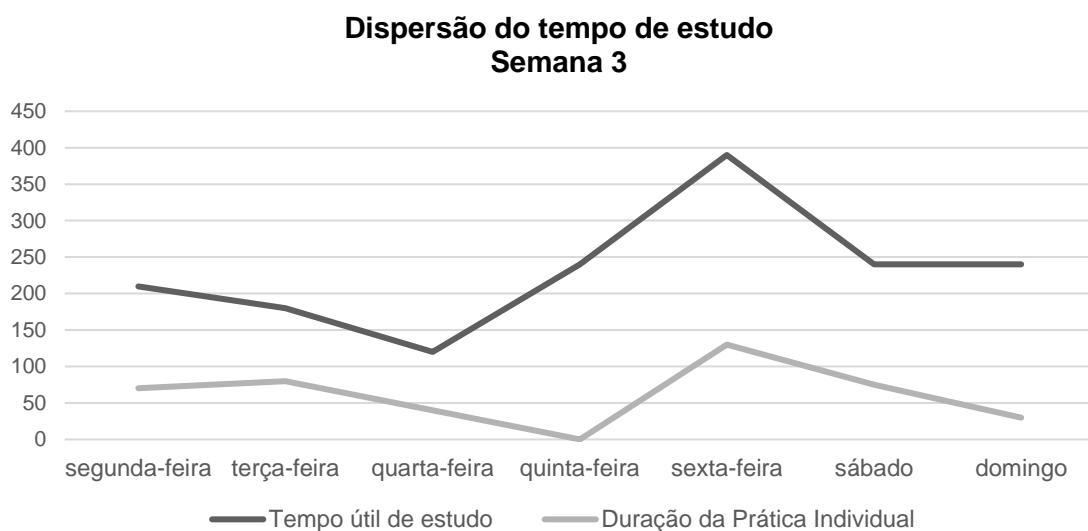


Gráfico 10 - Dispersão do tempo de estudo da Semana 3, Aluno A

Apesar de nesta semana 3 o aluno A ter evidenciado um estado mais debilitado de saúde, com o seu pico no dia de quinta-feira, o mestrando não considera que este dia, onde é mais notória a discrepância entre tempo disponível e a prática (que foi nula), tenha afetado os resultados, tornando a experiência de investigação inconclusiva, até porque na maioria dos restantes dias, o comportamento é aproximadamente idêntico às outras semanas. De fato, o aluno, em nenhuma semana, fez uso do tempo total diário disponível para a prática individual, esta é a conclusão mais imediata que se pode retirar.

9.5. Aluno C

A tabela ocupacional do aluno C (ver anexo) distribui os seus hábitos em: Períodos de tempo curriculares preenchidos de aulas (Ensino Regular e Vocacional); Períodos de tempo curriculares preenchidos pela aula de Instrumento (Trompa); Períodos de tempo com atividades extracurriculares; Períodos de tempo não curriculares que constituem tempo útil de estudo e, nos quais, o aluno deverá procurar completar as tarefas propostas na tabela de estudo individual; Períodos de tempo não curriculares em que é dada maior liberdade ao aluno para optar constituir tempo útil de estudo ou não, por estarem suscetíveis a necessidades pessoais (Refeições) ou atividades extracurriculares não previstas, orgânica familiar, entre outros.

À semelhança do aluno A, não é sugerido ao aluno que faça uso do tempo após uma dada hora, neste caso as 20h00, hora informada pelos encarregados de educação como habitual para a última refeição, considerando que a partir deste momento do dia o tempo deverá ser dedicado a descanso que englobe família, entretenimento, outras distrações, ou responsabilidades como estudo para testes, provas ou exames.

Após a semana de teste, em simultâneo com os restantes alunos, foram identificadas algumas gralhas na tabela por falta de identificação anteriormente, por parte dos encarregados de educação. Todavia, porque dizia respeito a atividades extracurriculares que o aluno frequenta, foram imediatamente adicionadas à tabela, não tendo produzido impacto na organização da tabela de estudo semanal.

Importa referir que este aluno, à semelhança do aluno D, frequenta cerca de três atividades extracurriculares além do ensino artístico especializado. Procurando restringir a exposição de informação que dizem respeito à vida privada do aluno, não são descritas essas atividades, com exceção de uma que se relaciona com o ensino da

música, embora em regime de ensino doméstico, que constitui uma aula de guitarra semanal.

9.5.1. Tabelas de Estudo Semanal

A tabela proposta para o aluno C esboça um plano diário com menor autonomia relativamente ao aluno A. Neste nível, Iniciação, o aluno tem uma idade compreendida entre os 6 e os 10 anos, pelo que é requerida uma monitorização da prática diária aos agentes parentais. Esta tabela também sintetiza as propostas Wekre (1994) e Farkas (1956) embora amplamente simplificadas. Contudo, estes autores sugerem um preenchimento autónomo da tabela por parte dos instrumentistas, alunos ou profissionais, noutros níveis de ensino ou com maior experiência, respetivamente. Neste caso, a tabela é já preenchida pelo professor de forma objetiva e que permita ao Encarregado de Educação observar e confirmar a sua execução.

A tabela indica o que o aluno deverá praticar, conduzindo-o a uma prática diária o mais completa possível, mas que não lhe tome mais de cerca de 15 minutos. Naturalmente, não é exigida ao aluno tamanha concentração no estudo da trompa por vários motivos que vão desde a sua ocupação com atividades extracurriculares, tempo necessário para realização de trabalhos de casa para a escola de ensino regular e vocacional e, sobretudo, tempo para distrações e entretenimento.

Como referido acima, pretende-se que o professor e o Encarregado de Educação discutam a exequibilidade deste curto plano diário. A sua reduzida dimensão, crê-se, estimula o aluno para concretizar uma tarefa que, afinal, não lhe tomará muito tempo, fator o qual também legitima a ideia de que é possível fazer uma prática diária do instrumento sem prejuízo de todas as atividades e distrações que envolvem o aluno.

A tabela reúne, à semelhança dos outros participantes da amostra, quatro parâmetros de prática, com nomenclaturas diferentes mas que designam o mesmo: “Exercícios Técnicos de Base da Trompa” (que designa os anteriores “Aquecimento” e parte de “Outros”, dentro do conteúdo “Flexibilidade” e “Registo”), “Escala” (parâmetro que designa fundamentalmente “Outros”, correspondendo a um dos exercícios do conteúdo “Tonalidades”), “Estudo” (a este aluno é só requerido a execução de um estudo semanalmente, motivo pelo qual se designa no singular) e “Peça” (termo próximo deste aluno em estudo que designa o anteriormente usado “Obras”, referente apenas à prática de uma obra semanalmente).

A grande novidade surge na proposta de uma tabela menos académica, mais dinâmica e animada, que torna lúdica esta atividade de estudo individual. Ainda assim, o aluno continua a ser, à semelhança do aluno A, responsável pela validação diária da prática individual, através do preenchimento dos cartões diários, onde figuras de personagens de filmes de animação a colorir motivá-lo-ão a concretizar: a realização da tarefa (“Já está?”); a qualidade da sua realização, entre notoriamente bem ou menos bem (“Como é que correu?”); e, estimulando o acompanhamento dos pais, por supervisão, a avaliação dos agentes parentais, também entre notoriamente satisfatório ou não (“O que é que os meus pais acham?”).

9.5.2. Análise da informação obtida

Os dados recolhidos relativos ao aluno C diferem muito em relação à restante amostra, ora pelo nível de ensino, ora pela natureza da observação e tipo de instrumento usado. Embora as tabelas de estudo semanal sirvam o mesmo propósito, deve notar-se que a um aluno de 9 anos de idade lhe é exigida menor responsabilidade que aos agentes envolventes, parentais e professor. Sob esta premissa, o mestrando, na qualidade de docente, procurou esboçar planos que envolvessem ambas as partes, pais e docente, como referido no ponto anterior.

Analise-se a informação sob dois prismas: o da ocupação semanal individual e a aplicação das tabelas de estudo semanal.

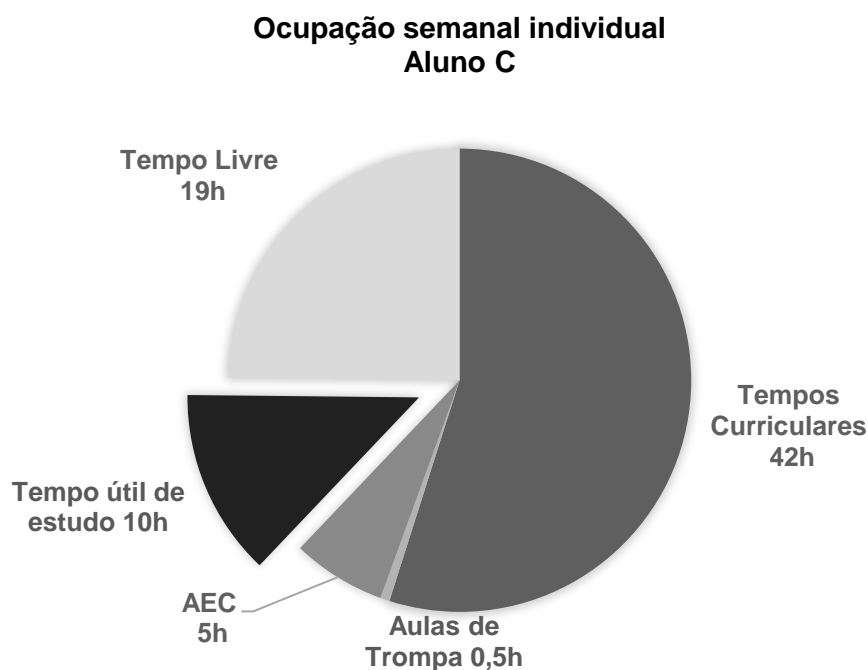


Gráfico 11 - Ocupação semanal individual, Aluno C

De acordo com o gráfico acima que nos elucida visualmente acerca da ocupação semanal individual, observe-se a distribuição do tempo facultada pelos encarregados de educação em horas. O aluno C é, na amostra, aquele que comporta maior carga horária escolar ocupando-lhe mais de metade do tempo semanal, de entre as barreiras temporais diárias definidas para efeitos de investigação (8h – 20h). Apesar de não ser o aluno com mais tempo empregue a AEC, lembre-se a sua idade e a sua condição quanto à orgânica familiar, dependendo de vários agentes para necessidades não mensuradas como, por exemplo, as deslocações entre atividades e ocupações (da escola para uma das AEC, ou das AEC para casa, entre outros). A par da menor duração de tempo da Aula de Trompa e um menor tempo útil de estudo, de entre a amostra, são coincidentes a menor exigência dos conteúdos programáticos do seu nível de ensino e, por conseguinte, os trabalhos de casa, traduzidos em tempo de prática individual. Repare-se, por fim, que apenas cerca de um quarto do tempo semanal, com grande distribuição ao longo do fim de semana, foi considerado tempo livre, procurando o docente integrar ao longo dos dias úteis da semana pouco tempo diário para estudo regular, como se pode verificar nas tabelas de estudo semanal (Anexo). Lembre-se apenas que o tempo útil de estudo contempla mais tempo de dedicação diário que aquele que é realmente necessário, constituindo o que resta após a prática individual tempo livre.

Da investigação ao aluno C resultam, ainda, dados de três semanas distribuídos por três parâmetros essenciais: a execução do plano pelo aluno; a sua autoavaliação e a validação dos pais. As tabelas do aluno que o levavam a preencher campos de validação da sua prática foram responsabilizando o seu comportamento e requerendo, assim se pretendia, a atenção dos agentes parentais, além de lhes demonstrar a possibilidade de se manter a regularidade do estudo individual sem privação das demais atividades e/ou tempo livre, bem como da própria orgânica familiar.

Debrucem-se as atenções para a execução do plano semanal por parte do aluno, análise recolhida a partir do preenchimento das tabelas através do processo de colorir figuras dispostas por campos para o efeito. Um dos campos que compunha a tabela de estudo semanal a preencher pelo aluno requeria que este confirmasse a execução da prática dos quatro parâmetros a praticar (“Exercícios Técnicos de Base da Trompa”, “Escala”, “Estudo” e “Peça”). Este campo intitulado “Já está” pretendeu, através da pintura de animações gráficas, uma com caráter feliz ou sorridente e outra com caráter triste ou sisudo, a confirmação da realização de cada parâmetro. O seguinte gráfico demonstra quantos dias o aluno confirmou que praticou, que não praticou e os dias sem

informação, ao longo das três semanas. Deve notar-se que a quarta-feira, dia em que foi identificado menos tempo útil de estudo, o docente não contemplou o estudo do parâmetro “Escala”, campo representado com uma animação que se encontra a descansar. Assim, o total de campos a preencher, ao invés de quatro por dia, num total de 20, passa a quatro por dia, com exceção da quarta-feira com apenas três, a um total de 19 campos a validar.

Confirmação da realização das tarefas propostas

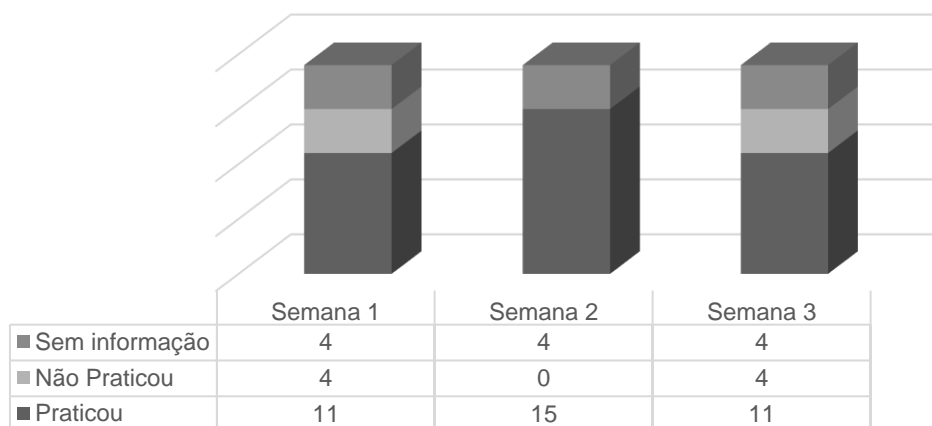


Gráfico 12 - Confirmação da realização das tarefas propostas, Aluno C

No gráfico acima leia-se que na semana 1 e 3 o aluno não preencheu (não coloriu) quatro figuras; coloriu 4 assumindo que «não praticou» e confirmou em 11 figuras que «praticou». Na semana 2 voltou a não colorir quatro das figuras e confirmou que «praticou» pelo preenchimento de 15 figuras. Pode entender-se, numa leitura imediata, e lembrando que para cada dia, com exceção da quarta-feira, havia quatro figuras a colorir, que o aluno não estudou um dia por semana (para as semanas 1 e 3) e que há um dia por semana (para todas) em que não se sabe ao certo se o aluno estudou ou não, porque não há dados. Verifica-se, mais, que na semana 2 o aluno praticou mais que nas outras semanas.

O investigador assume que as tabelas às quais não corresponde nenhuma informação significam que o aluno não teve contato com estas, e, por conseguinte, não teve lugar a realização das tarefas propostas. Todavia, pode verificar-se que em todas as semanas o aluno cumpriu mais tarefas do que as que não cumpriu, segundo a informação por si facultada. A segunda semana de estudo reúne mais confirmações positivas, da qual resulta mais dias de estudo.

Desta investigação resultam, assumam-se ainda, dados pouco construtivos e sob os quais podem recair algumas questões, sobretudo acerca da sua verosimilhança. Observem-se os restantes campos a preencher: “Como é que correu?”, que procurava apurar a autoavaliação do aluno; e “O que é que os meus pais acham?” que pretendia uma avaliação externa por parte dos encarregados de educação, como validação ou contradição à opinião do educando. Estes campos aparecem coloridos ao longo das três semanas exatamente da mesma forma que o primeiro campo já discutido.

Desta análise podem concluir-se duas ideias. De fato o aluno C encontra-se num nível performativo e técnico um pouco acima do que o programa para o seu grau exige, cumpre com todos os conteúdos programáticos do seu nível de ensino e são-lhe exigidos, da mesma forma, conteúdos de níveis acima, comprovado em aula por uma boa execução dos trabalhos de casa, o que valida objetivamente as suas autoavaliações positivas aos conteúdos das tabelas de estudo individual; os encarregados de educação, confessadamente leigos, apesar da sua participação ativa em aulas e na restante vida académica, podem confirmar a autoavaliação do educando, formando uma posição não informada, empírica por comparação às referências escutadas e observadas nos tempos letivos assistidos. Não deve o mestrando, contudo, negligenciar a hipótese do preenchimento aleatório por parte do aluno e adulteração da verdade em busca da aprovação do tutor. Outro fator que poderia deixar em causa a honestidade do preenchimento da tabela diz respeito à não deteção do mestrando, enquanto docente, de nenhuma alteração significativa no progresso do aluno, a não ser a consecução positiva de resultados, já habitual neste, que o levam a ultrapassar os desafios propostos. Na realidade, o aluno manteve o mesmo comportamento que antes da investigação com as tabelas de estudo semanal, apresentando os trabalhos de casa dominados tecnicamente, demonstrando alguma prática para esse efeito. Crê-se, ainda assim, na honestidade dos agentes parentais que não só acolheram a ideia com surpresa e gratidão, pela pré-gestão da, dir-se-ia curta, prática individual do seu educando, como também manifestaram o cumprimento e o não cumprimento das tarefas, de forma coerente com o exposto nas tabelas preenchidas, inclusivamente a participação ao docente da punição em casa em reação à falta de estudo diário, nos dias em que se verificou possibilidade de o realizar. Para este caso deve o mestrando realçar a boa relação estabelecida com os encarregados de educação que o procuraram, como docente, para satisfazer dúvidas, assistir aos tempos letivos e aprender por observação, bem como no envio de gravações da realização dos trabalhos de casa, como reconhecimento do empenho e estímulo performativo ao aluno.

Repare-se que a investigação com este aluno interveniente acabou por permitir ao docente confirmar se o aluno realmente pratica. Este é um dos aspetos muito interessantes com estas tabelas de estudo individual, sobretudo para este aluno, bem como para o aluno A, cuja responsabilidade de preenchimento diário implica o seu contato com esta ferramenta de apoio ao estudo e, muito provavelmente, os leva a praticar um pouco mais. Quase que se poderia falar de um instrumento com um efeito perverso que, mais do que mediar a prática individual por indicação dos conteúdos diários a estudar, regula-a, responsabilizando os alunos que, ao preencher, são levados a pensar e refletir e executar os planos previstos, salvo situações imprevisíveis em que o transmitido através do preenchimento não corresponda à realidade. Isto é, muito provavelmente, as tabelas acabam por incitar ao estudo, aspeto a abordar em possíveis investigações futuras.

9.6. Aluno D

A tabela ocupacional do aluno D (ver anexo) distribui os seus hábitos tal qual o aluno C: Períodos de tempo curriculares preenchidos de aulas (Ensino Regular e Vocacional); Períodos de tempo curriculares preenchidos pela aula de Instrumento (Trompa); Períodos de tempo com atividades extracurriculares; Períodos de tempo não curriculares que constituem tempo útil de estudo e, nos quais, o aluno deverá procurar completar as tarefas propostas na tabela de estudo individual; Períodos de tempo não curriculares em que é dada maior liberdade ao aluno para optar constituir tempo útil de estudo ou não, por serem suscetíveis a necessidades pessoais (Refeições) ou atividades extracurriculares não previstas, orgânica familiar, entre outros.

Da mesma forma que os anteriores indivíduos da amostra, não é sugerida a extensão da tabela depois uma dada hora, neste caso à semelhança do aluno C, após as 20h00, hora limite definida pelos encarregados de educação inclusivamente para o término de outras atividades extracurriculares com frequência semanal.

9.6.1. Tabelas de Estudo Semanal

Nesta proposta o aluno é levado a seguir um plano simples e objetivo, estruturado pelo professor, numa adaptação de Wekre (1994) e Farkas (1956), e que requer

concentração na realização de pequenas metas diárias com resultados semanais, numa tabela já preenchida pelo professor.

A tabela indica o que o aluno deverá praticar, conduzindo-o a uma prática diária o mais completa possível, mas que não lhe tome mais do que cerca de 45 minutos. É, naturalmente, dada alguma autonomia ao aluno para que defina o tempo de pausa e sugerida alguma responsabilidade na gestão e planeamento da prática, podendo distribuir os vários momentos de estudo ao longo do período de tempo livre. Deve esclarecer-se que se pretendeu para este aluno que gerisse os conteúdos dos parâmetros a trabalhar, alternando-os de um dia para o outro, em função da sua condição física e anímica, fazendo o seu próprio plano semanal de forma autónoma, com base sólida na primeira tabela facultada pelo professor, responsabilizando o pupilo sobre a sua dedicação e empenho à prática individual. Naturalmente, esta autonomia dada prende-se com o nível escolar e etário do aluno.

Dando seguimento ao já referido, pretende-se que o professor procure entender as adversidades sentidas pelo aluno procurando orientá-lo em função de garantir a exequibilidade do plano.

9.6.2. Análise da informação obtida

Antes de expor as impressões relativamente ao desempenho do aluno no uso da Tabela de Estudo Semanal, importa destacar a disparidade do seu comportamento e envolvimento familiar em relação à restante amostra. Enfatizando o mencionado anteriormente, o aluno D, oriundo de um seio familiar cujos encarregados de educação desempenham atividades profissionais como músicos, encontra-se num nível performativo tão consolidado para o nível de 2º grau que está ao alcance das suas aptidões a execução de parte dos conteúdos programáticos requeridos no nível seguinte. Além disso, o aluno já tinha demonstrado, antes da aplicação do instrumento em estudo, uma motivação intrínseca para a prática regular da Trompa. Em suma, o aluno D preenchia, à data de início da investigação, hábitos de estudo regulares, pese embora o fato de o próprio, a par dos encarregados de educação, transmitirem ao docente, o mestrando, a incapacidade numa gestão mais eficaz do tempo livre despendido para a prática.

Neste sentido, a aplicação da Tabela de Estudo Semanal assumiu um objetivo particular, sobretudo relativamente à restante amostra. Repare-se que os outros alunos

não tinham hábitos de estudo nem contatado com nenhuma metodologia até à data da investigação. Ao invés, o aluno D tinha hábitos regulares com recurso a uma metodologia de prática pouco definida, mas que o aproximava mais do propósito de uma boa gestão do tempo de estudo.

A este aluno não foi imputada nenhuma responsabilidade quanto ao uso da Tabela, excetuando a primária tarefa do seu uso semanal. Ao contrário dos outros alunos aos quais foi requerido o preenchimento do referido instrumento, com o aluno D o mestrando atuou de outra forma: consultando os encarregados de educação acerca da organização do aluno, sobretudo porque estes revelaram maior capacidade de acompanhamento ao educando. Antes da investigação, os agentes parentais demonstraram uma participação assídua na assistência à prática regular do educando, enumerando estratégias como: apoio interpretativo; recurso às tecnologias (CAMIT) como o metrónomo, afinador e gravador. Contudo, foi mencionado pelos próprios que lhes estava inacessível o apoio técnico por falta de conhecimentos, necessidade reivindicada ao mestrando enquanto docente do respetivo educando.

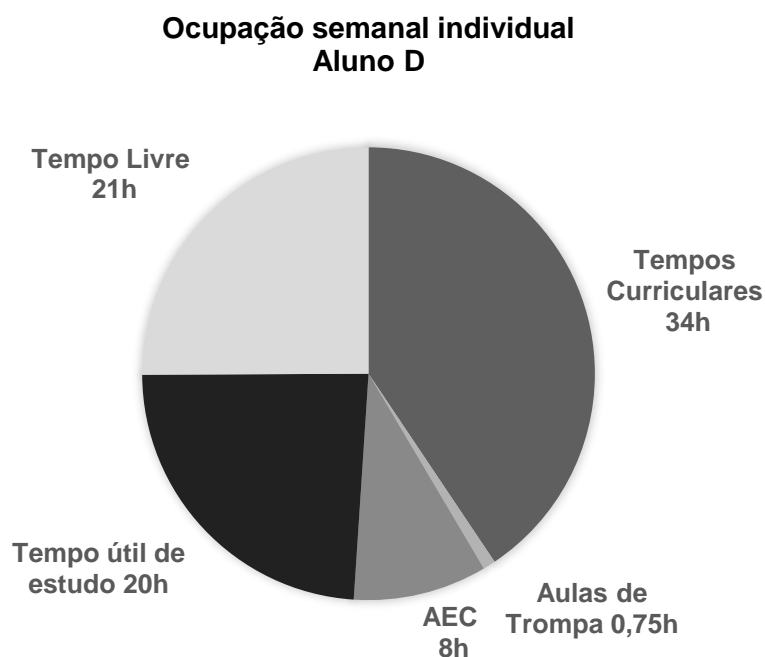


Gráfico 13 - Ocupação Semanal Individual, Aluno D

A Tabela de Estudo Semanal do aluno D foi aplaudida pelos encarregados de educação como um instrumento essencial na gestão do estudo e na definição de tarefas diárias que visaram, durante a sua aplicação, reduzir o tempo despendido e tornar mais objetivo o processo de prática individual. Não obstante este valioso reconhecimento, o

processo de aplicação deste instrumento sofreu abalos imprevistos pelo mestrando e, surpreendentemente, abriu janelas para outras soluções e estratégias aplicadas que se revelaram úteis e estimulantes. Por exemplo, um dos imprevistos foi a falta a uma aula que implicou o contato, nessa semana, com o aluno. Como solução, o docente recorreu à estratégia de solicitar a gravação do repertório a apresentar em aula, levando o aluno a enviar um ficheiro audiovisual com a melhor execução possível dos conteúdos o que terá implicado mais concentração ou, possivelmente, a repetição até encontrar os resultados pretendidos. Neste sentido, entenda-se que o aluno se encontrou numa condição de trabalhar os conteúdos e, em último caso, a repetição da execução consoma uma das bases da prática individual, como descrito no ponto 7.1 o referido por Cayne «repetida performance ou exercício sistemático» (citado por Barry, Hallam, 2002, p. 151).

Entenda-se e relembre-se que o Aluno D é o aluno, de entre a amostra selecionada, com maior ocupação de tempos livres, dados espelhados no gráfico acima, comparando com os anteriormente dispostos para os restantes alunos. Todavia, não é o aluno com menos, designado assim, tempo livre. Na leitura do referido gráfico pode entender-se que quase cerca de 50% do tempo semanal ativo tablado pelo mestrando, compreendido entre as 8h e 20h, consta de tempo livre, metade do qual o investigador sugeriu que fosse utilizado para estudo individual (as 20h de “Tempo útil de estudo” indicadas no gráfico).

9.7. Discussão dos Resultados

Entenda-se a investigação em duas perspetivas fundamentais: a do processo e a dos dados obtidos. Ambas são dependentes e influenciaram as decisões de gestão, uma da outra. A um processo inicial pensado mais complexo, que envolveria a observação do progresso individual de cada aluno, numa amostra maior e, por conseguinte, mais elucidativa do contexto populacional geral, opôs-se a garantia na obtenção de resultados que, facilmente, não seriam controlados nem, antecipando um mau cenário, fornecidos por todos os participantes necessários a essa recolha. Por outro lado, a busca de resultados objetivos, o mais credíveis possível e que trouxessem algo de novo a esta área de investigação, enviesaram um processo com instrumentos práticos, aplicáveis e, sobretudo, previsivelmente úteis à amostra que lhes estaria subjugada. Isto é, as tabelas de estudo semanal, além de serem um instrumento da investigação, constituíram da mesma forma uma ferramenta de apoio ao estudo

individual e sua organização para cada aluno da amostra. Os resultados obtidos acabaram por estabelecer um compromisso entre o desejável e o possível, entre a busca de ultrapassar desafios identificados e uma aplicação moral e ética, concretizável, de instrumentos que se acreditavam necessários.

Os resultados também têm várias leituras possíveis, de entre as quais: as reações dos participantes alunos e agentes parentais; a execução por parte dos alunos; e a aplicabilidade do modelo de prática individual, objeto principal do estudo, e a otimização do tempo despendido para esse efeito.

O instrumento de estudo foi acolhido por todos os agentes de forma recetiva, aberta e entusiasmada. Como já referido, os encarregados de educação manifestavam, antes do desenvolvimento do processo de investigação, limitações próprias em apoiar o estudo em casa aos seus educandos e os alunos, por sua vez, teriam já demonstrado, da mesma forma, incapacidade na autogestão do tempo e dos conteúdos de prática individual. A manifesta nulidade de tempo para praticar preocupou sempre o mestrando que procurou junto de todos os participantes apurar essa alegada realidade de absoluta ocupação que impedia os pupilos de fazer um estudo regular do instrumento. As tabelas de ocupação semanal vêm quebrar esta impressão, vêm demonstrar aos encarregados de educação que de entre uma determinada extensão de tempo sem atividades pode ter lugar a dedicação, ainda que curta, mas deliberada, à prática individual. Após a exibição destas tabelas, os agentes assumiram que o problema não estaria, de fato, na indisponibilidade, mas na ingerência e no desconhecimento dos passos que constam do processo de estudo individual. Com o aluno A foi estabelecida uma menor relação com o encarregado de educação e, por tal, a esmagadora maioria das reações registadas vieram do pupilo, que também manifestou a mesma impressão de falta de tempo para se dedicar ao estudo da trompa e, no seguimento da leitura da sua própria ocupação semanal, compreendeu que o seu problema fundamental seria: como gerir o tempo livre e o que fazer durante o período de estudo individual. Na realidade, as tabelas de ocupação semanal, que pretendiam apurar apenas a distribuição do tempo semanal de cada aluno, acabaram por nos levar á fonte de alguns desafios, nomeadamente a incapacidade de definir tarefas a realizar por forma a aproveitar o tempo livre diário.

Foi neste campo, já ciente das principais dificuldades, que o mestrando se debruçou com a elaboração de planos semanais personalizados para cada aluno, sobre as suas características e metas a atingir. Muito importante de destacar é que todos os alunos tinham manifestado desconhecimento quanto a um processo sustentável de estudo individual e foi neste sentido que o mestrando procurou desenvolver

metodologias particulares recorrendo à sua experiência e bibliografia identificada. Note-se, ainda, a particularidade de se adaptar cada tabela às características etárias e académicas de cada aluno, procurando aproximar o conceito dos diversos interesses e necessidades.

As Tabelas de Estudo Semanal não foram, não obstante o entusiasmo do investigador e a receptividade dos participantes da amostra, aplicadas plenamente e os resultados não são tão sólidos como se pretenderia. Repare-se que o aluno D acabou por comprometer a viabilidade do estudo e o aluno A e C, apesar de terem recorrido às tabelas, não garantem a total credibilidade das suas participações.

Todavia, centremo-nos no objeto principal de estudo, evocando os resultados importantes conseguidos e que nos preparam terreno para futuras investigações nesta temática: são estas tabelas exequíveis e aplicáveis no dia a dia? Terão ou não os alunos algum tempo para estudar? É possível praticar regularmente sem prejuízo da vida privada e orgânicas envolventes?

Os resultados da investigação apontam para uma resposta positiva a todas estas questões. Todos os alunos não só recorreram às tabelas para se organizar como os agentes parentais agradeceram o empenho do docente no apoio ao estudo por faculdade de uma ferramenta, aquele que foi o instrumento de estudo, orientadora das tarefas a realizar. Por outro lado, a aplicação das tabelas, a sua compreensão e responsabilização diária envolveu os encarregados de educação no processo de prática regular, fomentou o maior acompanhamento e apreciação, bem como sentido crítico (sobretudo com o aluno C que implicou maior atenção por parte dos pais), com benefícios estimados a serem investigados, proponha-se, futuramente. Além disso, outras valências e ferramentas foram surpreendentemente aplicadas, como as tecnologias, sinal da ligação e sentido de responsabilidade na relação dos alunos com a escola e com o seu docente. Crê o mestrando, na qualidade de investigador, que a dedicação como docente aos seus alunos estreitou as relações e aprofundou o sentido de devoção ao ensino, espelhado nas reações responsáveis dos vários agentes, sobretudo com os alunos C e D que procuraram suprimir possíveis faltas por intermédio de envio de gravações como elementos que monitorizam a envolvência com a disciplina de Trompa, procurando evidenciar a prática individual, mesmo que não diária.

Por outro lado, denotou-se alguma dificuldade na aplicabilidade diária das Tabelas de Estudo Semanal, o que já era estimado, pela ocorrência de imprevistas alterações à dinâmica quotidiana. Isto é, o mestrando considerou no início da investigação no terreno

a possibilidade de existência de contratempos, além da própria limitação temporal de que dispôs. As soluções, como exigir o envio de gravações audiovisuais com a performance dos trabalhos de casa, acabaram por contornar algumas dificuldades e trazer as impressões devidas para a investigação. O sucesso vem quando se percebe que, mesmo que os alunos não tenham praticado com a frequência máxima semanal, isto é diariamente, puderam fazê-lo de forma organizada e estruturada. Um dos sintomas notados foi a satisfação generalizada do bom aproveitamento do tempo despendido para o estudo individual, a concretização de metas diárias e a realização da otimização da prática. E crê o mestrando que com maior tempo de investigação poderia alargar as suas impressões para campos como o registo evolutivo de cada aluno participante, fruto do estabelecimento de metas diárias, que as tabelas definem, para objetivos de maior escala (mensais, trimestrais ou maiores).

Os alunos, por recurso regular a este instrumento, tomam nota de metodologias de gestão, de hábitos de estudo e, por conseguinte, adquirem a competência da organização pessoal e, a longo prazo, autonomia.

10. Conclusão

O caminho percorrido por esta investigação levou-nos a vários estádios de reflexão. Se a um princípio motivante em que se procuraria apurar o sucesso da aplicação de um instrumento controlador do estudo individual, como fórmula regrada estimulante à regularidade da prática, rapidamente se perceberam as dificuldades que a janela temporal e a dependência de muitos agentes externos implicariam na fiabilidade dos resultados, alterando os objetivos para algo mais concreto como o desenvolvimento e demonstração da aplicação desta ferramenta de apoio ao estudo.

É importante, no fim desta dedicada jornada, compreender as limitações encontradas e, sobretudo, reconhecer que nos impeliram a descobrir outras saídas repletas de ideias novas, mais fortalecidas. Afinal, a um interesse inicial de se entender a relação parental com o progresso dos alunos correspondeu, em parte, uma análise das suas posições e conhecimentos, evitando uma promíscua invasão e mantendo, ainda assim, a ligação à temática da condição de um aluno do ensino de música em casa, no ambiente familiar.

Numa primeira reflexão, há que reconhecer algumas incapacidades da investigação que, não obstante abra portas para a investigação acerca do apoio ao

estudo individual quando o aluno não é supervisionado ou no desenvolvimento de ferramentas para o apoio parental e gestão de tempo individual, não contribuíram para uma mais sólida conclusão sobre, objetivamente, os efeitos no progresso do aluno, registo da sua evolução ou noção sobre a velocidade de desenvolvimento de competências como efeitos do recurso ao estudo organizado. Além de em pouco tempo de investigação não ser possível traçar uma linha de evolução que exprima significativamente a influência das tabelas de estudo semanal, considerem-se ainda todas as variáveis incontornáveis e incontornáveis a que a investigação estaria sujeita para o investigador satisfazer a sua curiosidade acerca da efetividade desse instrumento no progresso individual de cada aluno e que foram acauteladas, motivo pelo qual o se restringiu a amostra a três alunos e os seus objetivos: à recetividade às tabelas, se são possíveis de executar em cada nível académico e testar os modelos, propostos pelo mestrando, nos diferentes alunos. Mesmo tomando como princípio objetivos alternativos, e não se afastando da temática parental e da criação de ferramentas de apoio ao seu acompanhamento em casa, o mestrando reconhece que não foi possível avaliar, inclusivamente, a correta execução dos parâmetros de estudo, por não estar presente nem poder exigir a gravação diária ou regular da sessão de estudo. Por um lado, essa supervisão à distância implicaria a aquisição de equipamento para o efeito ou o uso de equipamento pessoal; por outro lado, implicaria, por completo, ora o compromisso dos alunos fazerem as gravações de forma autónoma ou a assistência assídua dos agentes parentais nesta tarefa. Se no nível de Iniciação se pretendia esta assistência através da confirmação do sucesso da execução das tarefas em casa, nos níveis seguintes não foi o requerido, tanto pela duração extensa do período de estudo individual, como pela indisponibilidade inicial demonstrada pelos encarregados de educação. Assim, por forma a igualar o teste às tabelas entre a amostra, a solução foi não sujeitar qualquer um dos alunos a gravação audiovisual, reduzindo, da mesma forma, a perturbação do uso deste instrumento na orgânica familiar que, crê o mestrando, se se adivinhasse burocrática e morosa, antes do seu uso, não teria a mesma recetividade. Contudo, assistiu-se ao recurso surpreendente, por parte do Aluno D, às gravações, compensando a sua assiduidade, tornando-se um objetivo semanal estimulante à prática, equiparado com o dever na própria aula, um dos efeitos positivos que nos transporta para a análise aos contributos da investigação

Numa segunda reflexão assumiu-se, desde já, o sucesso em se ultrapassar a primeira barreira sentida no contato com os encarregados de educação e alunos, que diz respeito à gestão familiar, espelhada nas suas semelhantes reações por alegação de falta de tempo para a dedicação à prática regular do instrumento musical.

Demonstrar-lhes, dir-se-ia matematicamente ou analiticamente, a disponibilidade diária para, pelo menos, um breve estudo individual, provando através da execução regular dos planos pelos educandos, foi o primeiro passo no seu envolvimento, integrando esta atividade nas suas orgânicas.

Outros contributos esta investigação teve, na perspectiva do mestrando, para a área do Ensino da Música. Através da aplicação das Tabelas de Estudo Semanal, tiveram lugar, implicitamente, alguns efeitos positivos. Os alunos A e D, sobretudo, foram levados a contactar regularmente com fontes bibliográficas que desconheciam e que agora vigoram nos seus hábitos de estudo individual, tendo adquirido autonomia para a prática individual pelo novo olhar que debruçam sobre o propósito dos demais exercícios para ultrapassar determinados desafios contemplados nos parâmetros a estudar. O aluno A, também pelas suas características e natureza de ensino, teve acesso a um maior acervo de referências e a novas sugestões de como as usar, porquê e para quê, apreendendo metodologias de estudo, aliás como a restante amostra, e tomando nota da seleção dos exercícios indicados para o trabalho de cada conteúdo contemplado, organizadamente, em cada parâmetro. Mesmo o aluno C, em Iniciação, pôde, ao longo da investigação, por utilização do instrumento facultado, ser mais autónomo na prática individual, pese embora o fato compreensível, dado o seu nível etário, da dependência do docente para elaboração das tabelas com os conteúdos a trabalhar.

E este também é um dos objetivos da criação das Tabelas de Estudo Semanal, desenvolver a autonomia e o espírito crítico dos estudantes para que possam tornar-se mais independentes noutros contextos futuros. Uma das grandes lacunas identificadas pelo mestrando, além dos relatos evidentes da comunidade de encarregados de educação com a qual tem contactado ao longo da sua experiência, é a falta de preparação dos alunos para a realidade em que se irão distanciar dos seus professores e terão, ora no contexto musical, organizar o seu estudo diário, ora noutros contextos profissionais, gerir o seu tempo pessoal e as atividades e deveres. Por recurso a esta ferramenta, tomada como instrumento de estudo, os alunos adquiriram hábitos de organização e gestão, de seleção e avaliação das suas dificuldades e soluções aplicáveis, de entre as demais sugeridas pelo docente.

Avaliando, ainda, as contribuições da investigação, pretende-se abordar a ideia do papel da música na formação geral do indivíduo, enquanto cidadão, como complemento saudável que deve ser integrado no quotidiano de cada aluno sem que se faça dos deveres a si associados uma obrigação. A responsabilidade a inculcar nos

educandos, como são exemplo os efeitos da aplicação desta ferramenta, sugira-se, é a de fazer bem cada tarefa, desde o momento do seu planeamento ao momento de execução e autoavaliação. Repare-se que os alunos, sobretudo A e C, estiveram sujeitos ao exercício do seu sentido crítico, ora na elaboração diária do plano de estudo, para o primeiro, ora na análise à execução diária, pelo segundo.

Não obstante o foco dado à autonomia do aluno, ainda mais considerando a impregnação das tecnologias no quotidiano e a facilidade de acesso à informação, o mestrando não pretende aludir à extinção da função do docente, estimulando o isolamento dos alunos que necessitam de supervisão e acompanhamento, preparando-os para um futuro, então, mais independente, quando terminarem os estudos. Da mesma forma, as Tabelas de Estudo Semanal não são um teste à tuição à distância. Pretende-se, aliás, potenciar o esforço do docente e a sua dedicação por consecução mais eficiente de resultados com os seus alunos que, complementando o trabalho em aula com prática regular, possam adquirir competências e conhecimentos que lhes permitam progredir, não só mais rapidamente e, por tal, de forma entusiasta, com níveis de motivação intrínseca mais elevados, como de forma consistente, por aquisição de metodologias de gestão tão transversais aos diversos planos de estudos e profissionais que atravessam. Nem se trata, reitere-se, exclusivamente de estímulo à progressão como objeto de competição, mas, sobretudo, da conquista de metas que mantenham os níveis de motivação e em parte, por conseguinte, o bom relacionamento dos alunos com os docentes e com a própria música, diminuindo as frustrações com consequências nefastas para a sua conexão com esta área artística.

De notar que alguns alunos a frequentar o ensino básico e secundário, noutras classes instrumentais, procuraram o mestrando e esta proposta de organização do estudo depois de terem contactado com os participantes na investigação e concretizar a real necessidade de se servirem de um idêntico plano regular, afirmando desconhecem o que fazer e como fazer durante o tempo que definem para a prática individual.

Esta ferramenta constitui a edificação de uma estrutura de prática individual, personalizada, numa abordagem, dentro dos conhecimentos do mestrando, pouco recorrida, também porque pressupõe um maior empenho e consumo de tempo de dedicação por parte dos docentes. Restam muitos outros passos que se deverão seguir, abrindo portas para novas investigações, agora que se compreende a sua possível aplicabilidade no quotidiano dos alunos e respetivos agregados familiares. É necessário estudar os efeitos e influências da utilização destas tabelas, testá-las noutros grupos de

instrumentos (alunos de outros instrumentos da área dos sopros de metal, pelas semelhanças organológicas, ou alargar a toda a família de sopros, cordas, teclas e percussões), desenvolver os conteúdos (definir conteúdos que possam ser mais eficazes, adaptando-os em função da atualização de novas fontes bibliográficas que acompanham o avanço técnico), fazendo aplicar este método de trabalho individual como ferramenta de apoio aos alunos, ao seu estudo regular, buscando, por ventura, ser-se tutor à distância e complementar o trabalho feito em aula. Explorando esta última sugestão, crianças e jovens que frequentemente atividades desportivas estão sujeitos a vários treinos semanais cujo tempo ultrapassa em muito o despendido com o seu treinador principal de música, o professor de instrumento. Além disso, somem-se os momentos de competição que, em atividades como o futebol ou basquetebol, por exemplo, acontecem semanalmente. Um professor de música não tem a mesma oportunidade de contato com o seu aluno como o treinador desportivo, pelo que o mestrando sugere que esta pode ser uma das ferramentas para suprimir a menor frequência de treinos, isto é, aulas.

Esta investigação abriu, ainda, portas a novas ideias que requerem uma sinergia entre as tecnologias e o trabalho dedicado do docente. O mestrando está a projetar uma aplicação tecnológica, após a discussão do recurso às tabelas com os encarregados de educação e impelido por outros tantos agentes parentais com os quais tem contactado, a disponibilizar nos aparelhos móveis, com tabelas interativas, com espaço à introdução de gravações audiovisuais, botões de confirmação e caixas de opção, que fortaleçam a inter-relação dos vários agentes envolvidos e os mantenham conectados. Diariamente, o docente pode assistir ao trabalho realizado, indicado pelos educandos ou encarregados de educação, e adaptar as metas do dia seguinte, em função das dificuldades ou concretizações apresentadas à distância de alguns cliques, agilizando o processo de registo por parte dos alunos e pais e aumentando a monitorização ao estudo individual em casa. Para se aceder à aplicação os alunos têm de estar inscritos e a frequentar as aulas num dos estabelecimentos de ensino, reforçando a importância do contato periódico, semanal, entre mestre e pupilo. Pretende esta ideia tirar proveito da facilidade de uso das novas tecnologias e do seu premente contato, estimulando o seu uso criativo e responsável por intermédio de uma aplicação utilitária, lúdica e educativa. Será como ter um treinador diário à distância.

Muito há por descobrir e compreender, por sinalizar e registar oficialmente, de forma válida e credível. Num grau de estudos mais avançados, crê o mestrando, será possível aprofundar esta temática e levar aos estabelecimentos de ensino da música e

seu pessoal docente, novas ferramentas de complemento e apoio ao desconhecido, frágil e, muitas vezes, desorganizado, método de estudo em casa, fora da supervisão dos tutores. Esta investigação pretende ser uma caixa de pandora na procura de contribuições para melhorar a qualidade do trabalho docente, do empenho dos alunos e envolvimento mais responsável dos agentes parentais, apresentando uma ferramenta que se encontra muito subaproveitada. O que se julga ser apenas uma simples tabela, o mestrando elevou a uma síntese de tarefas a realizar, sugeridas pelo tutor, que otimize o tempo despendido na prática, faça surtir resultados com um esforço concentrado e permita a todos os que gostam de música, pela personalização prevista, dispor de um método próprio que os ajude a concretizar as metas individuais, muito à semelhança do trabalho feito por um treinador particular que esboça um plano semanal, idêntico, para a sua turma heterogénea de atletas. Que, a partir deste patamar, se possa tirar partido deste primeiro trabalho de campo, de exploração das condicionantes, desafios, virtudes e oportunidades, e concretizar materialmente ferramentas idênticas que complementem a atividade pedagógica em aula e acelerem os processos evolutivos antes morosos, sintetizem as estratégias de estudo antes dispersas, facultem referências que eram desconhecidas, otimizem os recursos, sobretudo de tempo, antes mal aproveitados, e fomentem o gosto pelo fazer bem e o engenho de saber fazer.

Bibliografia

Austin, J. R., & Berg, M. H. (2006). Exploring music practice among sixth-grade band and orchestra students. *SAGE Journals, Psychology of Music*, 34 (4), 535 - 558

Barry, N., & Hallam, S. (2002). Practice. In R. Parncutt & G.E. McPherson (Eds.), *The Science and Psychology of Music Performance: Creative Strategies for Teaching and Learning*, (10, pp. 151–66). New York: Oxford University Press.

Castellano, M. T. (2002). *Semanal del Trompista*. (1ª ed.). Valencia: Rivera Editores.

Dufrasne, L. (s.d.). In T. Bacon (Ed.). (2004). *Dufrasne Routine*. San Antonio, Texas: Southern Music Company.

Duke, R. A., Simmons, A. L., & Cash, C. D. (2009). It's Not How Much; It's How: Characteristics of Practice Behavior and Retention of Performance Skills. *Journal of Research in Music Education*, 56 (4), 310-321.

Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. *Psychological Review*, 100 (3), 363-406.

"Estudo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. (2008-2013). Consultado em julho 26, 2018 em: <http://www.priberam.pt/dlpo/estudo>.

Farkas, P. (1956). *The Art of French Horn Playing*. Los Angeles: Summy Bichard Music.

Galvão, A. (2006). Cognição, emoção e expertise musical. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (2), 169-174.

Gaspar, J. (2014). *Exercícios Técnicos de Base da Trompa*. Lisboa: Autor.

Hallam, S. (2001). The Development of Metacognition in Musicians: Implication for Education. *British Journal of Music Education*, vol. 18 (1), 27-39.

Huanhuan, L. (2009). *Computer Assisted Music Instrument Tutoring applied to violin practice*. (Tese de Mestrado em Ciências). Universidade Nacional de Singapura, Singapura

- Johnson, D. (2010). *Warming-up routine*. (s.l.) Autor
- Klickstein, G. (2009). *The Musician's way: A Guide to Practice, Performance and Wellness*. New York: Oxford University Press, Inc.
- Koster, A. (s.d.). *Warming-up exercises*. (s.l.) Autor
- Minguet, O. S. (2011). *Calientamento para Trompa*. Granada: Geometria del desconcierto ediciones.
- Normas APA (s.d.).[pdf]. [s.l.: s.n.].
- Ozmentes, S. (2012). Relationships between daily practice time, attributions and performance level in instrument education. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 46, 3141-3145.
- "Prática", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. (2008-2013). Consultado em julho 26, 2018 em: <http://www.priberam.pt/dlpo/prática>.
- Ribeiro, C. (2003). Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 109-116.
- Serafini, M. T. (1996). *Saber estudar e aprender* (G. Moniz, Trad.). (2ª ed.). Lisboa: Editorial Presença. (Obra originalmente publicada em 1990).
- Silva, J. B. (2012). *Compendio de exercícios para Trompa*. Lisboa: Ava Editions
- Wekre, F. R. (1994). *Thoughts on playing the horn well: also containg suggestions for warm ups and other exercises*. Michigan: Universidade do Michigan.
- Zhukov, K. (2009). Effective practising: A research perspective. *Australian Journal of Music Education*, 1, 3-12.

Anexos

Anexo 1 – Conteúdos Programáticos da Disciplina de Trompa da Academia de Música de Óbidos e Conservatório de Artes Performativas de Almada

Iniciação

Objetivos Específicos

- Executar exercícios de vibração labial com e sem bocal;
- Desenvolver a postura e a capacidade de coordenação motora para uma correta aprendizagem da Trompa;
- Noções básicas de respiração e embocadura;
- Demonstrar capacidade auditiva e de leitura musical;
- Dominar os harmónicos, compreendidos entre 3ª nota e a 8ª notas da série;
- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editora
Bernhard Krol	Naturhorn – Studien	Edition Pro Musica
Szilágyi – Kökényessy	Hornschnle I	Edition Musica Budapest
Peter Wastall	Aprendendo la Trompa	Mundimúsica Ediciones Musicales
Jürhen Runge	100 leichte Etüden für Waldhorn	Musikschule Potsdam
Otakar Pihrt	Skola hry na lesní roh	Musica Viva

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editora
Szilágyi – Kökényessy	Hornschnle I	Edition Musica Budapest
John Kinyon	Breeze-easy method 1	Alfred
De Haske	Écouter, lire et jouer	De Haske
De Haske	Kids Play Easy Solo	De Haske
The Boosey Brass Method	Chris Morgan	Boosey & Hawkes

1º Grau

Objetivos Específicos

- Conhecer a organologia do instrumento (funcionamento e manuseamento) e obter noções sobre a sua manutenção;
- Desenvolver a postura e a capacidade de coordenação motora para uma correta aprendizagem da Trompa;
- Noções básicas de respiração e embocadura;
- Demonstrar capacidade auditiva;
- Dominar os harmónicos, compreendidos entre 3ª nota e a 8ª notas da série;
- Escalas até 1 alteração, com respetivas escalas menores e arpejos com diferentes articulações;
- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editora
Bernhard Krol	Naturhorn – Studien	Edition Pro Musica
Bernhard Krol	Waldhorn Studien	Simrock Originals Edition
Szilágyi – Kökényessy	Hornschnle I	Edition Musica Budapest
Peter Wastall	Aprendendo la Trompa	Mundimúsica Ediciones Musicales
Jürhen Runge	100 leichte Etüden für Waldhorn	Musikschule Potsdam
Chris Morgan	The Boosey & Hawkes	Boosey & Hawkes
Robert W. Getchell	First Book of Practical Studies	Belwin-Mills Publishing Corp.

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editora
Horn Solos Book One	Arthur Campbell	Faber Music
Gamins D´Paris	Pascal Proust	Gérard Billaudot Éditeur
Le Cor Classique	Pascal Proust	Editions Combret Paris
Meet the Great Masters!	James Curnow	Curnow Music
The Boosey Brass Method	Chris Morgan	Boosey & Hawkes
Pjotr Iljics Csajkovszkij	Arioso	Legato 2004.
Forrest Buchtel	Solitude	Neil A. Kjos Music Company

2º Grau

Objetivos Específicos

- Conhecer a organologia do instrumento (funcionamento e manuseamento) e obter noções sobre a sua manutenção;
- Desenvolver a postura e a capacidade de coordenação motora para uma correta aprendizagem da Trompa;
- Noções básicas de respiração e embocadura;
- Demonstrar capacidade auditiva;
- Assimilação das noções básicas do instrumento (articulação, técnica, sonoridade e flexibilidade);
- Dominar os harmônicos, compreendidos entre 3ª nota e a 10ª notas da série;
- Escalas até 2 alterações, com respectivas escalas menores e arpejos com diferentes articulações e escala cromática;
- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editadora
Bernhard Krol	Naturhorn – Studien	Edition Pro Musica
Bernhard Krol	Waldhorn Studien	Simrock Original Edition
Franz Nauber	30 Leichte Melodische Übungen	Zimmermann
Peter Wastall	Aprendendo la Trompa	Mundimúsica Ediciones Musicales
Otakar Pihrt	Skola hry na lesní roh	Musica Viva
Robert W. Getchell	First Book of Practical Studies	Belwin-Mills Publishing Corp.
Lasse Eerola	30 Etydiä käyrätorvelle	Uusinta Publishing Company

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editadora
Arthur Campbell	Horn Solos Book One	Faber Music
Pascal Proust	Gamins D´Paris	Gérard Billaudot Éditeur
James Curnow	Meet the Great Masters!	Curnow Music
Chris Morgan	The Boosey Brass Method	Boosey & Hawkes
Michael Mollinaro	Cor Solos	Rolut Martin
João Carlos Alves	15 Pequenas peças	Ava Musical Editions
Jérôme Naulais	Le Baladin	Editions Robert Mart

3º Grau

Objetivos Específicos

- Conhecer a organologia do instrumento (funcionamento e manuseamento) e saber os principais aspetos da sua manutenção;
- Consolidação das noções básicas de respiração e embocadura;
- Assimilação das noções do instrumento (respiração, vibração labial, emissão/ataque, articulação, técnica, sonoridade e flexibilidade);
- Executar as diferentes dinâmicas e desenvolver o sentido rítmico e melódico;

- Dominar os harmónicos, compreendidos entre 2ª nota e a 12ª notas da série;

- Escalas até 3 alterações, com respetivas escalas menores e arpejos com diferentes articulações e escala cromática;

- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editora
Bernhard Krol	Naturhorn – Studien	Edition Pro Musica
Bernhard Krol	Waldhorn Studien	Simrock Original Edition
Franz Nauber	30 Leichte Melodische Übungen	Zimmermann
Robert W. Getchell	First Book of Practical Studies	Belwin-Mills Publishing Corp.
Vicente Zarzo Pitarch	Estudios Primarios para Trompa 3º L.O.G. S.E.	Piles editorial de música
Jean – Louis Martin	20 Études	Gérard Billaudot Éditeur
Maxime Alphonse	1º Caderno	Alphonse Leduc

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editora
Ónozó – Kovács	Horn Music	Edition Musica Budapest
Jules Massenet	Elegia	FAM
Richard Bissil & Arthur Campbell	Going Solo	Faber Music
Pierre Bigot	Prélude et Habanera	Gérard Billaudot Éditeur
Michel Delgiudice	Évocation	Alphonse Leduc
Vladimír Studnicka	Canzona	Ritornel
Paul Koepke	La chasse	2203-5-PL

4º Grau

Objetivos Específicos

- Conhecer, relacionar e explorar as várias partes do instrumento;
- Desenvolvimento de uma postura global correta: corpo/instrumento/embocadura;
- Consolidação das noções básicas de respiração e embocadura;
- Assimilação das noções do instrumento (respiração, vibração labial, emissão/ataque, articulação, técnica, sonoridade e flexibilidade);
- Adquirir motivação e orientação para o estudo individual;
- Executar as diferentes dinâmicas e desenvolver o sentido rítmico e melódico;
- Dominar os harmónicos, compreendidos entre 2ª nota e a 12ª notas da série;
- Escalas até 4 alterações, com respetivas escalas menores e arpejos com diferentes articulações e escala cromática;
- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editora
Bernhard Krol	Naturhorn – Studien	Edition Pro Musica
Bernhard Krol	Waldhorn Studien	Simrock Originals Edition
Franz Nauber	30 Leichte Melodische Übungen	Zimmermann
Jerome Naulais	30 Études Recreatives	International Music Diffusion
C. Kopprasch	60 Studies	International Music Company
Jean – Louis Martin	20 Études	Gérard Billaudot Éditeur
Vicente Zarzo Pitarch	Estudios Primarios para Trompa 4º L.O.G. S.E.	Piles editorial de música

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editora
E. Bozza	En Irlande	Alphonse Leduc
Keith Terrett	A Hornist goes Ballroom dancing	Musikverlag Uetz
Alexander Scriabine	Romance für Horn & Klavier	Hans Pizka Edition
Zdenek Fibich	Poème	Scott Music
G. P. Telemann	Adagio and Presto	Southern Music Company
Victor Brightmore	Four Peaceful Pieces	Emerson Edition
Camille Saint-Saëns	Romance	International Music Company

5º Grau

Objetivos Específicos

- Conhecer, relacionar e explorar as várias partes do instrumento;
- Desenvolvimento de uma postura global correta: corpo/instrumento/embocadura;
- Consolidação das noções básicas de respiração e embocadura;
- Assimilação das noções do instrumento (respiração, vibração labial, emissão/ataque, articulação, técnica, sonoridade e flexibilidade);
- Adquirir motivação e orientação para o estudo individual;
- Executar as diferentes dinâmicas e com rigor, sentido rítmico, melódico e com noção de frase;
- Dominar os harmônicos, compreendidos entre 2ª nota e a 12ª notas da série;
- Escalas até 5 alterações, com respectivas escalas menores e arpejos com diferentes articulações e escala cromática. Deverá, ainda, executar arpejos Maiores, menores, 7ª Dominante;
- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editora
Bernhard Krol	Waldhorn Studien	Simrock Original Edition
Franz Nauber	30 Leichte Melodische Übungen	Zimmermann
Jerome Naulais	30 Études Recreatives	International Music Diffusion
C. Kopprasch	60 Studies	International Music Company
Gunther Schuller	Studies for Unaccompanied Horn	Oxford University Press
Panseron	20 Cantilena	Trio Art Horn Series
Maxime Alphonse	3º Caderno	Alphonse Leduc

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editora
David de Souza	Berceuse	Ava Musical Editions
W. A. Mozart	Konzert in D (nº1)	Bärenreiter
Arnold Cooke	Rondo	Schott Music
Luigi Cherubini	I. Sonate	Ammerkung
Carl Nielsen	Canto Serioso	Atelier Elektra
Alexander Glazunov	Rêverie	Masters Music Publications, Inc.
Reinhold Glière	Four Pieces for Horn & Piano	Hans Pizka Edition

6º Grau

Objetivos Específicos

- Conhecer, relacionar e explorar as várias partes do instrumento;
- Desenvolvimento de uma postura global correta: corpo/instrumento/embocadura;
- Adquirir motivação e orientação para o estudo individual;
- Interpretar as obras respeitando a forma e estilo musical;

- Capacidade de leitura de excertos de orquestra à primeira vista com transposição;

- Dominar os harmônicos, compreendidos entre 2ª nota e a 16ª notas da série;

- Todas as escalas, com respectivas escalas menores e arpejos com diferentes articulações e escala cromática. Deverá, ainda, executar arpejos Maiores, menores, 7ª Dominante com inversões de 3 e 4 notas;

- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editora
E. Paudert	Schule der Geläufigkeit und des Vortrags	Anton J. Benjamin
Eduard Müller	Etüden für Horn Heft 1	Hofheim Leipzig
Hermann Neuling	Thompson Edition	
C. Kopprasch	60 Studies	International Music Company
Gunther Schuller	Studies for Unaccompanied Horn	Oxford University Press
Oskar Franz	Etüden und Concert-Etüden	Friedrich Hofmeister Musikverlag Leipzig
Maxime Alphonse	3º Caderno	Alphonse Leduc

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editora
Bernhard Krol	Sonate	Pro Musica Verlag
Joseph Rheinberger	Sonate	Schoot Music
Franz Strauss	Nocturno	Universal Edition
W. A. Mozart	Konzert in Es (nº3)	Bärenreiter
Luigi Cherubini	II. Sonate	Ammerkung
Théodore Dubois	Cavatine	Zimmermann - Frankfurt
Marcel Poot	Légende	Alphonse Leduc
Richard Strauss	Andante	Boosey & Hawkes

7º Grau

Objetivos Específicos

- Conhecer, relacionar e explorar as várias partes do instrumento;
- Desenvolvimento de uma postura global correta: corpo/instrumento/embocadura;
- Adquirir motivação e orientação para o estudo individual;
- Interpretar as obras respeitando a forma e estilo musical;
- Capacidade de leitura de excertos de orquestra à primeira vista com transposição;
- Dominar os harmónicos, compreendidos entre 2ª nota e a 16ª notas da série;
- Todas as escalas, com respetivas escalas menores e arpejos com diferentes articulações e escala cromática. Deverá, ainda, executar arpejos Maiores, menores, 7ª Dominante com inversões de 3 e 4 notas;
- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editora
Eduard Müller	Etüden für Horn Heft 1	Hofheim Leipzig
Gunther Schuller	Studies for Unaccompanied Horn	Oxford University Press
Oskar Franz	Etüden und Concert-Etüden	Friedrich Hofmeister Musikverlag Leipzig
Maxime Alphonse	4º Caderno	Alphonse Leduc
J. F. Gallay	Douze Etudes pour second cor	Alphonse Leduc
Albin Frehse	34 Etüden für tiefes Horn	Veb Friederich Hofmeister Leipzig
Ricardo Matosinhos	12 Jazzy Etudes for Horn	Phoenix Music Publications

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editora
Joseph Haydn	Konzert nº2	Edition Breitkopf
Malcolm Arnold	Fantasy for Horn	Faber Music
W. A. Mozart	Konzert in Es (nº2)	Bärenreiter
Ludwig van Beethoven	Sonate	Edition Peters
Gilbert Vinter	Hunter´s Moon	Boosey & Hawkes
Roger Boutry	Chassacor	Alphonse Leduc
Franz Strauss	Thema und Variationen	Zimmermann
Franz Strauss	Hornkonzert op. 8	Universal Edition

8º Grau

Objetivos Específicos

- Consolidar as competências desenvolvidas anteriormente;
- Desenvolver e aperfeiçoar os elementos técnicos de forma a executar o repertório exigido;
- Apresentar-se em público com postura e nível musical adequados;
- Adquirir motivação e orientação para o estudo individual;
- Interpretar as obras respeitando a forma e estilo musical;
- Capacidade para orientar o próprio estudo individual e seguir tendências e estéticas;
- Capacidade de leitura de excertos de orquestra à primeira vista com transposição;
- Dominar os harmónicos, compreendidos entre 2ª nota e a 16ª notas da série;
- Todas as escalas, com respetivas escalas menores e arpejos com diferentes articulações e escala cromática. Deverá, ainda, executar arpejos Maiores, menores, 7ª Dominante com inversões de 3 e 4 notas;

- Execução de exercícios, estudos e peças simples que constam do programa abaixo, ou que lhe sejam equiparados.

Métodos		
Compositor	Nome da obra	Editores
E. Paudert	Schule der Geläufigkeit und des Vortrags	Anton J. Benjamin
Eduard Müller	Etüden für Horn Heft 2	Hofheim Leipzig
Hermann Neuling	30 Spezial – Etüden für tiefes Horn	Pro Musica Verlag Leipzig
Henri Kling	40 Studies	International Music Company
Maxime Alphonse	5º e 6º Cadernos	Alphonse Leduc
Albin Frehse	34 Etüden für tiefes Horn	Verlag Friederich Hofmeister Leipzig
Joseph Mohr	Etüden	Hanz Pizka Edition
J. F. Gallay	Douze Etudes pour second cor	Alphonse Leduc

Peças		
Compositor	Nome da obra	Editores
Richard Strauss	Konzert No. 1	Universal Editions
Camille Saint – Saëns	Morceau de Concert	Durand Edition Musicales
W. A. Mozart	Konzert in Es (nº4)	Bärenreiter
Bernhard Krol	Laudatio	Simrock Original Edition
Paul Hindemith	Sonata (1939)	Schott Music
Frigyes Hidas	Concerto per Corno	Editio Musica Budapest
Eurico Carrapatoso	Sweet Rústica	Editions BIM
Hermann Neuling	Bagatelle	Edition Pro Musica
Paul Dukas	Villanelle	Durand Edition Musicales
Vincent Persichetti	Parable for solo horn	Elkan-Vogel, Inc.
António Victorino D'Almeida	Casamento à moda antiga	Ava Musical Editions
Kerry Turner	Sonata for Horn and Piano	Zde Horn Music
Robert Schumann	Adagio und Allegro	Edition Breitkopf
Jean Francaix	Divertimento	Éditions Musicales Transatlantiques
Henri Busser	Cantecor	Alphonse Leduc
S. R. Mercadante	Concerto	Edizioni Curci

Anexo 2 – Tabela de Estudo Individual segundo Philip Farkas

Aquecimento	domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
	20 min.	20 min.					
Variados							
Ataques pp	5 min.	5 min.					
Trilos labiais	5 min.	5 min.					
Escalas	15 min.	15 min.					
Sons <i>bouché</i>	5 min.	5 min.					
Transposição	5 min.	5 min.					
Kopprasch nº15	15 min.	20 min.					
Gallay, opus 27 nº23	20 min.	10 min.					
Maxime Alphonse, Livro 4 nº17	25 min.	30 min.					
Excertos de Orquestra	20 min.	20 min.					
Mozart, Concerto nº 3	30 min.	10 min.					
Schubert, Octet	10 min.	20 min.					
Total	2h55min	2h30min					

Anexo 3 – Tabela de Estudo Individual segundo Froydis Ree Wekre

	segunda- feira	terça- feira	quarta- feira	quinta- feira	sexta- feira	sábado	domingo
Vibração dos lábios							
Tocar com o bocal							
Aquecimento, ligado							
Escalas e Intervalos, ligados							
Escalas e Intervalos, separado							
Trilos labiais							
Flexibilidade							
Som sustentado							
Fortíssimo							
Técnica de Trompa Natural							
Estudos							
Excertos de Orquestra							
Lista pessoal							
Literatura solista							
Transposição							
Sons <i>bouché</i>							
Leitura à primeira vista							
Leitura na Clave de Fá							
Treino mental							
Exercícios de respiração							
Etc.							
Total							

Anexo 4 – Tabela de Ocupação Semanal, Aluno A

	8h30-9h30	9h30-10h30	10h30-11h30	11h30-12h30	12h30-13h30	13h30-14h30	14h30-15h30	15h30-16h30	16h30-17h30	17h30-18h30	18h30-19h30	19h30-20h30	Total	Novo Total
segunda-feira													Ca. 5h30	Ca. 3h30
terça-feira													Ca. 4h30	Ca. 3h
quarta-feira													Ca. 2h30	Ca. 2h
quinta-feira													Ca. 6h30	Ca. 4h
sexta-feira													Ca. 8h30	Ca. 6h30
sábado													Ca. Mais de 4h	
domingo													Ca. Mais de 4h	

	Períodos de tempo curriculares preenchidos de aulas (Ensino Regular e Vocacional)
	Períodos de tempo curriculares preenchidos pela aula de Instrumento (Trompa)
	Períodos de tempo não curriculares que constituem tempo útil de estudo e, nos quais, o aluno deverá procurar completar as tarefas propostas na tabela de estudo individual.
	Períodos de tempo não curriculares em que é dada maior liberdade ao aluno para optar constituir tempo útil ou não de estudo, por estarem suscetíveis a necessidades pessoais (Refeições) ou atividades extracurriculares.
	Períodos de tempo necessários a deslocações, higiene pessoal após aula de E. Física, encerramento da Academia de Música ou por encontrar na escola de ensino regular na qual não pode praticar instrumento.

Anexo 5 – Tabela de Estudo Semanal, Aluno A

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado	domingo		SUGESTÕES	Tempo
Aquecimento									<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios técnicos de base da Trompaⁱ; - Semanal do Trompistaⁱ; - Compêndioⁱⁱⁱ; - Froydis^{iv}; - Farkas^v; - Ab Koster^{vi}; - Dufrasne^{vii}; - Oscar Sala^{viii}; - David Johnson^{ix}; 	De ca. 30min a ca. 60min
Outros									<ul style="list-style-type: none"> - Ataques (pp – ff) - Trilos Labiais - Sons Bouché - Tonalidades (Escalas Maiores, Menores e Cromáticas e Arpejos) - Transposição - Som sustentado - Flexibilidade - Registo (grave – agudo) - Respiração 	Ca. 10min Ca. 10min Ca. 10min Ca. 30min Ca. 10min Ca. 10min Ca. 10min Ca. 10min
Estudos										Ca. 30 min.
Obras										De ca. 60min. a ca. 90min.

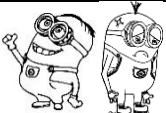
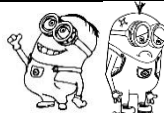
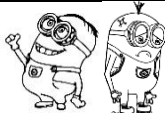
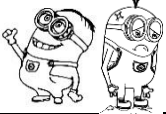
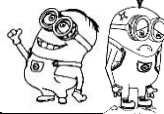
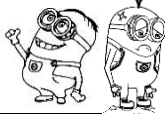
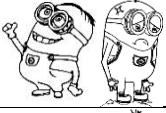
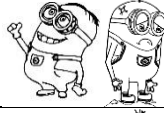
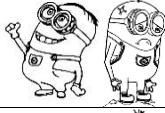
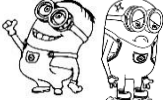

Anexo 6 – Tabela de Ocupação Semanal, Aluno C

	9h00-10h00	10h00-11h00	11h00-12h00	12h00-13h00	13h00-14h00	14h00-15h00	15h00-16h00	16h00-17h00	17h00-18h00	18h00-19h00	19h00-20h00
segunda-feira											
terça-feira											
quarta-feira											
quinta-feira											
sexta-feira											
sábado											
domingo											

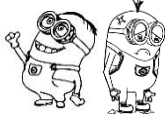

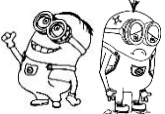
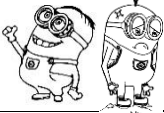
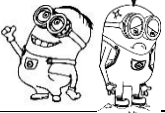
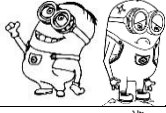
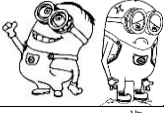
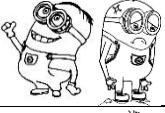
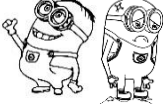
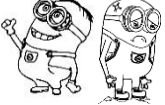
	Periodos de tempo curriculares preenchidos de aulas (Ensino Regular e Vocacional)
	Periodos de tempo curriculares preenchidos pela aula de Instrumento (Trompa)
	Periodos de tempo com atividades extracurriculares
	Periodos de tempo não curriculares que constituem tempo útil de estudo e, nos quais, o aluno deverá procurar completar as tarefas propostas na tabela de estudo individual.
	Periodos de tempo não curriculares em que é dada maior liberdade ao aluno para optar constituir tempo útil de estudo ou não, por estarem suscetíveis a necessidades pessoais (Refeições) ou atividades extracurriculares não previstas, orgânica familiar, entre outros.

Anexo 7 – Tabela de Estudo Semanal, Semana 1, Aluno C

segunda-feira		Já está'	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Só o 2 e o 3!			
Escala	Dó Maior. Fácil!			
Estudo	Vá, só uma vez. Mas LENTO!			
Peça	Uma vez e já está!			








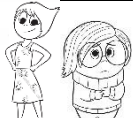




terça-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Hoje é o 2 e o 4. E o 5 como Bónus!			
Escala	Dó Maior, outra vez. Esta é fácil!			
Estudo	Só uma vez. Tempo normal!			
Peça	Uma única vez!			


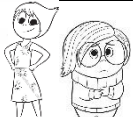
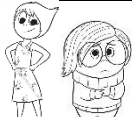









quarta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	O 1, o 3 e o 5. Não é fácil, Mas eu consigo!			
Escala	Hoje não faço!			
Estudo	Só uma vez. Hoje, LENTO.			
Peça	Só mesmo uma vez!			

quinta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	É rápido, até. 2, o 3 e o 5.			
Escala	Hoje tem de ser. Dó Maior!			
Estudo	Só uma vez, Normal.			
Peça	Já está a ficar Memorizada.			







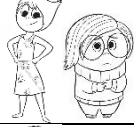





sexta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Último dia! 4 e 5.			
Escala	Dó Maior!			
Estudo	Sem paragens!			
Peça	Como num concerto.			

Anexo 8 – Tabela de Estudo Semanal, Semana 2, Aluno C

segunda-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Só o 2 e o 3.			
Escala	Dó Maior!			
Estudo	Sem paragens!			
Peça	Como num concerto.			





terça-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Só o 4 e o 5!			
Escala	Dó Maior e Sol Maior. Fácil!			
Estudo	Vá, só uma vez. Mas LENTO!			
Peça	Uma vez e já está!			

quarta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	O 1, o 3 e o 5. Não é fácil, Mas eu consigo!			
Escala	Hoje não faço!			
Estudo	Só uma vez. Hoje, LENTO.			
Peça	Só mesmo uma vez!			

quinta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Hoje é o 2 e o 4. E o 5 como Bónus!			
Escala	Sol Maior, outra vez. Esta é fácil!			
Estudo	Só uma vez. Tempo normal!			
Peça	Uma única vez!			

sexta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	É rápido, até. 2, o 3 e o 5.			
Escala	Hoje tem de ser. Dó Maior e Sol Maior!			
Estudo	Só uma vez, Normal.			
Peça	Já está a ficar Memorizada.			








Anexo 9 – Tabela de Estudo Semanal, Semana 3, Aluno C

segunda-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Só o 2 e o 3!			
Escala	Dó Maior. Fácil!			
Estudo	Vá, só uma vez. Mas LENTO!			
Peça	Uma vez e já está!			

terça-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Hoje é o 2 e o 4. E o 5 como Bónus!			
Escala	Dó Maior e Ré Maior. Fácil!			
Estudo	Só uma vez. Tempo normal!			
Peça	Uma única vez!			

quarta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	O 1, o 3 e o 5. Não é fácil, Mas eu consigo!			
Escala	Hoje não faço!			
Estudo	Só uma vez. Hoje, LENTO.			
Peça	Só mesmo uma vez!			

quinta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	É rápido, até. 2, o 3 e o 5.			
Escala	Hoje tem de ser. Ré Maior!			
Estudo	Só uma vez, Normal.			
Peça	Já está a ficar Memorizada.			

sexta-feira		Já está!	Como é que correu?	O que é que os meus pais acham?
Exercícios Técnicos de Base da Trompa	Último dia! 4 e 5.			
Escala	Ré Maior!			
Estudo	Sem paragens!			
Peça	Como num concerto.			

Anexo 10 – Tabela de Ocupação Semanal, Aluno D

	8h00-9h00	9h00-10h00	10h00-11h00	11h00-12h00	12h00-13h00	13h00-14h00	14h00-15h00	15h00-16h00	16h00-17h00	17h00-18h00	18h00-19h00	19h00-20h00
segunda-feira												
terça-feira												
quarta-feira												
quinta-feira												
sexta-feira												
sábado												
domingo												

	Períodos de tempo curriculares preenchidos de aulas (Ensino Regular e Vocacional)
	Períodos de tempo curriculares preenchidos pela aula de Instrumento (Trompa)
	Períodos de tempo com atividades extracurriculares
	Períodos de tempo não curriculares que constituem tempo útil de estudo e, nos quais, o aluno deverá procurar completar as tarefas propostas na tabela de estudo individual.
	Períodos de tempo não curriculares em que é dada maior liberdade ao aluno para optar constituir tempo útil de estudo ou não, por estarem suscetíveis a necessidades pessoais (Refeições) ou atividades extracurriculares não previstas, orgânica familiar, entre outros.

Anexo 11 – Tabela de Estudo Semanal, Aluno D

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado	domingo	Sugestões	Tempo
Aquecimento	- ETBT (1, 3, 6, 9, 10)	- ETBT (2, 4, 5, 9, 10)	- ETBT (3, 6, 8, 9, 10, 11)	- ETBT (1, 4, 5, 7, 9, 10)	- ETBT (2, 4, 8, 9, 10, 11)			- Exercícios técnicos de base da Trompa	De ca. 5min a ca. 15min
Outros	- Solfejo sustentado - Som - Tonalidades (Maiores até 2 alterações e Arpejos)	- Solfejo - Tonalidades (Menores até 2 alterações e Arpejos)	- Respiração - Tonalidades (Maiores até 2 alterações e Arpejos)	- Som sustentado - Tonalidades (Menores até 2 alterações e Arpejos)	Respiração - Tonalidade da semana (Escala Maior e Menor e Arpejos)			- Tonalidades (Escalas Maiores, Menores e Cromáticas e Arpejos) - Som sustentado	Ca. 10 min Ca. 5 min
								- Solfejo	Ca. 5 min
								- Respiração	Ca. 3 min
Estudos	- Estudo da semana (Lento 2 vezes; meio forte)	- Estudo da semana (Lento 2 vezes; piano)	- Estudo da semana (Lento 2 vezes com dinâmicas escritas)	- Estudo da semana (um pouco abaixo do tempo com dinâmicas escritas)	- Estudo da semana (Lento 1 vez e como escrito)				Ca. 5min
Obras	- Obra da semana (Lento 2 vezes; piano/meio piano)	- Obra da semana (Lento 2 vezes; meio forte)	- Obra da semana (Lento 2 vezes com dinâmicas escritas)	- Obra da semana (um pouco abaixo do tempo com dinâmicas escritas)	- Obra da semana (Lento 1 vez e como escrito)				De ca. 5min a ca. 15min